

ENCONTROS DE ESCRITORES E JORNALISTAS DA BAIRRADA



COMUNICAÇÕES

Organização, abertura e notas por Arsénio Mota



ajeb

ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS E ESCRITORES DA BAIRRADA

ENCONTROS
DE ESCRITORES
E JORNALISTAS
DA BARRADA.

COMUNICAÇÕES

bibRIA

bibRIA

ENCONTROS
DE ESCRITORES
E JORNALISTAS
DA BAIRRADA



COMUNICAÇÕES

biblioteca



Colecção Pedras do Lar

Oiã, Suas Terras e Gentes
por Amor Pires Mota

Encontros de Escritores e Jornalistas da Bairrada • Comunicações

Biblioteca de Autores Bairradinos

Letras Bairradinas — Antologia,
org. por Arsénio Mota.

In vino veritas — No Vinho a Verdade
contos por António Breda Carvalho.

Subsídios para a História da Vinha na Bairrada (sécs. X e XII),
estudo por Deniz de Ramos, a sair

bibRIA

ENCONTROS DE ESCRITORES E JORNALISTAS DA BAIRRADA



COMUNICAÇÕES

bibRIA

Organização, abertura e notas por Arsénio Mota



ajeb

ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS E ESCRITORES DA BAIRRADA

FICHA

Título: Encontros de Escritores e Jornalistas da Bairrada - Comunicações

Autores: Vários

Colecção: Pedras do Lar

Edição: Associação de Jornalistas e Escritores da Bairrada

Apartado 47 - 3781 Anadia Codex

Tiragem: 1000 exemplares (1ª edição)

Data: Abril de 1991

Capa: Foto de Arsénio Mota

Fotocomposição e Impressão:

Gráfica Firmeza, Lda.

Rua da Boavista, 302

4000 Porto

Depósito Legal N.º 48380/91

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

bibRIA

ESTA EDIÇÃO TEM O PATROCÍNIO DO
GOVERNO CIVIL DE AVEIRO
E DA JUNTA DE TURISMO DE LUSO-BUÇACO

ABERTURA

COLIGEM-SE neste livro todas as comunicações apresentadas nos três Encontros de Escritores e Jornalistas da Bairrada já realizados e as respectivas conclusões finais.

Deste modo, o presente volume corporiza de forma palpável o fruto inteiro até agora gerado pelos Encontros.

Não será "tudo" (falta aqui o conteúdo, mesmo resumido, dos debates), mas será do melhor. De facto, os Encontros devem ser encarados como a expressão mais flagrante de um movimento cultural-literário que pretendeu, e pretende, ir até às fronteiras da identidade regional num tempo em que não tremeluzia na Bairrada um traço único de vigência cultural autêntica porque todos perdera ou perdia inexplicavelmente. (E, no entanto, a antologia "Letras Bairradinas", recentemente publicada, pretende demonstrar que a região possui de facto uma literatura, embora se encontre jazendo esparsa sob lousas frias de poeiras e cinzas acumuladas!)

Os três primeiros Encontros, organizados pessoalmente por mim, mostraram-se bem determinantes. Deles resultou nomeadamente a criação pública da AJEB, em Janeiro de 1990, e, antes, a promoção do "Prémio Literário Região da Bairrada" - 1989. Os Encontros ficam como a expressão mais notória da vontade de um grupo de pessoas (cada vez mais numeroso, qualificado), que querem descobrir as suas raízes reconhecendo-se nas suas seivas porque não encaixam nas eiras do provincianismo tapado e chocho, antes porque se sentem inseridos na dimensão cósmica.

As pessoas envolvidas por este movimento cultural-literário têm algo em comum: utilizam a palavra como veículo informativo ou como elemento estético. São jornalistas profissionais, colaboradores da Imprensa ou da Rádio, autores de livros (de poesia, ficção, estudos vários), ou são simples estudiosos. Nasceram ou estão, de qualquer modo, ligados à região da Bairrada.

Trata-se de um movimento cultural sério que se vai impondo pela sua própria autenticidade perante os incrédulos e outros juízes (de almas projectadas na inefável tela do Chiado ardido) e perante todos os nefelibatas da terra-de-nenhures.

O primeiro Encontro de Escritores e Jornalistas da Bairrada realizou-se no hotel das Termas da Curia, sábado, dia 1 de Outubro de 1988. Registou apenas nove comunicações, que foram objecto de debate.

O Encontro do ano seguinte decorreu no fim de semana de 30 de Setembro e 1 de Outubro, em Pampilhosa e Luso, com sessão de encerramento no hotel Palace do Buçaco. O Gedepa, colectividade da Pampilhosa, deu apoio logístico mediante subsídios que recebeu de entidades diversas. Reuniu quinze comunicações, igualmente submetidas a debate pela assistência por proposta do organizador.

As conclusões, aprovadas nestes dois Encontros, procuraram captar o essencial dos aspectos práticos e concretos suscitados pelas comunicações e os debates, mas as dificuldades da tarefa aconselharam o organizador a formar uma comissão (Deniz de Ramos, Idália Sá-Chaves e António da Silva Neves) para de tal se incumbir aquando do Encontro seguinte.

O terceiro Encontro de Escritores e Jornalistas da Bairrada decorreu dia 29 de Setembro de 1990, nos Paços do Concelho e na Escola Secundária de Oliveira do Bairro. Registou dezasseis comunicações, uma das quais pelo presidente da Câmara Municipal local, que apoiou a iniciativa e acompanhou a jornada. Ao encerramento presidiu também o governador civil de Aveiro.

Foi, recorde-se, o derradeiro Encontro que o signatário promoveu. De futuro, a organização incumbe à Direcção da AJEB.

As quatro dezenas de textos que neste volume se imprimem versam temas e questões de grande interesse para o ressurgimento cultural da Bairrada. Focam figuras e património, história e etnografia, conceitos do regional *versus* regionalismo, identidade cultural, etc.

Subscvem-nos 33 autores, naturalmente possuidores de variadas formações, tendências e caracteres.

Importa salientar a índole completamente aberta que os três Encontros tiveram. Participaram neles todos os interessados com as comunicações que espontaneamente entenderam dever fazer, ainda que, em certos casos (poucos) de relações interpessoais com boa confiança, o organizador tenha chegado a sugerir alguns dos respectivos temas, apenas isso. Unicamente num caso houve restrição: alguém quis falar do poeta António Aleixo, coisa justa mas deslocada em tal contexto.

As circunstâncias não permitiram recolher intervenções de participantes que apenas se ergueram na fase dos debates, produzindo embora, por vezes, intervenções de rara lucidez. Portanto, tiveram de ficar ausentes (forçosamente!) desta recolha contributos valiosos de pessoas assíduas só porque os Encontros nunca tiveram serviços de gravação...

Porém, foi possível ao organizador registar algumas alterações dos textos prévios das comunicações, introduzidas pelos respectivos autores no próprio momento da comunicação.

De qualquer modo, fique claro que o movimento cultural da Bairrada é capaz de abranger mais de uma trintena de indivíduos!

Como se diz adiante em voto expresso, a fechar o presente volume, sobre esta causa: "O cortejo começou a sair à rua, oxalá estes Encontros se transformem no mais longo cortejo de oferendas que a Bairrada já teve!"

Arsénio Mota
Presidente da AJEB

NOTA - Os textos aparecem ordenados por temas e autores. O Encontro a que respeitam aparece indicado no *Índice* a seguir ao título, por exemplo (1^o), (2^o) ou (3^o). Cada autor é referido numa pequena ficha biobibliográfica, que indica (por esta mesma ordem) lugar e data do seu nascimento, residência e profissão, obras que produziu e outras informações pessoais sucintas sempre que disponíveis.

MANUEL ALVES SARÇA ARDENTE

Por Paulino Mota Tavares
e José Machado Lopes

*"A terra, uma vez aberta pelos dentes aduncos
do enxadão, dá seiva bastante às árvores, e, ras-
gada pela relha, fá-las produzir copiosa safra: é
com o amanho do solo que deves sustentar a
oliveira, tornando-a farta e grata à nossa Paz"*
(Vergílio, *Geórgicas*, Livro II, 423-425)

EM Agosto de 1902, dizia Tomás da Fonseca:

"Poeta, cantava. Operário, trabalhava. De dia no campo, à noite na oficina. A sua vida era uma epopeia em dois cantos: moldar o ferro e iluminar as almas.

Durante o dia, a sua enxada ia por toda a parte, volver a terra, abrir caminho à vida. Pela noite fora, despertava os ecos da solidão, malhando na bigorna... Seus versos são rebeldias e, além de tudo, protestos em nome dos seus iguais, esse Povo heróico e sofredor."

Mas:

"Eu nasci na gruta escura,
Junto à urze fui criado;
Sempre de pão acanhado,
Sem ter a esperança futura,
Não segui a literatura
Por viver sempre tão pobre..."

Paulino Mota Tavares, Nazaré, 27/04/1938. Coimbra, bancário. Colabora em jornais e revistas.

José Machado Lopes, Caconda (Angola), 04/07/1940. Mealhada, bancário. Publicou livro sobre o Luso, 1987, e tem inédito "Mealhada, Tempo e Vida". Presidente do Gedepa, Pampilhosa.

Não tendo pão que me sobre
P'ra sustentar minha mãe
Vou ganhando algum vintém
Com trabalho, que é tão nobre."

Sem ter vinha nem celeiro, como soube cantar o campo e o trabalho:

"Vou cantar a vida rude,
Os campos, a natureza...
Mora no campo a riqueza,
A liberdade e a saúde.
Eis do trabalho a virtude,
Eis da vida o alimento:
O trabalho dá sustento,
O trabalho enxuga o pranto...
Meus companheiros de campo,
Aproveitemos o tempo!"

Da geração dos cantadores-troveiros, querido das multidões, aldeia em aldeia, Bairrada em fora:

"Vou a muitos arraiais
Para ouvir e apreciar;
Também gosto de cantar
Quando cantam outros mais,
Mostrando sempre sinais
Duma força diminuta.
Quando o poviléu se junta,
Em terra onde sou estranho,
São as honras que eu apanho:
«Cantas bem, filho da puta!»"

Homem de cara limpa, verdade na alma, combatia mais do que lamentava. Homem do Povo, Povo de onde brotam as energias que empurram o processo histórico, mas tantas vezes ignoradas pela História.

A luta trouxe-lhe dissabores:

"Meus versos estão fechados,
E eu para eles morri..."

Estes que eu canto hoje aqui
Fui pedi-los emprestados.
Os meus foram protestados
Por uma infame mão,
Que jurou tentar acção,
Fazer guerra à poesia...
Mesmo quem m'os escrevia
De escrever cansou a mão!

Os pastores da Galileia,
Junto à lapa de Belém,
Cantaram versos também
A Cristo, rei da Judeia...
Mas hoje a moderna ideia
Ao verso chama defeito!
Consta que certo sujeito
Mandou já pôr editais
Para eu não cantar mais
Os versos que tenho feito!

O grande João de Deus,
Esse poeta moderno,
Por versos mostrou o inferno,
Por versos falou dos céus!
Por que razão é que aos meus
Se proíbe a execução,
Quando muitas vezes vão
Cingir a honra entre a palma!?
Ai, versos da minha alma,
Por eles sinto paixão!"

"Que importa que alguns senhores
Me negem o pensamento?
Há de burros mais dum cento
Com o título de doutores!
Mas porque são possuidores
De centenares de cruzados,
Julgam que sobre os montados
Só medram bestas de carga!
Têm razão: a vida amarga

É herança dos desgraçados."

Sonhou melhores dias, ruma ao Brasil. Aí sente na carne a amargura da saudade:

"Pela pátria chorei tanto
Quando me vi no Brasil!
Soltei lágrimas às mil,
Dei liberdade ao meu pranto;
Chorei o meu torrão santo,
O melhor de todo o mundo,
Chorei lágrimas do fundo
Do meu triste coração.
Adeus paz, adeus Nação,
Adeus, ó viver jocundo!

Vem, ó Deus, ser meu barqueiro,
Leva-me à minha Lisboa
Ver de perto a alma boa
Dum povo que é marinheiro.
Leva-me ao real mosteiro,
Ao convento de Belém,
Leva-me, ó Deus, mais além,
Ao norte de Portugal,
À minha terra natal,
A casa da minha mãe!...

Rio de Janeiro, 1887"

Afonso Lopes Vieira, o poeta de S. Pedro de Muel, escreve: "Este surpreendente homem de génio afigura-se-nos uma encarnação milagrosa da alma imortal do povo que, rompendo a crosta da apagada e vil tristeza que o Estado, em Portugal, cultivava com método e amor, produziu um grande poeta — que pôde cantar! (...) Suando na forja, cavando a terra e cantando as suas redondilhas belas e bárbaras, consola-me em muito da desolação com que sinceramente temos de encarar a nossa gente privilegiada. (*Lisboa, 1903*)"

E morreu Manuel Alves!

Mestre Rodrigues Lapa resumiu numa curta frase e frente ao busto (quando da visita do GAAC — Grupo de Arqueologia e Arte do Centro — Coimbra, anos atrás): "é a voz inteira da Bairrada!"

"Foi por um dia de sol — 25 de Agosto de 1901 — que nós levámos a enterrar o cantador Manuel Alves.

Manhã de luz intensa.

Nas sebes dos valados nem o treno duma ave... Os cantores das balsas pareciam chorar silenciosos a morte do seu antigo camarada. Apenas na ramagem dos pinheiros as cigarras entoavam o seu canto cheio de violência e desespero, como que a dizerem-nos que os seus pequenos corações se despedaçavam, que também estavam tristes, elas que são a imagem do boémio que ri e canta noite e dia, sem preocupações de vida.

Sucediam-se os vales e as planícies, mas a tristeza dos nossos corações, essa continuava sempre. Seríamos uma centena, e contudo, nesse percurso dalguns quilómetros, nem um murmúrio caiu dos nossos lábios.

Piedosa romagem de peregrinos, cortejo santo, em que o cário bento era o sol, e sacerdotes todos nós.

Ao longo das estradas, assomavam os lavradores a ver passar o corpo inerte do seu amado cantador, trazendo uma saudade, evocando uma data.

Ah! quantas vezes ele, roto e descalço, tinha ido às suas romarias espalhar as doces alegrias do seu canto, que caíam como bênçãos dos céu, ao coração dos descontentes. Era ele, também a nota alegre das desfolhadas, a gargalhada franca das aventuras inocentes, o doce palrador de serões e bailados. E se alguma tristeza os enlutava era ele, ainda, o primeiro a vir suavizar-lha na harmoniosa ternura dos seus versos."

(Tomás da Fonseca-Agosto de 1902)

Por morte, duas últimas quadras:

"Rompe a flor, brilha o momento
Ei-la em breve aos pés calcada
Assim passa a vida humana
Do berço à fria morada."

"Aqui findam as vaidades
Com que o mundo nos seduz

Aqui há paz há descanso
À sombra da eterna cruz.”

Versos de Manuel Alves, à entrada do cemitério da Conchada em Coimbra.

Manuel Alves, sarça ardente na memória bairradina!...

bibRIA

LEMBRANÇA PARA O POETA CAVADOR

Terra-mãe de todas as coisas e horizontes.
Aqui nasceu o poeta que nunca conheceu
o rigor da escrita
mas sabia de cor o canto e a voz redonda das fontes.
Irmão do sol, irmão do vento,
filho da madrugada
sacramento amargo de todas as raízes.
Frequentou chuvas e invernos,
conheceu as cores e os matizes,
as agonias e os infernos de quanta privação
se inscreve
no espírito e no coração do povo
por reconhecer.
Ele aí está, o cavador dos sonhos
que arranca do chão o vinho e a palavra original.
O pão recortado de longas amarguras;
a força que o verga e desespera
pula no corpo vegetal das espigas maduras
e obriga-o ao verso inesperado e repentino.
Sob o olhar divino dos pássaros,
ao som gregoriano das águas iniciais,
debaixo das roucas trovoadas
e dos trajectos nocturnos e siderais
ele aguardou como um crente
o amor e a justiça por fazer.
Mostrou ao rei e ao louco as mãos sábias do esforço
mas a cobiça do poder recusou a atenção e o olhar
deu-lhe a enxada, a erva brava, o cardo, a terra por lavar
mas a escola não
porque é difícil ensinar o poeta a ler e a sossegar.
Imensa e larga a coragem
e a vida amarga que nos emprestas,
poeta cavador, que à terra lançaste
a semente e a dor, misturada em seiva,
em sexo, em furor, poeta grande como o mundo
poeta grande como a gente que nas mãos
ergue a enxada, o remo, a foice, o barro,

a força e a labareda das revoluções
que a palavra livre e firme também promove e alimenta.
Aqui te deixamos a lembrança do país
cansado
e a esperança que sustenta o pecado de sonhar.
Virá o dia em que a geometria das plantas
vastas e nuas
agredirá o corpo ondulante da cidade
e no sítio onde cantaste liberdade
serão alarme os poemas e charruas.

Paulino Mota Tavares

bibRIA

POETA CAVADOR

À memória de Manuel Alves,
de Vale de Boi.

Por Eduardo Martins Meireles

PELA vida passaste, humildemente,
Cavando a terra com a tua enxada!
E ao mesmo tempo a lira era vibrada
Na tua pura alma florescente.

Nesta Bairrada, ela ficou assente
Em espirais de sonho, aureolada.
De geração em geração, cantada
Sempre mais doce, harmoniosa e crente.

Quem como tu, poeta cavador!
Sofrendo privações, soube cantar,
Merece um louvor justo e destacado!

Dorme sonhando, eterno sofredor!...
Que eu sinto imensa mágoa ao murmurar:
Descansa em paz... poeta desgraçado!

1988

Eduardo Martins Meireles, Moita, Anadia, 02/04/1926. Coimbra, aposentado. Autor do poema "Mar de cinzas" e outros, inéditos. Participou em todos os Encontros, declamando poesias.

MANUEL ALVES O POETA DA REVOLTA

Por António da Silva Neves

NASCEU em 15 de Outubro de 1843 e morreu em 24 de Julho de 1901 no lugar de Vale do Boi, freguesia da Moita, concelho de Anadia. Foi poeta popular e versátil: por ele passou o amor e a morte, a tristeza e a vida, o sentimento e a alegria, a ironia sem piedade e o erotismo, a sentença tradicional de efeito sossegado e a... revolta. Desta vez iremos tão somente falar de Manuel Alves, o poeta da revolta.

Para haver revolta terá de haver descontentamento, desajustamento num mundo para muitos, alguns bem feito e certinho, e, a partir daí, terá de haver a vontade de revelar esse desajustamento, de fazer nascer a revolta por actos ou por palavras.

Manuel Alves haveria de revoltar-se... por palavras, em vão. Se há homens, se há poetas perseguidos pelo infortúnio, pela infelicidade, o Alves é um deles. Dir-se-á até ser tal infortúnio o preço da sua notabilidade em feiras e romarias, o preço pelo seu valor de poeta repentista e de mérito.

Lutou e muito por melhor sorte: trabalhador da enxada, transformou-se em ferreiro; enfrentando má vida em Portugal, emigra para o Brasil — de nada lhe valeu, a triste sorte havia de ser sempre o seu fado.

António da Silva Neves, Trancoso, 01/02/1941. Anadia, conservador do Registo Predial. Publicou os livros "Contos Peninsulares", 1981, "Cadernos dum Professor Primário", 1982, e "Bandarra, profeta de Trancoso", 1989. Colabora na Imprensa Regional.

Repisemos, portanto, os passos mais assinaláveis da sua má sorte e revolta:

1º - Nasce e apenas conheceu a mãe: o pai era incerto. Tinha já uma irmã de 4 anos de idade, Maria Alves. A mãe era jornaleira, nada teria de seu dos bens deste mundo, não poderia, portanto, proporcionar um lar normal, estável, ao recém-nascido. Este dirá mais tarde:

"Eu nasci na gruta escura..." etc.

2º - Não havia pão, mas os irmãos principiaram a aparecer, vindo alguns a morrer. Nasceram Crispiano, Abel, Diamantina. Assistirá às mortes dos irmãos Crispiano, Abel, Diamantina, da avó Rosa Maria e do avó José Alves. A morte era, portanto, um factor de meditação na vida do Alves:

"Tornados em cinza e pó..." etc.

3º - As irmãs Maria e Joaquina Alves começam a ter filhos, filhos, está visto, sem a paternidade determinada. Da irmã Maria nascerão: Silvina, António, Florinda, Maria e Jaime. Estes dois últimos morrerão cedo. Na morte do Jaime, falecido em Vale de Boi em 18 de Janeiro de 1887, fará os sentidos versos:

"Ó terra, aí tens o meu sobrinho..." etc.

4º - Por sua vez Joaquina Alves dará à luz Piedade, Miquelina, Maria, Vergílio, Adelaide e Rosalina, e virá a falecer em 2 de Junho de 1888, deixando órfãos, ao abandono, seis inocentes. Datam de então os versos do Alves:

"Tenho honra em sustentar..." etc.

5º - Não eram apenas as desgraças familiares a entristecerem o poeta. Além da vida de miséria, da responsabilidade familiar, havia a perseguição de certos padres e funcionários públicos, chegando-se a publicar editais a proibi-lo de cantar em feiras e romarias:

"Morri, já não sou poeta..." etc.

6º - Em plena monarquia, é também um espírito rebelde a tal regime, manifestando-se várias vezes em verso contra os reis de Portugal. Por exemplo:

"D. Luís nunca fizeste..." etc.

7º - Emigra para o Brasil: os versos de *Saudades da Pátria* são expressivos do seu infortúnio nas terras do Brasil, onde lhe falta a liberdade e a justiça sentida em Portugal:

"Pela Pátria chorei tanto..." etc.

Sozinho, triste, abandonado, tendo arruinado a saúde no Brasil, volta a Portugal para morrer... para, finalmente, e antes da morte, encontrar um amigo jovem, Tomás da Fonseca, ver os seus versos em letra de forma, ver o seu livrinho publicado. A revolta estava expressa nos seus versos a par do lirismo e do sentimento populares.

FAUSTO SAMPAIO UMA PESADA HERANÇA DE BRILHO E COR

Por António da Silva Neves

FAUSTO Sampaio é, por excelência, o pintor de Anadia, a figura cultural que importa, de sobremaneira, realçar. Nasceu em Alféolos, freguesia de Arcos, concelho de Anadia, em 4 de Abril de 1893, e faleceu em Lisboa em 4 de Abril de 1956. Sintetizemos as *étapes* principais da sua carreira artística: Começa a pintar com 19 anos e com 33 anos vai estudar para Paris, onde frequenta a "Académie Julian", a "Académie Renard" e a "Académie La Chaumière", concorrendo ao "Salon" em 1928 e 1929. Neste ano faz a primeira exposição em Lisboa. Viaja muito pelo antigo Ultramar, onde pinta uma obra notável: assim, em 1934 parte para S. Tomé, em 1936 para o Oriente (Macau e Timor), vai à Índia, onde permanece dois anos. Regressando, fixa-se em Anadia e procura focar os aspectos populares do seu distrito natal. Em 1946 parte para a África do Sul. Colaborou na "Exposição do Mundo Português". Era membro da "Sociedade de Belas Artes de Lisboa" e membro honorário do "Instituto Vasco da Gama", de Goa.

Descobrimo-lo pela primeira vez no Museu das Caldas da Rainha, onde contemplámos alguns quadros que ali se encontravam em depósito, particularmente a *Volta da Romaria*. Gente de Anadia retratada no quadro chegou a deslocar-se às Caldas para se contemplar, narrando-se aspectos anedóticos da reacção das figuradas que, entretanto, tinham envelhecido muito e perdido todo o frescor que o quadro traduzia. Numa livraria de Lisboa descobrimos, um dia, estampas deterioradas e estragadas que

reproduziam quadros de Fausto Sampaio pintados no Oriente, nomeadamente interiores de uma casa de Macau e paisagens de Timor. Em Maio de 1986 os escuteiros de Anadia organizaram uma pequena exposição do pintor com 12 quadros cedidos pela família. Em Julho de 1987 é organizada outra exposição no Casino do Luso com quadros igualmente cedidos pela família. Dos apontamentos então tirados escrevemos uma crónica no "Semanário da Região Bairradina", nº 35, de 10 de Março de 1988, onde expressávamos a nossa opinião sobre o pintor.

Na casa onde residiu em Anadia, na Praça principal, ao lado do Jardim, onde trabalhava nos seus quadros e respectivas molduras, conservam-se centenas de obras suas que poucas pessoas, relativamente, tiveram a oportunidade de apreciar. As filhas do pintor, Teresa Costa Macedo e Maria José Sampaio, orgulhosas do importante espólio de seu pai, têm-no guardado com afinco e apreço, procurando até não se desfazerem de tal espólio e muito menos vendê-lo, para que os quadros do pintor mantivessem no mercado o seu valor comercial face às leis da oferta e da procura. Fausto Sampaio teve ainda um filho que haveria de morrer em Moçambique na guerra colonial.

Tendo nós corrido muitos dos museus portugueses, tendo visitado algumas casas-museus, lembramo-nos particularmente dum quadro de Fausto Sampaio na Casa-Museu Bissaya Barreto, em Coimbra. Fausto Sampaio não aparece, como devia e merecia, nos museus portugueses, não é referência, não é citação como outros pintores. O pintor hoje, para estar vivo, precisa que a sua obra esteja em contacto permanente com o público. O grosso da obra de Fausto Sampaio pertence às filhas que têm o dever e o encargo, filial e moral, de levar essa obra até às massas, de corresponder ao carácter profundamente popular do pintor, já que a sua obra é também um documento etnográfico. Celebrar o pintor é mostrá-lo e dá-lo a conhecer. A luz não pode brilhar debaixo do alqueire.

ARTE PICTÓRICA NA BAIRRADA

Por Guilherme Maia

No nosso 1º Encontro, efectuado na Curia, eu acentuava a certa altura: "Mas, admiravelmente, Póvoa do Garção deve-se orgulhar de haver sido berço de mais um génio fora de série, que foi incontestavelmente David de Almeida Pinto". É realmente para se repensar na remota "Villa de Garcioni", onde os valores não deixam de desabrochar. E daí que um outro superdotado nasceu também no pacato lugar de Póvoa do Garção. Trata-se nomeadamente de Álvaro Cerveira Pinto. A confirmá-lo, aí tendes a transcrição da "História e Apontamentos do Concelho de Mealhada", de Adelino de Melo: "Em 25 de Setembro de 1910, o túmulo no cemitério de Ventosa cerrou-se sobre o cadáver do distinto estudante Álvaro de Cerveira Pinto, da Póvoa do Garção, que era um primoroso caricaturista, e dum coração aberto a todas as ideias grandes e generosas.

A esse moço académico estava, por certo, reservado um futuro grandioso. Era filho do Dr. Jaime Cerveira Pinto. El-Rei D. Carlos, admirado pelos seus trabalhos de desenho e escultura, ofereceu-se para o mandar cursar a Escola de Belas-Artes de Paris, o que não se efectuou por a família do finado dele se não querer apartar.

Esta "criança", por sua desdita, morreu aos 14 anos, acometido de um ataque de meningite.

Guilherme Maia Nogueira, Tamengos, Curia, 10/06/1932. Póvoa do Garção, Mealhada, aposentado. Escreve poesia e colabora em jornais e rádios regionais.

Com efeito, tratava-se de um prodígio, pois com 5 anos já lia e escrevia correctamente. E segundo versão de alguns familiares, quando alguém lhe transmitia determinado recado para seus pais, ele se esquecia por vezes do nome desse alguém. Mas, rapidamente, esboçava num papel qualquer a caricatura da pessoa de uma forma espectacular.

Na sua quinta do Passeio, logo à entrada, de um lado e do outro, existem ainda duas casitas quadradas, suportando os gonzos dos portões de ferro. Duas palmeiras em constante vigília permaneciam de pé. É pena que o atroz vendaval derrubasse uma delas.

Os tempos rolaram, e a tão pitoresca quinta mudou de dono. Eu próprio, a certa altura, implorei aos actuais detentores que conservassem as casas com a estética original. Suponho que nisso fui atendido, pelo menos por agora. Os seus proprietários, que já haviam destinado a sua demolição, respeitaram o meu pedido, e as vigias de entrada ainda lá se conservam.

Era precisamente num desses retiros, de plena libertação, que o jovem prodígio dava forma às suas esculturas, com barro extraído dali mesmo, onde a água potável ainda hoje corre em cascata, por entre as raízes dos pinheiros.

Mais acima, já dentro da povoação, localiza-se a casa onde ele viu a luz do dia pela primeira vez, contudo com algumas alterações. Posteriormente foi habitada por novo proprietário, ainda seu parente, que lhe conserva como relíquia algumas pequenas esculturas. Pena foi que, na reconstrução do fogo, fossem desfeitas certas pinturas do jovem artista que decoravam o corredor.

Defronte situa-se a capela do Senhor dos Aflitos, que o "Alvarinho", assim lhe chamavam, ajudou a erguer. A imagem do Santo é obra sua, embora já houvesse sido restaurada, dada a degradação do decorrer dos anos. Mas a expressão angustiante do Senhor dos Aflitos, de olhos afáveis e castanhos, em sinal de súplica, é qualquer coisa que nos transcende. Os contornos são perfeitos, e só as mãos de um superdotado conseguiriam dar-lhe a forma do sofrimento e da dor que a imagem em si encerra.

Quanto a mais produções, D. Eva Maria Pinto Duarte Pega, de Mealhada, sobrinha do grande génio, e ela melhor que ninguém, nos poderá elucidar do espólio artístico das obras do pintor.

Em suma, estes valores merecem-nos respeito e admiração. Investigá-los na sua essência é enriquecer o património artístico da Bairrada. Acabe-se de vez com a megalomania: todo aquele que nasceu para a arte deve ser estimulado.

Segundo me informou José Castela, conceituado pintor bairradino, a direcção da Casa da Cultura de Mealhada impossibilitou-o de expor numa das suas salas. Isto passou-se no Verão de 1988. Mesmo assim, o incansável jovem, de 24 anos, não desanimou, e acto contínuo fez a exposição dos seus excelentes retratos a carvão e pastel no "Concerto-bar Fora de Horas", em Anadia.

Castela, natural da Mealhada, é um autodidacta convicto. Começou a pintar na vida militar, apenas com a 4ª classe. Trabalha de dia numa cerâmica e estuda na Escola Secundária de Anadia, num dos cursos nocturnos.

As suas admiráveis produções são bem o testemunho dessa verdade. Traduzem o génio sofredor da pessoa modesta e simples. Mas, incontestavelmente, mercê dos seus dotes artísticos, Castela procura a todo o custo superar as barreiras da bizzarria — e no futuro promete vir a ser um dominador na arte pictórica. Os retratos de figuras célebres servem-lhe de ponto de partida, mas ele nos afirma que o azulejo, como todo o desenho geométrico, é já uma constante que lhe move a alma, como os grandes mestres anónimos, que nos legam tão precioso património artístico.

Quanto a valores esquecidos da arte plástica, a Bairrada é fértil neste campo de primordial importância.

Sem desprezar D. Olinda Alves Simões, da Vimieira, nas estatuetas de barro, passamos a citar Manuel Barreto, de Ventosa do Bairro, nos seus surpreendentes trabalhos em madeira.

António da Silva Almeida, filho adoptivo de Mealhada, deslumbramos com os seus lindos painéis, especialmente no contraste de tonalidades.

As pinturas de Domingos Pires, da Pampilhosa, têm cunho universal.

Pelo exposto, a Bairrada, que viu crescer Fausto Sampaio, pode-se orgulhar de ser berço de verdadeiros artistas, que levam bem longe o nome da nossa tão encantadora região.

E se entre nós há jornalistas, poetas, prosadores, pintores e mesmo musicólogos de garra, urge unir as mãos e seguir em frente...

Mas ouçam a minha súplica: Nunca desprezem aquele que, havendo nascido com determinada vocação, pretende desabrochar da sua concha. Ajudem-no se possível a seguir o caminho da cultura.

DR. JOSÉ RODRIGUES O HOMEM E A SUA OBRA

Por Guilherme Maia

FALAR da Bairrada e manter no esquecimento o nome do Dr. José Rodrigues, é fugir às realidades históricas da nossa tão importante região. "O Couto de Aguim" é obra muito sua, e constitui-se numa das mais completas sinopses que os bairradinos já conheceram.

Nele se encontram as origens, quer no aspecto geográfico da sub-região, como ainda inclui os feitos dos barões ilustres, que tudo fizeram pela Bairrada.

Sem esquecer as demandas judiciais, o "Couto de Aguim" realça com toda a ênfase os valores humanos dos que aqui nasceram, ou por cá passaram, nomeadamente o poeta e escritor António Feliciano de Castilho, com raízes genealógicas de Aguim; o escultor Machado de Castro, que teve como madrastra Josefa Luísa Cerveira, de Aguim; o Visconde de Seabra, de Mogofores, ainda parente dos Castilhos; e o militar de carreira Francisco Xavier Machado, também de Aguim, que no Brasil foi companheiro de Joaquim José da Silva Xavier — o Tiradentes —, supliciado pelo envolvimento na "Inconfidência Mineira".

Este magnífico tratado refere-se a tantos outros, sempre com o mesmo vigor estilístico da prosa, inserindo, além do mais, breves biografias, extractos de documentos valiosíssimos e relatos epistolares que recordam épocas de antanho.

Mas reparai. A obra não se limita à nossa região. Ainda conjuga os factos a nível nacional. E daí, revela um caso curioso que vem ao encontro

dos laços que nos unem com a Galiza. A citação pertence-lhe, embora em consonância com o pensamento de Otero Pedrayo: "E meditando sobre ela, somos levados a pensar se não estará, porventura, ligada a uma reminiscência dum culto céltico de pedra. E da mesma forma, se à superstição popular de que cuspir no lume pode atrair a desgraça de ficar para sempre a língua seca, ou de que nele urinar pode resultar 'o mal da pedra', não estará ligado o culto longínquo do fogo? Tal superstição existe também na Galiza, terra nossa irmã".

Sobre os limites da Bairrada, é de reparar na página 147 de "O Couto de Aguim":

"Um curioso manuscrito do século XVIII, que encontrámos há tempos num cartório particular, dá informes valiosos sobre a sociedade desta região nesses tempos já distantes, e marca desta forma as fronteiras da Bairrada: "Discorrendo de Vilarinho do Bairro, território da Rial Casa de Bragança e Oliveira do Bairro, e daqui a Avelans de Caminho, e desta à de Cima, e daí à Mouta; e desta até Vila Nova de Monsarros em direitura à Vacariça, cortando linha recta a Casal Comba e Murtede, estrada de Aveiro acima até à Pedreira, lugar da freguesia de Vilarinho".

O autor não se restringe somente a estes extremos, e por isso cita várias sugestões compiladas de diversos geógrafos.

José Rodrigues Pereira Rosmaninho, assim se chamava, nasceu na Mata da Curia, aos 22 de Fevereiro de 1907 e faleceu em Aguim aos 8 de Dezembro de 1986, onde se havia consorciado com D. Branca Portela da Cruz Navega. Do casal nasceu um filho, a quem foi dado o nome de José Luís Rodrigues, que exerce a profissão de advogado, em Anadia.

No ano de 1929, conclui o curso de Direito na Universidade de Coimbra.

Face às suas ideias liberais, o Dr. José Rodrigues foi perseguido pelo regime deposto, havendo-se refugiado numa casa de família amiga de Póvoa de Garção. Mas como o cerco se ia apertando, teve de fugir disfarçado para Lisboa e uma vez sob coacção, entregou-se à polícia política.

Decorria o ano de 1930. Ajudando a inaugurar o forte de Peniche, foi encontrar-se pelos mesmos motivos com o Dr. Vasco da Gama Fernandes, ficando amigos a partir daí.

Em Anadia praticou a advocacia durante cerca de 45 anos.

Após o "25 de Abril de 1974", assumiu o lugar de presidente da Câmara de Anadia, no período de transição.

Advogado insigne e orador nato, o Dr. Rodrigues extasiava os tribunais com os seus inspirados discursos, mexendo em qualquer coração,

por mais empedernido que fosse. De longe se deslocavam para ouvir aquele verdadeiro artista na oratória. Infelizmente, génios destes são hoje raros entre nós.

Os seus artigos insertos nos jornais eram elaborados com uma mestria intelectual que causava espanto.

O Dr. José Rodrigues nutria por mim uma certa amizade, e ajudou-me a aumentar os conhecimentos, graças aos tratados que me emprestava.

Escreveu apenas aquele livro, "O Couto de Aguium", onde não lhe faltou engenho e inspiração, que transborda na história trágica da família Castilho.

É pena que, há anos, a sua notável obra se encontre esgotada. Posteriormente, e isso me anima, soube que a família irá fazer doação do livro à Junta de Freguesia de Aguium.

bibRIA

IN MEMORIAM DO GRANDE MUSICÓLOGO BAIRRADINO DAVID PINTO

Por Guilherme Maia

GÉNIOS destes só aparecem de 50 em 50 anos. Entre os maiores, David de Almeida Pinto foi, nos seus tempos áureos, um dos melhores acordeonistas do distrito de Aveiro. Homem de estatura mediana, mas de alma grande, era além do mais, dotado de um generoso coração. Artista ignorado, foi ainda um grande compositor. Um estro se perde com ele, mas jamais será esquecido pela gente bairradina. Quem não conhecia o popular acordeonista que na sua desdita não demonstrava tristezas? Bebia, é certo, o seu "copito", uma circunstância do ambiente em que amargamente foi criado.

O nosso prodígio nasceu em Póvoa do Garção, numa casa de eira mais insignificante do que o casinhoto onde Lincoln veio ao mundo. Muito criança ainda, viu partir o seu pai para o Brasil, donde nunca mais voltou. Passou muita miséria na sua criação, mas no âmago da sua desventura exalava música terna sem contestações. Assim foi a sua meninice, assobiando e tocando numa simples lata dispersa pelos caminhos, enquanto conduzia os bois pachorrentos.

Ele a todos quebrava o tédio, pois tinha bom humor para contar anedotas.

Face às parcas possibilidades de sua mãe, apenas na infância conseguiu a 3ª classe. Graças ao auxílio do professor Ramalheira, de Tamengos, também já falecido, tirou a 4ª classe nos cursos de alfabetização.

Como era espontâneo de inspiração, uma vez, em certa aldeia serrana, aquando da permanência de "Os Lusitos", ao se aperceber que a rapaziada queria uma marcha alusiva à sua terra, conseguiu de relance satisfazer tal desejo, mercê do seu espírito irrequieto. E enquanto os colegas descansavam, ele inventou o número predilecto, com música e letra muito suas. Rejubilou de entusiasmo e foi acordar os seus companheiros:

— Vamos a ensaiar.

— Ensiar o quê? — perguntaram.

— A marcha da terra...

E saiu mesmo. Ao meio da tarde, com grande entusiasmo dos circunstantes, a marcha rompeu triunfante e foi um delírio.

Aos 12 anos já tocava violino na tuna da sua terra, e é aí que nasce a orquestra "Os Lusitos". Depois executou com maior nível na orquestra de "Os Sanchos", dos Covões, para mais tarde, já no seu apogeu, mudar para "Os Centrais", do Troviscal. Formou depois o conjunto "David Pinto e Filhos", e por fim termina nos "Rouxinóis da Bairrada". Sofreu alguns reveses, sendo essa a razão das suas transferências.

Além de insigne músico executante, David Pinto celebrou-se como compositor nato, e em face do seu talento, chegou a ser convidado por Godofredo Duarte para se fixar em Lisboa a fim de seguir a carreira de musicólogo. Tal facto não se concretizou por razões de ordem familiar. Mas admiravelmente, Póvoa do Garção deve-se orgulhar de haver sido berço de mais um génio fora de série, que foi incontestavelmente David de Almeida Pinto. Confirmou-nos um dos seus alunos: "Quando ele ouvia música na rádio ou na televisão que lhe agradasse, logo a transcrevia para um papel qualquer, tão rápido como se usasse a estenografia para anotar um discurso dum grande orador".

Quem depara com o seu retrato, logo deduz pelas cálidas rugas a vida dura que sempre enfrentou o nosso desventurado. E embora no desconhecimento, valham-nos as suas partituras para testemunhar o grande génio. Supõe-se até que entre a sua papelada em desalinho deva existir autêntica obra-prima, que a sua rica imaginação criou no período dramático que o levou para o Etéreo.

Apenas com 59 anos de idade, e lutando contra uma doença intestinal mal identificada, lá sucumbiu no calorento dia 11 de Julho de 1981. O seu funeral teve lugar no dia seguinte, da sua residência de Horta para o cemitério de Tamengos, onde lhe prestaram homenagem alguns milhares de pessoas, entre os quais velhos colegas.

Foi, como geralmente acontece aos artistas ignorados, sepultado em terra rasa. Tempos depois, foi mandado erigir, pela saudosa esposa e filhos, um moderníssimo mausoléu, no campo santo de Tamengos onde se vê a corpo inteiro, em fotografia, o artista a dedilhar as teclas do seu querido acordeon.

PADRE ACÚRCIO BREVE HISTÓRIA DE UMA HOMENAGEM

Por Manuel Filipe

O Padre Acúrcio Correia da Silva pertence àquela categoria de homens cuja vida, votada a um apostolado ou a qualquer ramo do saber humano, nunca se realiza inteiramente, tão grandiosa é a obra a que esses homens se dedicaram. Por isso, quando prematura e inesperadamente a morte surge, deixando inacabada essa obra, fica um vácuo — um tremendo e irreparável vazio. E então surge desde logo a ideia de perpetuar, da parte daqueles que foram seus amigos e companheiros, que viveram de perto essa obra, a memória daquele que foi o apóstolo, o orientador, o mestre. Já que a perda é irreparável, resta, ao menos, essa memória. É um acto de justiça e reconhecimento, que brota espontâneo do coração dos amigos. Ao gesto de gratidão, vem juntar-se a homenagem a que a morte deu jus.

Foi o que aconteceu com o Padre Acúrcio Correia da Silva, nascido no Cercal (Oliveira da Bairro) em 22 de Outubro de 1889 e falecido em Sangalhos, onde era prior, em 25 de Março de 1925. Logo após a sua morte, um grupo de amigos lembrou a ideia da homenagem. Essa ideia aparece, pela primeira vez, numa carta do Prof. Américo Urbano dirigida a Homem Cristo,

Manuel Filipe, Troviscal, 23/05/1912. Oliveira do Bairro, professor do ensino secundário aposentado. Organizou o livro colectivo *In Memoriam* sobre o padre Acúrcio Correia da Silva, 1959, e é autor de textos teatrais, poesias, etc. Foi redactor do "Jornal da Bairrada" e colaborou em periódicos do país, como a "Gazeta do Sul".

datada de 30 de Março de 1925 e publicada em "O de Aveiro", de 5 de Abril do mesmo ano, à qual o brilhante jornalista aveirense deu, desde logo, o seu inteiro aplauso e abriu no seu jornal uma subscrição para um pequeno monumento a erigir ao "nosso talentoso Padre Acúrcio, tão prematuramente roubado à pátria e aos seus, que era nosso irmão, correndo nas suas veias o sangue de nós todos, nado e criado nesta região encantadora, que une os filhos da mesma comunidade de coração, pela mesma solidariedade de sentimentos". E Homem Cristo acrescentava: "Lamentando profundamente a sua morte, associamo-nos com os seus amigos da Bairrada ao tributo de saudade e homenagem que lhe vão render".

Mas essa primeira ideia não surtiu efeito.

Surge depois uma Comissão constituída por diversas individualidades da região da Bairrada, que se propõe levar a efeito a homenagem já lembrada.

Essa Comissão era constituída pelos seguintes elementos:

Presidente — Dr. Garcia Pulido. Vice-Presidente — Dr. António Calheiro Pinto Mascarenhas (Filho). Tesoureiro — Padre Abel Matias Condesso. Secretários — António de Cértima e Américo Urbano. Vogais — Dr. Carlos Sampaio, Eng^o Mário Pato, Dr. António Tavares da Silva Júnior, Dr. Manuel J. Rodrigues, Padre Joaquim Ferreira Maneta, Padre Óscar de Aguiar, Padre Abel Gomes da Conceição, Rodrigues Pepino, Francisco da Cruz, Augusto Alegre, Albano da Cruz, Albino Sarabando da Rocha, José Ferreira Araújo, António Vicente, José Bernardino Duarte, Miguel França Martins e José Pereira Teles.

A constituição desta Comissão foi publicada em "O Ilhavense" de 12 de Abril de 1925, onde foi aberta uma subscrição com alguns donativos, mas que não prosseguiu.

E a ideia da homenagem esteve parada durante alguns anos.

Mas, com o aparecimento do "Jornal da Bairrada", essa ideia ressurgiu, pois logo no seu primeiro n^o, aquele jornal lhe faz referência.

Assim, realizou-se na Câmara de Oliveira do Bairro uma reunião de amigos e admiradores do saudoso P.e Acúrcio e procedeu-se à constituição de diversas comissões. Da Comissão Executiva faziam parte Albano Ferreira da Cruz, Dr. Miguel França Martins, Francisco Ferreira da Cruz e Adriano Seabra.

Passado algum tempo, realizou-se outra reunião no Paraimo (Sangalhos), onde foram nomeadas diversas comissões, com o fim de angariar fundos para a homenagem nos diversos lugares das freguesias de Sangalhos e de Oliveira do Bairro.

Mas a ideia volta a ser esquecida durante mais alguns anos.

Até que surge nova Comissão formada por Francisco Cruz, Albano Cruz, Arménio Roça e pelo autor destas linhas, que consegue, finalmente, levar até ao fim essa tarefa.

O primeiro acto desta nova Comissão foi lançar, por intermédio do "Jornal da Bairrada", um apelo a todos os bairradinos (presentes e ausentes), onde se afirmava que a ideia da homenagem ao Padre Acúrcio Correia da Silva ia, finalmente, ser realizada e para a qual se pedia a ajuda de todos.

À medida que os donativos iam chegando, iam sendo publicados naquele jornal, e logo foi encomendado o busto ao escultor J. Maria Leite, de Espinho. Feito o gesso, foi o busto entregue à "Fundição Bronzes d'Arte", de Vila Nova de Gaia, que o executou em bronze. Eu próprio segui de perto a execução da obra, visitando por diversas vezes o *atelier* do artista e a Fundição.

A Comissão avistou-se depois com o presidente e vereadores da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, com o fim de requerer a devida autorização para a erecção do monumento, a qual foi desde logo concedida, ficando ainda a cargo da Câmara a construção do pedestal onde seria colocado o busto.

Estava, finalmente, e após várias tentativas, saldada a dívida de gratidão para a memória do saudoso P.e Acúrcio!

Para complemento da homenagem, a comissão resolveu publicar um "In Memoriam — Antologia", onde, juntamente com valiosos depoimentos de diversas personalidades sobre a vida e a obra do Padre Acúrcio, se reuniram algumas das melhores produções (em prosa e verso) do saudoso "Sálcio Bairrada".

Se o bronze do busto fica a perpetuar a imagem de um dos mais ilustres filhos da Bairrada, este "In Memoriam — Antologia" perpetuará também a memória de uma das mais interessantes figuras da nossa Terra, como poeta e ensaísta, cuja obra merece ser conhecida e divulgada, o que, infelizmente, não tem acontecido. Esperamos que, com estes Encontros de escritores e jornalistas da Bairrada, essa ideia seja posta em prática. Será essa uma das grandes finalidades destes Encontros: a divulgação dos valores bairradinos.

O busto do P.e Acúrcio encontra-se implantado num dos jardins públicos de Oliveira do Bairro, que hoje tem o seu nome, perto das Escolas Primárias da Vila, e ostenta a seguinte inscrição: PADRE ACÚRCIO CORREIA DA SILVA — 1889-1925 — Poeta e Ensaísta Bairradino — Homenagem da Bairrada — 1959.

Creemos estar no lugar próprio: junto da Natureza e das crianças, que ele tanto amou.

Terminamos esta breve história por nos dirigirmos precisamente à juventude de hoje, para lhe apontarmos, como digno de ser seguido, o exemplo de um Homem que as vaidades do mundo nunca mancharam — humilde na sua grandeza, heróico na sua luta, paladino do Amor, da Verdade e da Justiça.

É essa a mensagem que aqui lhe deixamos.

PROPONHO

1 – Que neste Encontro seja criada uma Comissão que tenha por fim promover, pelos meios que tiver ao seu alcance, a compilação de toda a obra literária (prosa e verso) do Padre Acúrcio Correia da Silva, publicada em livro, em jornais da época ou possivelmente inédita;

2 – Que, seguidamente, se proceda à publicação dessa obra, num único volume, pois trata-se de uma obra há muito esgotada e, infelizmente, hoje pouco conhecida, de um dos vultos de maior destaque das Letras bairradinas;

3 – Que seja encarregue desse trabalho de compilação e publicação o escritor e jornalista Armor Pires Mota, pela sua competência e comprovada experiência na matéria;

4 – Que para as necessárias despesas dessa iniciativa seja pedida a colaboração das entidades oficiais (especialmente a Câmara Municipal de Oliveira do Bairro) ou de empresas particulares;

5 – Que seja também pedida a colaboração do "Jornal da Bairrada", para apoiar essa iniciativa e dela fazer a devida propaganda.

OLIVEIRA DO BAIRRO SEM BAIRRISMO

Por Maria Judite F. Santos

OUVE-SE dizer a cada passo que em Oliveira do Bairro não há nada, não há ninguém. Eu, nascida e parcialmente criada nesta vila, asseguro-lhes que a única coisa que aqui falta é brio e bairrismo.

Como excepção à regra permitam-me uma breve referência à figura notável do Dr. Costa Ferreira pois, hoje, apesar de vivermos em democracia, ele continua completamente esquecido e ignorado da grande maioria. Terá sido, certamente, o maior benemérito que, neste século, aqui viveu.

Nos anos vinte lutou o mais possível pela rápida electrificação desta terra, já que certa família poderosa e influente procurava travar o progresso, só porque para a colocação dos postes era necessário deitar abaixo pinheiros dos seus numerosíssimos pinhais.

Foi o fundador do nosso hospital. Como médico e como homem dedicou-se de alma e coração à saúde pública e à causa dos ideais democráticos. No período mais aceso do fascismo esteve preso por diversas vezes. Foi governador civil e deputado à Assembleia Nacional pelo círculo de Aveiro. Faleceu, repentinamente, nos começos de 1945 com 65 anos de idade, deixando chorosos e saudosos não só os doentes

Maria Judite Ferreira dos Santos, Oliveira do Bairro, 24/10/43, Perrães, Fermentelos, professora do ensino básico. Publicou os livros "Bairrada Ribeirinha", 1989, e "A Menina Cor-de-Rosa", 1990, contos. Fundou o grupo etnográfico "Bairrada Ribeirinha", em Perrães.

mas também os pobres e desamparados, a quem generosamente socorria. Em sua memória continua a não haver nada, uma rua, um busto ou uma simples lápide.

Outra grande personalidade aqui da minha rua, e dessa me recordo ainda perfeitamente, era o Dr. Miguel França Martins, falecido em 1959 com 59 anos. Formado em Direito, foi conservador do Registo Civil, investigador histórico e poeta de mérito. Escreveu várias peças de teatro. Autor da revista " Ó patego, olha o balão", cuja primeira representação reverteu exactamente em benefício da construção do hospital.

Muitos dos seus escritos vieram, apenas, publicados na altura, na Imprensa Regional. Depois de muito rebuscar, consegui somente descobrir na casa dum amigo esta sua poesia inserida no programa dum cortejo distrital realizado em 1939, onde o nosso concelho concorreu com três grupos representativos: a vinha, a lavoura e a indústria das esteiras. Vem assinada com o pseudónimo "Zil de França" com que autenticava todos os seus trabalhos e que passo a transcrever:

"Fulge uma manhã de sol apetecido...
Lá em baixo, no Cercal e Repolão,
Ergue-se no ar o fumo dos casais...
Rezam as moças as suas devoções
E, alegres, a cantar, de enxada ao ombro,
Se dirigem, sempre em rancho, aos milheirais
É meio-dia. O sol aquece e aveluda
A ramada verde-negra dos pinhais...
Muito calmo, docemente, o rio Cértima
Vai entoando canções sentimentais,
Quando à tarde, o sol declina no poente,
Enchem-se de luz as uvas nas latadas,
E, quais pedras preciosas, iriadas,
Dão-nos frescura apetecida e quente.
E lá longe, muito ao longe, o Caramulo
Ao fechar este cenário que exprimimos
É já o ponto final desta beleza
Que nós, já cheios dela não sentimos...
E à noite, quando o luar cintila cristalino
Deixa a nota de beleza derradeira...
Ai como é bela a minha terra abençoada!
Ai como é bela a nossa Vila de Oliveira!"

Através da esposa, que um dia destes consultei, nada consegui. Tudo desapareceu ou se deitou fora, como coisa velha que já passou. Assim acontece com as pessoas, assim é com as coisas.

Há cerca de quinze anos que se me pegou esta febre das recolhas. Tenho trabalhado bastante no intuito de alertar esta população insensível e apática. Passo a referir alguns casos dignos de registo:

Sabendo eu que o meu tio-avô, afamado tocador de concertina e incansável cantador de desgarradas, possuía um antigo harmónio de uma só carreira, logo resolvi abordar os parentes mais chegados por causa do velho e já muito raro instrumento para o meu grupo folclórico ou até, quem sabe, para um futuro museu. Ao falar com tios e primos nos meus projectos disseram-me que não, que era uma recordação muito pessoal e que, por esse motivo, se não desfaziam de tal objecto.

O tempo passou e qual não foi o meu espanto quando, num domingo, por acaso, vi o cobiçado instrumento com o fole todo roto, completamente espatifado, a servir de brinquedo ao elemento mais jovem da família.

Em casa da senhora Micas da Lavandeira, nascida em 1890, entre muitas outras coisas, eu descobri uma bela saia de "tricané". A raridade do tecido seduziu-me. Pedi-lhe insistentemente que mo vendesse e ofereci, já naquela altura, uma quantia bastante razoável. Mas a resposta foi negativa, alegando que seria a vestimenta que havia de levar para a cova.

No dia do funeral da velhota, há volta de uns cinco anos, da saia nem sinais. Perguntei a uma neta qual o destino que a peça tinha levado. Responderam-me que fizeram com ela uma fantasia de Carnaval, mas que já tinha ido parar ao lixo.

Constava-me também que no Repolão havia um antigo traje de lavradeira pertencente à Família Sarrô, com chapéu de aba larga dos meados do século XIX e uma capoteira maravilhosa bordada a vidrilhos e lantejoulas. Quando tentei adquiri-la logo me disseram que tal capa tinha sido emprestada para um rancho qualquer, não sabiam bem, talvez o da Mamarrosa. Vi, perfeitamente, que se tratava duma mentira. O rancho da Mamarrosa conhecia eu de sobejo e nunca lá encontrei nada que despertasse a minha atenção.

Quis o destino que, em Junho último, numa exposição levada a efeito pelo Inatel, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Aveiro fosse encontrar a tal capa com os seguintes dizeres: "Capoteira recolhida no Repolão - Oliveira do Bairro. Usada por lavradeira rica. Época - 1860".

E logo uma revolta imensa me invadiu. Depois da Biblioteca do Padre Acúrcio, mais uma preciosidade que tinha ido para a sede do distrito.

Veio-me, então, à lembrança o conselho que, há tempos, o grande etnólogo Prof. Tomás Ribas, em tom mais ou menos confidencial, me recomendou e que doravante passarei a pôr em prática. Como não tenho segredos, ele aqui fica.

"Pede-se às pessoas que ofereçam e elas não oferecem, pede-se que vendam e elas não vendem, então rouba-se."

bibRIA

A "CASA PORTUGUESA" NA BAIRRADA

Por Amaro Neves

Na minha terra, a arquitectura que sobreviveu ao tempo, alicerçada de volta a terra, é a casa tradicional. De simples, as traças, e um pouco de coisa portuguesa, as traças, que são adjetivos de Portugal. Quando viria a florir, diz de grande liberdade, embora não seja por isso uma coisa de casa que se construiu à moda da Quinta das Palmeiras, porção, da Quinta do Salão. É que para se construir de casa na Quinta do Salão (apesar do nome e dizer-se Lisboa), para depois sair na verdade o bairro da Bairrada, não era Agostinho, mas sim, o velho e velho, como uma "arquitetura simples, abriga, frugal, toda, mas em muitos exemplos, que mostram de uma alta qualidade, para mostrar que é mais simples do que se imagina, por isso não é a casa, a Quinta das Palmeiras, que é a verdadeira Quinta do Salão, não a arquitectura que se tornou de tradição, como uma das melhores da Quinta, a família Gertrúbia. Ainda, como facto é conhecido, ainda hoje pela população e mostra de que resta da Quinta.

FALANDO de improviso, o orador reportou-se a um texto de sua autoria que iria ser publicado no Boletim da ADERAV sobre obras de arquitectura ao estilo da "Casa portuguesa", também dita do "português suave", construídas na Bairrada. Realçou por exemplo as casas do prof. António Joaquim de Carvalho, em Oliveira do Bairro, e de António R. Seabra, em S. João da Azenha, ambas de autoria do arquitecto Cipriano Maia, natural de Avelãs de Caminho.

Na sua comunicação improvisada, Amaro Neves considerou que Cipriano Maia "fez época". Em seguida, em fase de debate, tornou-se manifesto que se trata de casas algo sumptuosas, com traça de palacetes, portanto sem ligação visível com a arquitectura da casa tradicional e popular bairradina.

Todavia, atendendo ao facto de as duas obras apontadas no exemplo existirem ainda em boas condições em Oliveira do Bairro e S. João da Azenha (Anadia), foi declarada uma vontade de se obter a sua conveniente preservação, como valor patrimonial da região.

(Resumo de Arsénio Mota.)

Amaro Ferreira Neves, Fermentelos, 12/01/1942. Aveiro, professor do ensino secundário. Director do semanário "Litoral". Tem publicado textos sobre património e história, e colaborado na Imprensa Regional.

FELICIANO SOARES: A MINHA TERRA EM ROMANCE

Por Amror Pires Mota

A minha terra tem a chamada Quinta do Salão e as meninas e senhoras da Quinta restam na memória como uma filigrana de ternura, em especial na das gentes de Águas Boas, onde se situa. Mas, deixando de parte outros pormenores e outras histórias, demos lugar ao romance que o professor liceal Feliciano Soares, natural de Aveiro, escreveu e publicou em 1915 no Funchal, para onde teve de partir, na tentativa de recuperação da saúde da rapariga com quem casara, Georgina Pinto Basto, mas em vão, pois lá, como alto funcionário da alfândega, a viu morrer e, pouco depois, o fruto do seu amor. Sobrou-lhe dessa via dolorosa um romance autobiográfico, a que deu o sofrido título "Crucificadas" e em que aparece razoavelmente caracterizada a minha terra natal.

Feliciano Soares exalta nas páginas de "Crucificadas" a virtude da gente simples, a beleza campestre, a candura das meninas da Quinta. Pode dizer-se que é uma Morgadinha dos Canaviais. Simplesmente o título é outro, como outro é o enredo e o desfecho. Mas um traço comum os

Amror Pires Mota, Águas Boas, Oia, 04/09/1939. Oliveira do Bairro, chefe de Redacção do "Jornal da Bairrada". Publicou livros "Cidade Perdida", 1961, poesia; "Tarrafo", 1965 (2ª ed., 1970), diário de guerra; "Guiné, sol e sangue", 1968, contos e narrativas; "Baga--Baga", 1968, poemas; "Impossível um pássaro" e de "De Abril os Frutos", 1985, poemas, etc. Tem no prelo o livro "Oia, suas Terras e Gentes" e muita colaboração dispersa por várias publicações.

assemelha: a vida rural com seus usos e costumes em realce. Todavia, a arquitectura é mais à maneira de Júlio Dinis.

No livro o ambiente é descrito minuciosamente e nem lhe passou despercebido o mangericão que ataviava os romeiros, armados de violas a chocalhar a caminho das festas. De chapéus, os moços, e de blusas de chita grosseira, as moças, que ele adjectivava de folgazãs. Desenha ainda floridos dias de aromas silvestres soltando-se por entre meia dúzia de casas que se estendiam à roda da Quinta dos Palhais, perdão, da Quinta do Salão. É que parte do romance decorre na Quinta do Salão (apesar do autor a situar no Douro, para depois cair na verdade e falar da Bairrada), sita em Águas Boas, terra que ele classifica como uma "aldeiazinha risonha, alegre, jovial, onde vivem outros mundos, que mundos de amor são também", para concluir que é neste torrão que se erguia, por entre rosas e heras, a Quinta dos Palhais, que é a verdadeira Quinta do Salão, não a conhecesse ele do tempo de namoro com uma das meninas da Quinta, a infeliz Georgina. Aliás, esse facto é reconhecido ainda hoje pelos proprietários e senhores do que resta dessa Quinta.

"A velha casa, abrigo das corujas, dominava uma extensa e desprezada fazenda, conhecida nas redondezas pela Quinta dos Palhais, nome tirado talvez do facto de existirem ao fundo da propriedade uns terrenos encharcados, aonde crescia uma espécie de junça, utilizada, depois de seca, para cama de gado"—assim diz Feliciano Soares.

A Quinta tinha os seus cavalos, os seus trens, as suas espingardas, os seus cães, o que o levava a dizer que era uma vivenda ideal, devendo passar-se ali "um tempo admirável". Era isto a Quinta do Salão, perdão, dos Palhais, de que era então dono Henrique Ferreira Pinto, que estudara em Inglaterra (no romance é o engenheiro Bedsford, pai de Georgina) e trabalhara nos caminhos de ferro. De referir que este, em 1907, é "condutor de obras" e foi nessa qualidade que, a pedido do Conde Sucena, levantara a planta da vila de Águeda, onde, aliás, também fora vice-presidente da Câmara.

No romance a "aldeiazinha risonha" que rodeava a Quinta dos Palhais e minha terra também, pertence a uma freguesia da qual dista "um tiro de espingarda" — dizia o romancista — atribuindo-lhe o nome de Bemposta e justificava-o, porque "o verdadeiro nome não importa ao leitor". Oiã, ou melhor, Bemposta, era "toda formada de casas de lavradores e com uma bela vivenda fronteira à igreja que servia de habitação ao vigário..."

Para Feliciano Soares, a Quinta fora outrora de um morgado que se arruinara, senhor de grande fortuna que era, com negócios de gado com a

Inglaterra. Depois veio a pertencer a um lavrador de nome António Tomé, que, cheio de dificuldades, acabou por vendê-la a um engenheiro do caminho de ferro, de nome Augusto Bedford, pai de Georgina, por quem Feliciano Soares se apaixonara e viera a casar.

Onde a prosa lhe sai mais forte é quando pinta cenas de aldeia, como a hora da última refeição (a ceia), o caldo verde fumegando nos pratos e sorvidos sofregamente por "goelas ásperas pelo pó das terras, queimados pelos raios do sol que batera em chapa". Quando a aldeia lhe causa algum espanto é à noite, porque as árvores lhe pareciam ciprestes esguios a esconder as casas brancas dos lavradores. De Abril canta o explodir da natureza: "os campos rebentam a compasso com os madrigais das camponesas alegres e coradas espreguiçando os nervos encolhidos no inverno (...) o céu é belo, de um azul dourado, muito vaporoso". Em Abril, na Quinta dos Palhais é então o sossego inebriante, é a quietude da casa, com uma sala de jantar muito alegre, não lhe faltando as rosas pelas janelas nem os móveis de vimes, o fogão, os quadros de caçadas pelas paredes (nem os quadros de Georgina: restam ainda hoje dois ou três), o salão de visitas ("fofo e enorme"), a saleta de costura com longas cadeiras almofadadas, "um todo simples, mas simpático, um conjunto fresco e aconchegado". Era assim a Quinta do Salão no dobrar do último século, princípio deste.

A provar o que acima foi dito, que o romance se passa exactamente no lugar de Águas Boas, pelo menos em parte, a primeira, e não de forma alguma no Douro, é a referência de alguns nomes ainda hoje bem comuns na localidade.

Fala de uma Mariquinhas Ruas, lavradora rica, muito gorda e faladora e que, no entanto, sofria de falta de fôlego; de uma senhora Joana, que era mulher muito considerada, e era quem valia às mulheres na hora das dores. Além disso, era entendida em espinhelas caídas. Tudo figuras de uma aldeia, como a de Águas Boas ou outra da Bairrada. Surge também a figura simpática do carteiro, de buzina a tiracolo. Outros nomes como os de António Tomé e Manuel Tomé, apelidos que têm permanecido na freguesia ao longo de muitos séculos, são figuras fugazes do romance, mas com a vantagem de ajudarem a situar a acção do romance. Mas aparece também a figura do vigário com a casa a transbordar de presentes (eram "boas galinhas, bons ovos, boa fruta"), coisas que também iam à feira dos 29 (Palhaça).

Este é o romance que concretamente fala de Águas Boas e suas redondezas no dobrar do século e onde não faltou sequer um desfecho camiliano, com a fuga de um personagem para o convento.

Talvez este autor mereça figurar numa próxima edição de "Letras Bairradinas", da autoria de Arsénio Mota, porque ali há muito de Bairrada, muito do seu povo. E perdoe-se-me a vaidade de trazer-lhes, ainda que em cadinho pobre, algum sol da minha terra, que é meu corpo e minha raiz. Ainda que não seja um grande romancista, Feliciano Soares merece ser conhecido e lido, porque é um dos nossos.

bibRIA

VAMOS LEMBRAR ADELINO DE MELLO

Por Alberto Lopes de Melo

SOMOS todos participantes preocupados na salvaguarda e no realce dos valores morais que marcam vivamente as sociedades, que humanizam a cultura e tornam reais os processos educativos.

Esta comunicação insere-se exactamente nessa linha de intenção: história e pedagogia; sensibilidade e lembrança; justiça e homenagem.

O anúncio deste 2º Encontro de Escritores e Jornalistas da Bairrada, e porque no nosso concelho, foi a motivação para trazer da vetusta Vacariça, para uns momentos de reflexão, o conteúdo envolvente da figura ora esquecida de Adelino de Mello, nascido e falecido na aldeia onde também nasci e vivo.

Era irmão de meu Pai. Não teve filhos. Não fui o herdeiro de seus bens materiais. Dele recebi outros valores estimáveis. A primeira circunstância não me impede, antes as outras me estimulam e dão independência para não desperdiçar esta conjuntura; e não sendo a afectividade nem a gratidão que me incitam a vir falar de Adelino de Mello, prevalece, sim, a única e forte razão de se tratar de um Homem da minha terra, de um vacaricense fora do comum e de um valor que pertence, estando muito ligado, à história do concelho.

Alberto Lopes de Melo, Vacariça, Mealhada, 27/02/1922. Director de Distrito Escolar aposentado. Premiado como autor de poesias e contos em Portugal e Angola. Antigo redactor dos jornais regionais "Bairrada Elegante", "Bairrada" e "Sol da Bairrada".

Numa limitada comunidade como a nossa não abundam, infelizmente, os concidadãos que se revelem e excedam nos domínios do social, da arte, do criativo, que se distingam pela inteligência e trabalho, pelo amor e entrega à sua terra e por pedagógico exemplo, para que possamos esquecer os raros.

Adelino de Mello sobressaiu assim!

Vivem-se tempos desordenados de envolvimento e corrida, sobretudo por causas materiais, levando a preocupação e o cansaço ao desinteresse por outras causas. Felizmente que há boas excepções e pausas como esta, onde proponho se medite sobre a obra do que foi grande jornalista da Bairrada, para sobreerguer a sua memória.

Jornalista, investigador histórico, publicista, desenhador e gravador, fundador e director dos primeiros e mais antigos periódicos da região, Adelino de Mello nasceu e faleceu na Vacariça: 29-01-1879 e 13-07-1949. Um século de aniversário passou, ignorado, sem sentimento!

A sua paixão e veia jornalísticas, apesar de elementar e limitado grau académico — como o modo e o estilo de seus escritos bem documentam — fizeram Adelino de Mello um autodidacta permanente, sendo um inspirado artista nos domínios do desenho, da caricatura e da gravação.

De escrita simples, popular, com incorrecções de forma, muitas vezes repetitivo, outras a rondar inocência e auto-elogio, nada lhe consegue diminuir o valor.

Apaixonado pela historiografia, ocupou grande parte da vida entre a poeira e remanso dos arquivos, a quietude e silêncio de bibliotecas, no recolhimento e solidão do estudo, na busca incessante e labiríntica de documentos que desvendassem mais pormenores da história do concelho de Mealhada e do extinto concelho de Vacariça (1514-1837) e, com redobrado interesse e persistência, o enigma da localização e do desaparecimento das pedras do Mosteiro Bubulense da Vacariça (séculos VI a XI).

Com o seu abnegado esforço, em trabalho e perseverança, sacrifícios e carinho, conseguiu vencer as diversas crises da Imprensa Regional, assistindo ao desaparecimento de todos os outros jornais, só sobrevivendo a "Bairrada Elegante" durante 34 anos até à sua morte, em 1949. Foi o segundo que, no concelho de Mealhada, começou a publicar jornais gráficos. Houve um primeiro em 1888, Júlio Stretch de Vasconcelos, com o "Jornal da Bairrada", mas de vida muito efémera: apenas um ano de duração.

Com 48 anos seguidos de jornalismo, Adelino de Mello criou e dirigiu:

- 16-01-1901 — "Revista do Luso", sucedendo-lhe em
- 08-12-1902 — "O Buçaco", que mudou o título para
- 1906 — "A Bairrada", que em 1908 ainda existia, passando a chamar-se em
- Setº. 1909 — "A Bairrada Ilustrada", que deu origem, finalmente, em
- 1916 — à "Bairrada Elegante", até 1949, e que era, então, o decano da Imprensa bairradina.

Além de vários números especiais e comemorativos (23 ao todo) com centenas de folhas, muito ilustrados, com larga profusão de estampas por ele desenhadas e gravadas em pedra de Ançã, publicou ainda:

"Folhas de Album", 1917; "Concelho de Mealhada", 1919; "Almanaques Ilustrados", 1920 e 1922; "Vacariça Antiga e Moderna", 1932; "Brazões e Armas do Concelho de Mealhada", 1935; "Da minha Carteira", 1942; "Subsídios para a História do Concelho da Mealhada", 1944.

Em colaboração com outros publicou em Coimbra, em 1903, a revista "Os Novos", sendo no mesmo ano administrador do jornal "Cidade de Coimbra" e, em 1907, da "Ilustração Luso-Africana".

Nas breves pinceladas consentidas tentámos traçar a imagem de Adelino de Mello, jornalista, não cabendo explicar interessantes facetas da sua vida como cidadão, autarca e membro de várias instituições. Nem o que o concelho usufruiu dos apelos, alertas e iniciativas através dos jornais. Cita-se, apenas, o monumento ao Dr. Costa Simões, na Mealhada, para que se recorde.

Em sua honra deixamos votos para que alguma vez:

- Se edite uma nota biográfica sobre Adelino de Mello. Tem a palavra quem, com meios, preze e defenda uma escala de valores estruturada na Justiça, no respeito e na solidariedade;

- Se encontre alguém sensibilizado para prestar a Adelino de Mello uma homenagem, aliás por mim já solicitada às autarquias em Abril de 1987;

- Se indague do paradeiro a permitir a recolha do possível de suas inúmeras gravuras, perdidas peças, raras e valiosas, que enriqueceriam um futuro museu concelhio.

JOSÉ FRANCISCO MOREIRA UM POETA QUASE DESCONHECIDO

Por Arménio Moreira Mota

NESTE 1º Encontro de Escritores e Jornalistas da Bairrada, organizado em tão boa hora por um bairradino ilustre e entusiasta da nossa região, venho falar de um dos poetas da Bairrada quase desconhecido que nasceu em Carvalhais, Anadia, no ano de 1860.

Trata-se de José Francisco Moreira, que viveu a maior parte da sua vida em Ferreiros, Anadia.

Homem simples, educado e honesto, inclinado para a poesia, publicou em 1922 um pequeno livro de versos com o título "Versos do Campo", prefaciado pelo Dr. Manuel Rodrigues Lapa.

Deixou uma série de versos inéditos que agora foram reunidos com os do livro publicado, num único volume.

Alguns dos seus versos foram há pouco tempo publicados num conceituado semanário do sul do país.

Há nos seus versos conselhos sadios e há também censura aos que no seu tempo andavam por caminhos errados, não faltando o elogio das coisas que estavam certas e dos homens que faziam algo para o bem comum.

Arménio Moreira Mota, Sangalhos, 05/03/1926. Industrial, neto do poeta popular José Francisco Moreira, de Anadia. Colabora na Imprensa Regional

Tinha em grande consideração os poetas, como se pode ver pelos seguintes versos:

Mas como não tive estudo
Só aprendi duas letras
Sei que não seria rudo
Se aprendesse com poetas.

José Francisco Moreira faz referência aos valores supremos da Criação e os seus versos, analisados em profundidade, têm sentido e narram verdades indiscutíveis, o que não acontece com alguns dos nossos poetas.

Enfim, era um poeta com fé, que deu testemunho da mesma, nos seus versos, ao louvar o nosso Criador de uma forma tão clara e convicta.

bibRIA

O POETA JOSÉ FRANCISCO MOREIRA 50 ANOS DEPOIS

Por Arménio Moreira Mota

No lugar de Ferreiros, da freguesia da Moita, faleceu há mais de 50 anos José Francisco Moreira.

Tinha eu 8 anos e recorde-me de ir acompanhá-lo à sua última morada.

Deixou publicado um pequeno livro de versos com um prefácio do saudoso prof. Rodrigues Lapa e deixou também um caderno com versos manuscritos.

O tempo foi passando e os versos que ele fez com tanto entusiasmo e carinho foram esquecendo com os anos.

O livro publicado teve uma edição de poucos exemplares e portanto poucos o conheciam e podiam apreciar os seus versos.

Quanto ao caderno com versos inéditos, só era conhecido por alguns netos.

Há poucos anos, lembrei-me de reunir todos os versos num único volume, depois de dactilografados e fotocopiados.

Por essa altura, veio a Anadia o escritor Arsénio Mota com a intenção de descobrir os valores culturais desta região, donde é natural.

Apresentei-lhe o livro com o título "Versos do Campo" e ele interessou-se pelo mesmo, com aquele entusiasmo que lhe é peculiar pelas coisas da cultura e que o faz reunir à sua volta homens de valor, interessados no património cultural da nossa região.

Aconteceu que a Câmara de Anadia também se interessou pelo caso e, por intermédio do seu pelouro da Cultura, concordou com a sua edição, a suas expensas, e promoveu o seu lançamento.

Estavam longe de prever os familiares do poeta que a sua obra viria a ser tirada do esquecimento 50 anos depois da sua morte e que viria a ser bastante lembrado na região onde nasceu.

Foi esta a comunicação que quis apresentar neste 3º Encontro, fazendo votos para que a AJEB continue a dar a conhecer os valores culturais da Bairrada, tanto os que já passaram como os que vão surgindo.

bibRIA

JORNAIS E JORNALISTAS DE BUSTOS

Por Hilário Simões da Costa

O primeiro jornal publicado em Bustos foi "Alma Popular".

O seu fundador, director e proprietário, Augusto Simões da Costa, da Quinta Nova, iniciou a sua publicação em 1915 e terminou-a em 1917.

Um ano depois, o dr. Manuel dos Santos Pato, da Barreira de Bustos, e Tiago Ribeiro, de Aveiro, iniciaram a publicação de um jornal com o mesmo título. O primeiro número saiu no dia 5 de Outubro de 1918 e o último tem a data de 6 de Julho de 1941. A "Alma Popular" acabou por imposições do Governo de Salazar.

Este jornal, tanto sob a orientação do seu primeiro fundador como depois, sob a administração dos seus sucessores, foi um "jornal republicano, literário e noticioso, defensor dos interesses do Concelho de Oliveira do Bairro e da região bairradina".

Em 1920, Augusto Simões da Costa iniciou a publicação do jornal "Farol da Liberdade", que se apresentou como "folha republicana, literária, noticiosa e anunciadora". Tinha redacção no lugar de Quinta Nova. Depois de larga discussão entre o seu director e os autarcas da freguesia, estes

Hilário Simões da Costa, Mamarrosa, 12/03/1907. Sobreiro, Bustos, Oliveira do Bairro, ex-emigrante aposentado. Publicou os livros "Versos de um Emigrante", 1954, e "Rosas e Espinhos", 1955, poesias; "Memórias de um Bustoense", 1984, e "Arvore Genealógica da Família Costa", 1988.

conseguiram a prisão de Augusto Simões da Costa, que seguiu para Lisboa, mas a detenção não durou mais que algumas horas, provado o seu republicanismo e as suas relações de amizade com alguns políticos de grande prestígio na capital.

O padre Agostinho Pires publicou quatro números da sua revista "Esperança", de 26 de Abril de 1925 a 26 de Fevereiro de 1926. Era uma revista de carácter cultural e científico, embora tenha publicado alguns artigos de prosa romântica, versos, notícias e anúncios de comerciantes e industriais.

Entre outros artigos, escreveu no primeiro número um texto com o trecho seguinte: "Infelizmente alguns padres não têm interpretado convenientemente os Livros Santos, nem procurado tirar deles e da religião o devido fruto para bem da humanidade, antes têm, por motivos vários, impedido que a humanidade sacie a sede de saber, de amor e de vida que a atormenta. Mas a humanidade, a religião e o mundo são jovens ainda e hão-de corrigir-se de todos os seus defeitos"...

A 12 de Julho de 1974 foi publicado o primeiro número do jornal "Bairrada Livre", fundado pelo dr. Manuel dos Santos Pato, da Mamarrosa, e por mim. Teve a sua Redacção e administração no Sobreiro e lá foi pensado o título, não sabendo nós que, alguns anos antes, em Anadia, tinha sido publicado um jornal com o mesmo nome.

"Bairrada Livre", que foi um jornal muito apreciado pelos seus leitores, terminou a sua publicação a 6 de Julho de 1975, por motivo do falecimento do meu amigo e colega de Redacção, dr. Santos Pato.

Nos Estados Unidos da América, onde residia em Setembro de 1969, publiquei também um jornal (número único) a que dei o título de "Farol da Liberdade". Denominei-o jornal republicano, defensor da Pátria, da República e da Democracia. E em abertura, publiquei nele uma "Carta aberta ao professor Marcelo Caetano", lembrando-lhe que os Portugueses não podiam continuar em Ditadura e sob a lei opressiva da PIDE...

Embora este jornal não tenha sido publicado em Bustos ou noutra terra da Bairrada, era de um bairradino que muito se interessou por Bustos, pela Bairrada e por Portugal.

PADRE AGOSTINHO PIRES

Por Hilário Simões da Costa

O padre Agostinho Pires nasceu em Bustos e em Bustos foi sepultado, com 86 anos de idade, em 27 de Junho de 1962.

Um dos seus filhos disse-me que a sua avó, que era muito beata, quis que seu pai fosse padre, quando a sua vontade era ser professor.

Chegou o 5 de Outubro de 1910, dia da implantação da República em Portugal, e o padre Agostinho, com alguns dos seus colegas, receando perseguições, atravessaram a fronteira e procuraram asilo noutros países.

O padre Agostinho, dados os seus conhecimentos da língua inglesa, foi para a Inglaterra, onde trabalhou alguns anos como escriturário. Durante algum tempo o seu bispo escreveu-lhe cartas convidando-o a regressar a Portugal.

O padre Agostinho parece ter dado pouca importância às cartas do bispo. Mas chegou a hora do regresso. E o padre foi visitar o prelado e aconteceu isto: não foi recebido com cordialidade e sim com desprezo.

Sentindo-se magoado com a atitude do bispo, o padre Agostinho uniu-se a uma mulher, que lhe deu quatro filhos; e o bispo, sabendo dessa atitude do padre, retirou-lhe todas as ordens sacerdotais. (Mais tarde, após a morte do bispo, o seu sucessor autorizou-o a dizer missas.)

Sem recursos financeiros, o padre pediu então ao seu amigo dr. Manuel dos Santos Pato, da Barreira de Bustos, para lhe ceder um sótão numa das suas casas, onde ele pudesse dar aulas às crianças em idade

escolar, filhos de amigos seus, que lhe pagavam mensalmente. E assim ele melhorou a situação financeira.

Foi nessa data que o padre Agostinho iniciou a publicação de uma revista de cultura a que deu o título de "Esperança". Era uma publicação "científica, literária e anunciadora", com redacção e administração no Sobreiro (Bustos), sendo seu proprietário, director e editor o padre Agostinho Pires.

Cada assinatura custava 10\$00 por ano, para Portugal continental e ilhas adjacentes, tendo a publicação periodicidade mensal.

Apenas publicou quatro números em 1925 e 1926, respectivamente em 26 de Abril, 26 de Maio, 26 de Agosto e, por fim, em 26 de Fevereiro (de 1926). Nesta data acabou a revista "Esperança".

Não cheguei a saber por que razão esta publicação durou tão pouco tempo. Mas assim tem ocorrido com tantas congéneres, que se arrojam a escrever e a editar.

Os quatro números, que tenho em meu poder, foram-me oferecidos pelo próprio padre Agostinho Pires, meu amigo, em 1926, pouco antes de eu embarcar para os Estados Unidos da América do Norte.

O padre Agostinho foi o redactor quase único da revista, onde publicou textos principais em que discutia as relações da ciência e da filosofia com a religião tal como então a Igreja e o clero a entendiam e ensinavam. Note-se o facto de ele ter sido banido do clero contra-vontade. Aliás, já no primeiro número da revista, o padre Agostinho inseria uma "Apresentação" em que (citamos), dizia: "A Esperança poderá ser lida com utilidade por todos, --novos e velhos-- porque ela só será, como o indica o título que a encima, um raio de esperança para o coração humano. Nela alguma coisa nova se dirá e a novidade, quando é útil, é como o sol da primavera que fecunda e rejuvenesce a natureza.

"Esperança é um sentimento querido ao coração do homem, e é esse sentimento que nós, divulgando a ciência, procuraremos fortalecer no coração da humanidade. Por isso a nossa publicação deverá merecer o bom acolho público".

Apenas dois outros colaboradores teve a revista. Chico da Cruz (ou Francisco da Cruz), de Oliveira do Bairro, autor, ali, de uma poesia, e Ernesto A. Neves, autor de uma crónica poética. Residia em Nariz, onde foi professor. Nasceu em Ouca e foi presidente da Câmara Municipal de Vagos.

Aqui fica a notícia possível da primeira e única revista de cultura que a minha terra teve até à data.

VALE DA MÓ

Por Rosinda de Oliveira

ESTENDE-SE a Bairrada dos contrafortes serranos que a limitam a leste até quase junto ao mar que, espreguiçando-se no areal, a namora lá de longe, a ocidente.

Conhecer todas as suas potencialidades em beleza e extensão, em riqueza e demais recursos, até aos limites fronteiriços das suas demarcações — deve ser propósito dos Bairradinos, num desejo ardente e contínuo de descobrir e defender toda a sua grandeza, ao desvendar seus bordejões de colinas, várzeas, vales e outeiros. E conhecer na totalidade, tanto quanto possível, até aos mais pequenos fragmentos que podem albergar também eles um grande tesouro. E é precisamente de um desses fragmentos que hoje vamos tratar.

De Vale da Mó — uma pequena aldeia.

Agarrada às faldas do Caramulo, a 250 metros de altitude ⁽¹⁾, no meio de arvoredos, com as suas 43 casas semeadas, quase todas, à volta da estrada nº 336 ⁽²⁾ que liga Bolfiar ao Buçaco e onde entronca a municipal nº 608, que vai da Moita ao Vale da Mó, não tem mais que umas 120 pessoas de permanência efectiva.

Rosinda de Oliveira, Penedos, Covões, Cantanhede, 03/02/1932. Aveiro, professora do ciclo preparatório. Colabora na Imprensa Regional e desenvolve actividades culturais diversas.

Administrativamente pertence à freguesia da Moita e ao concelho de Anadia, de que dista apenas uns 9 Km.

"A zona do Vale da Mó faz parte da folha 1/50000 - 16D, mas a sua geologia ainda não foi cartografada.

Dispomos apenas de alguns elementos referentes a trabalhos de cartografia geológica realizados em 1975 por Courtouleix, na área da carta 1/25000, nº 208 dos S. C. E. (Serviços Cartográficos do Exército).

Segundo esses estudos, a emergência termal do Vale da Mó ocorre em formações pertencentes ao Permo-carbónico (estefaniano e autuniano), o que significa terem de 240 a 290 milhões de anos, sendo essencialmente constituídas por um conglomerado bem consolidado, de cor vermelha intensa, tendo nas suas fracções grosseiras seixos e calhaus de quartzito muito bem rolados.

E próximo, estas formações contactam a leste com o complexo xisto grauváquico de idade câmbrica, provável, muito mais antiga ainda, com 500 a 600 milhões de anos.

Mas o processo termal do Vale da Mó estará ligado a uma estrutura tectónica ainda não estudada".

Precisamente as grandes perturbações tectónicas, climáticas e geográficas ocorridas no final do período terciário e começo do quarternário poderão ter contribuído para dar a esta zona a sua actual configuração ⁽³⁾.

Trata-se de um vale agreste, irregular, serpenteado por pequenos caminhos, os chamados caminhos de cabra e também por outros vales mais pequenos, valigotos cavados decerto ao longo dos tempos pela força erosiva de grandes degelos, precipitações e enxurradas no meio de penhascos de piso incómodo e incerto a fugir por outeiros aqui e ali à espreita dos viandantes mais afoitos e arrojados em busca do desconhecido, enquanto lá em cima, no dorso do monte, a estrada já alcatroada, o chama de passeio pela Junqueira até Algeriz, Fontemanha, Mortágua e quem sabe mais até onde.

A vegetação é densa e a arborização forte e variada; é peculiar o valor de certas espécies indígenas rasteiras como a cicuta, abundante nalguns pontos, e é de registar também o medronheiro que está a desaparecer, mas que já foi abundante, a ponto de haver alambiques em vários locais dos montes à volta para destilar a aguardente do medronho, o que constituía uma boa fonte de recursos. Há ainda o pinheiro, a acácia, o sanguinho e o lentisco, estando presentemente a avançar o plantio do eucalipto.

Por aqui passaram alguns dos povos primitivos, como justificam vestígios (mamoas, moedas) encontrados nos arrabaldes; talvez procurassem o clima, as águas e algum minério. A propósito, há no Vale

da Mó grandes galerias subterrâneas que sempre têm tentado alguns arqueólogos que as procuram, em especial na Gralheira, mas que nunca conseguiram explorar nem explicar. Razão por que o povo se põe a imaginar: atravessarão a serra até onde? Iriam ter ao antigo convento? Seriam um refúgio ou escavações para extrair metais? Alguns objectos encontrados à entrada de uma das galerias parecem confirmar a última hipótese. Contudo, são interrogações que mais uma vez ficam no ar.

Vale da Mó foi lugar importante de passagem de pessoas e bens. Por aqui os almocreves transportavam produtos como carvão, madeiras, gados, cereais; havia albergaria onde se comia e pernoitava. Ligava as terras do centro bairradino com o interior serrano onde havia núcleos populacionais já bastante evoluídos, como Fontemanha, com foral desde 1210⁽⁴⁾. Perto do sítio de nome Alto da Cruz, no lugar da Mata, havia também uma hospedaria. E o nome Alto da Cruz vem-lhe de lá poisarem os mortos quando os traziam dos lugares da serra para Ferreiros e mais tarde para a Moita.

Quanto ao topónimo "Mó" deriva precisamente do transporte das mós que por lá se fazia para os moinhos de vento e azenhas de que se podem verificar ainda alguns restos como no Pisão, onde também se cultivava e tratava o linho. É possível, todavia, que na sua evolução semântica⁽⁵⁾ "Mó" tenha vindo de Monte ou mesmo até de Monte farinha. Seria então o Vale do Monte de farinha ou Vale do Monte, evoluindo a seguir até à forma actual — "Mó".

Talvez por volta do século XIII aqui se tivessem fixado duas famílias vindas de Ferreiros, a dos Muros e a dos Alegres, seguindo-se-lhes depois a dos Semianos e a dos Helenos (também Canoas de alcunha). Ainda há alguns habitantes descendentes ou ligados por herança a estes antepassados. Grande parte destas informações foi-nos cedida até por Fernando Pereira, descendente dos Alegres.

Pensa-se terem sido pessoas de Vale de Boi, aldeia próxima e terra natal do poeta Manuel Alves, as primeiras a beneficiarem das virtudes da nascente férrea do Vale da Mó. Enfraquecidas, recuperavam as forças ao dessedentarem-se naquelas águas. Estas nascem num recanto, como num poço, junto à estrada do Luso⁽⁶⁾.

Mas é no princípio do nosso século que a povoação atinge talvez o seu auge, com um hotel já em 1906, "O novo Hotel Union", uma hospedaria que ardeu e mercado duas vezes por semana e que na altura, dizem, era superior ao de Anadia que cá se abastecia.

As águas adquiriram então grande projecção, graças também a vários impulsionadores, sendo um deles Adelino Alegre, sobrinho do deputado da primeira República, natural a Ferreiros, Manuel António da Costa.

Em 25 de Novembro de 1920 é passado alvará da nascente a Óscar Manuel Guedes Alvim, farmacêutico ⁽⁷⁾. A este se juntaram os médicos dr. Simões, dr. Fernando Costa e Almeida e o já citado comerciante Adelino Alegre que fazem das Termas um lugar conhecido e desejado por todos aqueles que de norte a sul do país procuram o repouso e a saúde do corpo e do espírito.

É erguido então o edifício das Termas, ajardina-se e embeleza-se o local.

As análises laboratoriais feitas na época pelo professor Charles Lepierre consideram a água "francamente mineralizada, medicinal, hipossalina, ferruginosa e hipotermal, reconstituente nos estados de depressão nervosa, fadiga, anemia e clorose" ⁽⁸⁾.

Da estação de Mogofores vinham constantemente carruagens com as pessoas que procuravam as Termas das águas férreas. Lá estiveram em cura de repouso e verancio políticos e pessoas de influência na época. Aliás, o poeta António Feliciano de Castilho e o seu irmão Augusto, pároco em Castanheira do Vouga, aqui estiveram, a conselho do seu médico, já antes, na segunda década do século XIX, no tempo das lutas liberais e até foi precisamente em Vale da Mó que os adversários políticos, os miguelistas, os vieram procurar ⁽⁹⁾.

Hoje as águas são classificadas como "bicarbonatadas, ferruginosas e magnesianas", únicas no país com tais características, mas o seu caudal é muito modesto, de 4 m³/24 horas, à temperatura de 15,3° C. Seria preciso um estudo hidrológico para aumento do seu caudal, de forma a permitir um melhor e mais completo aproveitamento. E ao estabelecimento hidroterápico de 1922, sem quaisquer instalações sanitárias, juntou-se-lhe apenas um consultório médico. As plantações de ligustrum e loendro desapareceram ou fizeram-se árvores, as roseiras acabaram e apenas a beleza paisagística natural envolve a Fonte férrea ⁽¹⁰⁾.

A povoação tem água canalizada (não as Termas), luz eléctrica e recolha de lixos domésticos. Há uma escola primária, serviço de Correio com carteiro e telefone público, chafariz no largo, duas pensões, dois pequenos cafés e duas acanhadas mercearias.

Falta dizer que na aldeia de Vale da Mó há uma capela ⁽¹¹⁾ do século XVIII, revestida de grés vermelho, e que é o que resta do antigo convento e que testemunha o lugar de penitência e oração ⁽¹²⁾ aqui existente em pleno bosque.

As freiras ursulinas receberam este convento das mãos do Marquês de Pombal, juntamente com outros bens de antigas ordens religiosas extintas.

No mesmo século XVIII, o pároco de Vale da Mó, padre Francisco era um dos que constavam na lista de possuidores de fazendas no couto de Mogofores ⁽¹³⁾.

Havia na aldeia a festa do Sagrado Coração de Jesus, na terça-feira a seguir à Páscoa, com procissão e música e era costume as quatro famílias principais engordarem uma vaca que então matavam e dividiam por todos.

Actualmente há na capela apenas alguns officios religiosos.

Quanto ao povo, humilde, generoso, aberto e trabalhador, tem vida rude, subindo e descendo encostas e ladeiras, mas o seu organismo é vigoroso, desempoeirado, pois os ares são puros e saudáveis... Envolve-nos becos e recantos de sonho num emaranhado multissecular de densos arvoredos que as copas vão ramalhando até ao vale onde a nascente férrea sempre os espera cantarolando magias de namoricos esquecidos... Os mais novos, esses vão fugindo... ou estudam, ou se empregam, ou casam fora ou emigram.

A economia continua quase apenas de subsistência, baseada nalgumas leiras de agricultura, matos, madeiras, lenhas, alguns tostões de pequenos arrendamentos na época balnear.

Ultimamente alguma emigração tem vindo também a rejuvenescer um pouco o pequeno povoado que continua sempre à espera de melhores dias.

E numa singela homenagem ao saudoso professor Bento Lopes, também ele enamorado destes sítios, terminamos com as suas palavras: "Por enquanto ali só fala a natureza que nos empolga, domina e convida a permanecer".

Pelas informações fornecidas, os nossos agradecimentos a: Adjunto do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Anadia, Sr. Luís M. D. Ventura; dr. António dos Santos Maria, presidente interino da Câmara Municipal de Anadia; pároco da Moita, Sr. padre Rei; Sr. Fernando Pereira, da Pensão Pereira, Vale da Mó, e responsável por quase todos os elementos de tradição oral; e dr. José Moreira, dos Serviços de Geologia e Minas, fornecedor de todos os dados alusivos à parte geológica do trabalho.

- (1) Bento Lopes, Monografia do Concelho de Anadia, 1980, p 67.
- (2) Anadia, Guia Municipal, 1990, p 41.
- (3) Alberto Souto, "A geologia do quaternário e o homem paleolítico do Vale do Cértima", *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. V, p 57.
- (4) "Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira", 11º vol., p 594.
- (5) Pedro Cunha Serra, "Topónimos do Distrito de Aveiro", *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol. XXXII, p 36.
- (6) "Termas de Portugal", Associação Nacional de Indústrias de Águas Minero-Medicinais e de Mesa (A.N.I.A.M.M.).
- (7) Américo Costa, "Dicionário Chorográfico de Portugal", vol. VIII, 1943, p 181.
- (8) "Guia de Portugal", 3º vol., 1944, p 464.
- (9) Ercília Pinto, "A Bairrada refúgio de poetas", *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. XVI, p 152.
- (10) José Carlos Balacó Moreira, "Indústria extractiva do Distrito de Aveiro", Separata do "Boletim Municipal de Aveiro", nº 5, ano III, 1985, p 37.
- (11) A. Nogueira Gonçalves, "Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Aveiro, Zona sul, VI", Lisboa, 1959.
- (12) Bernardo da Fonseca Sylva, "Informações paroquiais", Moita, 1721, *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. VI, p 213 e 214.
- (13) Stefan Wldszczewsk (Liste des locataires qui possèdent des parcelles au Couto de Mogofores...), *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. VI, pp. 312 a 316.

bibRIA

A BAIRRADA VISTA À DISTÂNCIA

Por Heitor Maia Nogueira

EM primeiro lugar quero saudar os participantes ao 1º Encontro de Escritores e Jornalistas da Bairrada.

Devo dizer que o convite para assistir ao Encontro me apanhou de surpresa. Antes que pareça estranho, nunca me tinha debruçado especialmente sobre assuntos da minha região. Parece-me que o único que li sobre terras bairradinas foram alguns dados desenvolvidos a seu tempo no "Jornal de Notícias" pelo dr. José Rodrigues, juntos depois no livro que publicou.

Assim sendo e encontrando-me longe, a minha primeira ideia foi descobrir alguma publicação (qualquer que fosse), como ponto de partida, que falasse da Bairrada. Em vão, porém, o fiz. Procurei a mais completa livraria em português e, claro está, nada. Procurei a nível particular, nada encontrei também. Entrei em contacto com o Consulado de Newark — a mesma negativa. Finalmente, lembrei-me do clube "Os Bairradinos", instalado nesta cidade e foi a mesma decepção.

Acabei por verificar então que a Bairrada é conhecida de nome, mas pouco se sabe dela. E comecei a pensar na sua delimitação. Será de Águeda a Santa Luzia e do Buçaco a Cantanhede? Já li aqui, num jornal da comunidade, habitantes de Mira reclamarem-se bairradinos. Mas o

Heitor Maia Nogueira, Tamengos, Curia, 10/07/1922. Ex-emigrante aposentado. Colaborou na Imprensa Regional e tem livro inédito sobre experiências de emigração.

saudoso Henrique Barreto, da "Gazeta de Cantanhede", orgulhava-se dos "Esticadinhos" e da sua região gandaresa. Quer isto dizer que está por definir onde começam ou acabam os seus limites.

De qualquer das maneiras, a minha aldeia de Tamengos fica no centro da Bairrada e a Curia, se quiserem, poderá considerar-se a sua "sala de visitas".

Quando eu era pequeno e andava na escola, gostava de ouvir o meu avô, pai da minha mãe, contar das coisas do seu tempo. Mais porque ele tinha certo grau de jocosidade. Era trocista. Minha avó é que não gostava lá muito das graçolas dele: —"T' arrengo, diabo!" — rematava ela, contrariada.

Meu avô viveu entrevado das pernas o resto da vida, talvez derivado de trabalhos exaustivos e da entrega do corpo às intempéries. Sentado num tronco carcomido, debaixo de uma figueira, frente à casa de habitação, ia tragando a dureza do passado, a meditar recordações. Dizia ter dispendido todas as suas energias, em novo, a arrotear pousios para plantar vinhas. Que a vinha era o que melhor se apropriava na Bairrada.

Nesse tempo da minha infância, a imagem que eu tirava da minha região estava confinada aos vinhedos a perder de vista, espalhados na baixura das ribeiras ou espreguçados por cabeços e vales. E pelas festas, as caçoilas de carne de cabra assada com vinho, nos fornos, à moda da Bairrada e o leitão que ainda não entrava em todas as casas.

Depois meu avô contava as peripécias nas folganças das festas padroeiras da área, que duravam três dias, onde a malta das redondezas se divertia e cantava ao desafio. Mais contava de um poeta-cavador, aí dos lados da Moita de Anadia, que improvisava com facilidade, rimando os seus versos: "O cantar é pra quem sabe / melhor pra quem escuta..." Ou muito simplesmente derrotava os seus contendores, sem mais nem menos: "Venho de pisar bagaço/e agora piso-te a ti".

De bairro ou de barro (pouco importa) teria derivado a denominação da Bairrada. Os vinhedos entremeados de colinas de pinheiros são as suas características mais evidenciadas. Daí os espumantes naturais e vinhos de marca, produzidos nas diversas caves regionais e ultimamente nas adegas cooperativas.

Na gastronomia salientam-se a chanfana e o leitão assado à Bairrada, que alcançaram fama fora das suas fronteiras.

Para veraneio e lazer, as estâncias termais da Curia e do Luso, com as suas águas medicinais e de mesa, bem assim como o panorama paisagístico do Buçaco, de onde se avista toda a região bairradina.

Não tendo nome de província, ouve-se falar dela em qualquer parte, mesmo fora do país. Os seus descendentes não hesitam à primeira resposta: "Sou da Bairrada". Só que muita gente não sabe onde fica situada no mapa de Portugal.

Das faldas da serra do Buçaco rumoreja, preguiçoso, ao longo da região, o rio Cértoma, ladeado de vasta vegetação luxuriante, entre salgueiros, freixos e amieiros, até se confluir com o Águeda nas proximidades de Fermentelos. À sua volta, inúmeras parcelas de terrenos cultivados proporcionam a exploração do rendimento regional à grande maioria dos seus habitantes. À margem da agricultura, muitas pequenas indústrias se vão criando por toda a zona, oferecendo a vantagem do escoamento das produções como incentivo à continuidade do cultivo dos minifúndios.

Será das regiões menos carregadas de manifestações típicas, mais coadunada ao ambiente geral da nação. Alguns deslizes de linguagem, como por exemplo o hábito corrente da troca do *b* pelo *v*, ou dizer "roim" em vez de "ruim".

A cultura do povo bairradino está disseminada pela sua população, de modo a ir eliminando preconceitos ancestrais, perniciosos ao desenvolvimento socioeconómico, em qualquer parte, porquanto há sempre novos caminhos a percorrer, quer revolvendo a terra, quer criando nos espíritos o ideal futurista, propício às gerações que advirão.

Que o 1º Encontro de Escritores e Jornalistas da Bairrada seja o despertar dos meios culturais e não só, para o levantamento das potencialidades por desbravar, nesta nossa região portuguesa, são os desejos deste bairradino, presente em espírito.

LEMBRANÇAS QUE A MEMÓRIA GUARDOU

Por Heitor Maia Nogueira

ENTÃO vivia-se, ao que se pode dizer, na santa paz do Senhor, quando as horas se passavam pela sombra que o sol ultrapassa sobre a terra e os carroções do petróleo se deslocavam pelas localidades, no galopar compassado de duas robustas parelhas de cavalos. Era ao tempo em que os pais pouco se preocupavam com a educação escolar e emprego dos filhos, deixando-os ao rumor das heranças tradicionais. Quando pudessem com o peso duma enxada, estava o emprego arranjado. Os deficientes físicos que ainda pudessem ser úteis tinham de ficar em sapateiros ou alfaites, mesmo que a vocação não lho aconselhasse. Aceitavam-se essas profissões, à falta de outros meios, como uma condenação marcada pela incúria da sociedade do tempo — por demais descuidada. Havia apenas a concepção do fatalismo e a compaixão pelas coisas que aconteciam e pouco mais.

Reinava ainda na memória do povo o conservadorismo dos tempos de outrora. A Igreja católica fazia parte dos agregados familiares, dela provinha o que se consideraria aceitável, ante a ignorância manifesta da maior parte do público. No Domingo de Ramos ofereciam-se à missa palmitos a pessoas escolhidas, fazendo-se discriminação aos "pobres de Cristo". Na quadra do Natal ia-se beijar o Menino Jesus e ver o presépio, e todos levavam o que podiam em dinheiro e em prendas, leiloadas no adro da igreja no Dia de Reis. A árvore de Natal, armada na casa dalgum rico, constituía motivo de cobiça por parte da pequenada, quando se ia

cantar as janeiras, à qual se arregalavam os olhos a espreitar os brinquedos dependurados, os rebuçados e as pratas reluzentes dos chocolates; principalmente aqueles a quem o Pai Natal não dava ensejo de descer pelo buraco da chaminé, a deixar uma simples lembrança de sonho que fosse. Tudo estava consignado aos preconceitos religiosos herdados, de maneira que não participar seria o mesmo que entrar em heresia com as regras preconcebidas.

Os campos envolviam a actividade dos dias de trabalho, quando os bois pachorrentamente puxavam o matraquear pausado dos rodados das carroças e dos carros, e ajudavam noutras pesadas tarefas que lhe estavam reservadas. Ouviam-se cantigas ao longe, por entre as parras das vinhas ou no meio de milharais, e palradas nas eiras pelos fins do Verão.

Aos domingos à tarde juntavam-se os moradores nos largos das povoações, ou nalgum alpendre aberto quando chovia, no Inverno. A juventude sem facilidade de transporte, a não ser a bicicleta a pedal, entre-tinha-se a dançar modas de roda, ao "lencinho que vai na mão ele cairá ou não", etc., e daí o começo de namoriscos.

Pelo Natal comiam-se as filhós e as rabanadas à volta da lareira e ia-se cantar as janeiras; pela Páscoa as amêndoas e o bolo-doce a servir de mata-borrão às bebidas excitantes que se iam ingerindo de casa em casa, a beijar o Senhor; pela festa padroeira reinava a carne assada, que rescendia das caçoilas, com pratos de aletria e arroz doce à sobremesa; e pelo S. Miguel ia-se à feira da "colher de pau" comer nozes com pão e vinho branco, onde se aproveitava para comprar alguma prenda ou as vulgares cadeiras de pinho, vindas do lado da serra na véspera a ranger em carros de bois, com dinheiro ganho nas vindimas ou dalgum pé de bagaço vendido. Na quadra natalícia reinava-se a saltar às fogueiras durante as noites frias do fins de semana, ateadas com "baldadas" de silvas que a petizada se encarregava de acarretar, enfiadas em paus de empar cepas e feixes de vides pilhadas das vinhas em redor. Pelo Entrudo jogavam-se caqueiradas com vasilhas velhas de barro, às portas das casas, quando não por elas dentro, escondendo-se de seguida em lugar donde se pudesse apreciar os moradores arrenegados, limpando os cacos estilhaçados. Principalmente domingo magro, domingo gordo e a terça-feira de Carnaval, onde quer que se juntasse malta, as brincadeiras carnavalescas animavam-se pelas ruas, com inundações de confetis. Os rapazes tentavam meter à força mãos cheias de papelinhos pela boca dentro das raparigas e esguichos de bisnagas nos olhos, e assim se divertiam com traquinices endiabradas. Havia animação geral com momices caricatas de mascarados e contradanças pelas ruas.

Quando chegava a Quaresma recapacitava-se em Quarta-feira de Cinzas, tal como ensinavam os mandamentos. Entrava-se em dias de jejum, era tempo de reflexão e havia de guardar-se respeito ao que estava instituído religiosamente. Chegado ao meio da quarentena voltava o desejo da folia no baile da micarême e era de tradição ir "serrar a velha", que consistia em pegar em funis a servir de altifalantes, pela calada da noite, fazendo ecoar os testamentos caricatos dos anciãos que mais dessem à casca. O mais divertido era quando algum se abespinhava por paus e por pedras. Nessa altura só tinha de se ter cuidado com alguma paulada surgida na penumbra da noite. Havia um simpático velhote na aldeia que apenas sentisse a malta a aproximar-se, colaborava de dentro do cardenho onde dormia, tocando pífaro. Tinha por hábito entreter-se a fazer pífaros de cana, para oferecer à pequenada e nessa altura aproveitava para fazer lembrar o bom humor de que era possuído. (Como aqueles anciãos sempre jovens que gostam acompanhar de perto as manifestações juvenis e nelas participar.) Depois na Semana Santa, a garotada rejubilava a tocar latas atrás das beatas ou das raparigas que passavam das confissões nos últimos dias.

...O Domingo da Pascoela marcava (se não se pode dizer que ainda marca) o recomeço das romarias e festividades na Bairrada. Começando pelas Almas Santas da Areosa, nos limites de Aguada de Cima, com variados carrocéis e bandas de música, atraindo milhares de forasteiros, e passando pelo S. Jorge, para as bandas de Cantanhede, com a presença típica de gado cavalar na procissão e corridas de hipismo durante a tarde, até à Quinta-feira da Ascensão, no Buçaco, com ranchos e cantares por toda a mata da serra acima, a Bairrada se vai desdobrando em atracção festiva, não esquecendo a noitada de fogo de artifício nas festas de Fermentelos e a romaria da Senhora da Saúde em Avelãs de Caminho, onde muita gente continua a devotar, na esperança do bem mais precioso da vida. Era então conhecida pela festa das melancias. Com a grandiosa procissão de Setembro, na povoação de Febres, se marcavam as festividades mais em destaque de cada ano, na área da Bairrada.

...Muito antes do dia da Ascensão se começavam a fazer preparativos e a combinar a ida ao Buçaco, em pequenos grupos ou em ranchos organizados, quase tudo a pé. Poucos se deslocavam até ao Luso de bicicleta. Vestimentas, comida e pronto. Fatos domingueiros e despique a capricho, das tricanas, em apresentar sugestivos aventais de chita, presos por laçarotes atrás da cintura, por cima da saia de lã e da blusa de popelina ou organdi, procurando sobressair com talhes e enfeites.

Manhã cedo, ainda lusco-fusco, começavam a passar ranchos compostos por gentes de todas as idades, de muitos quilómetros de

distância, com cantares alegres da mocidade em marcha. Elas com cestos de farnéis à cabeça, eles com cabaças e pipos às costas, para melhor irem redobrando de entusiasmo ao longo da caminhada. Vindos dos lados da região gandaresa, alguns habituados ao pé descalço surgiam de botas presas pelos atacadores dependuradas ao ombro, para assim, descalços, desandarem melhor.

No regresso voltava-se contagiante de alegria. Cantava-se e bailava-se, sem mostras de cansaço. Numa bifurcação que dá para a Curia, em Tamengos, os que não tinham ido ao Buçaco não deixavam passar em vão a romaria. Armava-se um pavilhão no meio do largo, com varas de pinheiros noviços, revestidos de ramagens de amieira e mimosas e ali se esperavam os ranchos que vinham chegando da serra, puxando por cordéis de marionetas, tocando harmónias de boca, pífaros de lata, tambores e pandeiritas. E todos se divertiam o resto da tarde, com verdadeira animação ao estilo do tempo. Os ranchos que regressavam da romaria entravam no pavilhão, cantavam e dançavam umas duas modas de roda e saíam no mesmo ritmo com que entravam.

Cafá a noite e tudo endireitava a casa, depois de mais um dia de pândega, de cabriolas e de namoriscos. No dia seguinte lá estava à espera o curso a que não se pode fugir, na passagem que o tempo vai marcando, entre as necessidades prementes e as lembranças que vão ficando gravadas nos anais da memória, subordinadas à feição dos ventos que se vão movendo sem cessar, na marcha do tempo.

A BAIRRADA E A ETNOGRAFIA

Por António Tavares Simões Capão

SOU bairradino por nascimento, amo esta terra que nos viu nascer, por convicção.

Procuro provar, ainda que não quisesse fazê-lo, que, para além de um ou outro caso pontual, esta região do país não tem tido estudiosos do nosso património etnográfico em geral. Por outro lado, em estudos generalizados ao país, seja qual for o tema desenvolvido, que é sempre muito complexo, as citações sobre a nossa região ou são raras e meramente ocasionais ou, simplesmente, não aparecem.

A Bairrada tem sido, ao longo dos tempos, uma região essencialmente agrícola. Que estudos de Etnografia se têm feito neste campo sobre as nossas gentes e sobre as nossas povoações?

Da pobreza de registo cultural desta conjuntura deduzimos o seguinte:

António Tavares Simões Capão, Palhaça, Oliveira do Bairro 29/08/1930. Aveiro, professor do ensino secundário. Publicou os livros "Freguesia da Palhaça-Contributo para a sua monografia", 1977 (coord); "Carta de Foral da vila de Frossos", 1984; "As Cartas de Foral de Miranda do Corvo", 1989; " Da Criação, Evolução e Encerramento da Escola do Magistério Primário em Aveiro", 1989 (org.), etc, para além de estudos etnográficos e históricos em variadas publicações. Obteve em 1990 o Prémio literário Região da Bairrada com o estudo inédito "Relance Histórico-Linguístico sobre a região da Bairrada - Influências Árábicas".

Ou não têm aparecido investigadores nas nossas aldeias que se tenham interessado por estes assuntos;

Ou os materiais a recolher não se apresentam dignos de atenção, por se integrarem dentro de áreas de difusão mais latas, não oferecendo características específicas;

Ou o desenvolvimento tecnológico se tem precipitado velozmente, impedindo, assim, um levantamento sistemático de todo o manancial que tem caído no olvido e na destruição, logo na impossibilidade de registo.

Ora, nenhum dos três pontos indicados atrás abarca a verdade total. Temos tido investigadores de grande valor, só que não orientaram os seus trabalhos para estes temas. Houve e continua a haver material com características específicas digno de registo e de menção. O avanço tecnológico não foi tão rápido e tão eficaz que pudesse ter imprimido, na generalidade, uma substituição absoluta de técnicas tradicionalistas.

Aqui concluímos que é necessário e conveniente que se faça, em plano razoável e suficiente, um levantamento de todo o material utilizado, enquanto é tempo. A não ser assim, corremos o risco de perder esse material com agravamento das possibilidades de o reconstituir; perde-se, além disso, a história destas gentes na sua união profunda com a própria terra; perdem-se também milhares de vocábulos juntamente com os próprios objectos, ao mesmo tempo que se empobrece consideravelmente a nossa língua activa.

Por tudo isso, indicamos alguns estudos sobre a Bairrada:

1. O dr. J. Leite de Vasconcellos faz uma referência mais ou menos aligeirada à Bairrada como sub-região integrada na Beira-Litoral ⁽¹⁾.

2. Ângela Maria Alves de Sousa Oliveira apresentou à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra uma dissertação sobre a cultura da vinha na Bairrada, nas suas relações com a Linguística, o Folclore e a etnografia ⁽²⁾.

3. António Tavares Simões Capão fez um estudo do noroeste da Bairrada, apresentado como dissertação de licenciatura à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1959 ⁽³⁾.

Haverá porventura outros estudos que não estiveram ao nosso alcance.

Sabe-se que, para além do vinho e do milho, outras culturas ocuparam os nossos lavradores: do linho, do trigo, do arroz, etc. Houve atafonas, azenhas, moinhos de rodízio, moinhos de vento. Houve, como instrumentos de lavragem das terras, o arado radial e a charrua chamada de carretas, aos quais veio sobrepor-se o arado quadrangular ⁽⁴⁾. Houve e há o malho de constituição especial. Houve o trilho que já desapareceu há

muito e que foi substituído pelo calcadoiro dos bois na eira. Houve muitas outras coisas...

Nos estudos relativamente recentes: "O Linho", "Sistemas de Moagem", de Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamin Pereira, não há alusões, sequer pontuais, à região da Bairrada; em "Alfaia Agrícola Portuguesa" dos mesmos autores, cita-se três vezes o vocábulo *Bairrada* — duas, referindo-se ao enxadão/alvião (Anadia, Moita, Junqueiro, Mealhada, Padralha); uma, a propósito do farpão/engajo/engaceta, mas sem indicações concretas na região.

D. José de Castro, cuja riqueza dos seus "Estudos Etnográficos" é notória apesar das opiniões dos seus detractores, tem, quanto a nós, a falha de não situar os seus registos, deixando-os diluídos no conjunto do distrito de Aveiro; por exemplo, em relação à Bairrada (que não indica), fala só na lavradeira de Oliveira do Bairro para indicar o seu vestuário. Tão-pouco o dr. Manuel de Paiva Boléo, no seu *Inquérito Linguístico* ao país (I. L. B. - 1942) apresenta citações pontuais nesta região, porque não as recebeu. Espalhou 12 mil inquéritos no país; recebeu 1.200!

Quero afirmar que, na generalidade, as malhas de todos os inquéritos a este nível têm sido demasiado largas, permitindo que escapem pontos que consideramos muito importantes para ajudarem a definir a região, que tem a sua linguagem, os seus usos e costumes e, por isso, a tornam única entre as outras regiões do país.

O seu vinho e o seu leitão assado característicos não são nem podem ser o exclusivo emblema desta terra e destas gentes; seria muito pouco atribuir-lhes o qualificativo de bebedores e de comedores, que outros, porém, podem apreciar associando-se e até assimilando-se.

O *status* da sua vida ultrapassa em muito essas qualificações, que podem chegar a ser pejorativas. Ir ao encontro de tudo o que está para além disso e que constituirá a concreta avaliação das actividades de todo este povo contumaz e diligente, é tarefa que, por nunca ter sido feita, se revela como urgente e imediata.

O levantamento etnográfico da nossa região continua a esperar de alguém, que tenha disponibilidade económica e tempo, o seu esforço, a sua capacidade, a sua competência e o seu saber. É bom e justo, todavia, que as entidades a quem foi dado o direito político da governação não mantenham só nos seus projectos os planos de urbanização, a construção de estradas e outras tarefas congéneres. Onde estão os responsáveis pelo pelouro da Cultura? Quais os projectos aprovados?

É evidente que os projectos culturais a nível comum existem muitas vezes nas cabeças, no papel, nas palavras, mas não na prática. O grande

espólio continua a ficar retido e a deteriorar-se, porque tais planos não são para toda a gente e, por isso mesmo, têm sido desprezados em relação aos vínculos mais profundos que unem os homens à terra-mãe.

Um levantamento de um espólio cultural generalizado e a organização de um museu regional da Bairrada são actividades que se têm que pôr em marcha. Não sei onde nem como, mas é necessário meter mãos à obra.

bibRIA

⁽¹⁾ Dr. J. Leite de Vasconcellos, "Etnografia Portuguesa. Tentame de sistematização", vol. III, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1980, pp 338-340.

⁽²⁾ Ângela Maria Alves de Sousa Oliveira, "A Cultura da Vinha na Bairrada. Estudo linguístico, folclórico e etnográfico", Coimbra, 1957.

⁽³⁾ António Tavares Simões Capão, "A Bairrada. Estudo Linguístico Histórico e Etnográfico", Coimbra, 1959.

⁽⁴⁾ Jorge Dias, no seu estudo "Os Arados Portugueses e as suas prováveis origens", não faz qualquer alusão pontual à região da Bairrada, embora alguns exemplares desse instrumento aí apresentados coincidam com os existentes nas nossas aldeias.

UMA PÁGINA DOS MEADOS DO SÉCULO XVII (1658) SOBRE A MAMARROSA

Por António Tavares Simões Capão

AO realizarmos alguns trabalhos de pesquisa, passou-nos pelas mãos, ocasionalmente, um documento que nos interessou e, por isso, o estudámos e do qual fizemos a transcrição, podendo, a partir desta, fixar-se o texto.

Este documento, que diz respeito à fundação do Convento de S. João Evangelista das Carmelitas Descalças de Aveiro, foi muito conhecido e manipulado por Rangel de Quadros que dele nos dá não só ideias pormenorizadas mas também citações de várias passagens.

Ora as fundadoras, vindo do Convento de Santa Teresa de Jesus de Carnide e do Convento de Santo Alberto de Lisboa, partiram de lá a 6 de Julho de 1658 e chegaram a Aveiro a um Domingo, 14 do mesmo mês, demorando, portanto, 8 dias de viagem, que fizeram quase na totalidade a pé, ainda que pudessem ter utilizado outros meios de transporte em voga na época, como é o caso do uso da liteira, citada na última parte da jornada e não só.

As peripécias da viagem foram escritas pelo Irmão Leigo Sebastião de Jesus, com o título *Memória da Jornada*, cujo texto oferece um delicioso sabor linguístico de tipo gongórico, para além de curiosíssimos esclarecimentos sobre o modo de viver dessa comunidade, no século XVII. O autor da *Memória*, todavia, fora escolhido "Para hir diante fazer as aposentadorias, por ser dotado de todas as qualidades necessarias para a empresa", como se diz na "Crónica da Ordem" (Liv. XIII, Cap. IX, p 427), registando o nome de todas as povoações de apoio por onde passaram.

Só a partir da recepção e da aposentadoria em Coimbra, é que a nossa região começa a estar em causa.

Saindo desta cidade, informa o documento que as madres vieram pousar a Sioga (Larrobos, S. João do Campo), povoação que então pertencia ao antigo concelho de Ançã.

De Sioga partiram para a Mamarrosa. Ainda que o texto não dê qualquer informação sobre esta viagem, é evidente que passaram pela região da Bairrada. Mas, acerca da Mamarrosa, o documento é bastante esclarecedor; da sua leitura, podem tirar-se várias informações:

— Havia, na Mamarrosa, um homem rico e caritativo, senhor de uma grande casa com sete portas, pelas quais se processava todo o serviço.

— As Religiosas eram *gente que não queria ver nem ser vista* e, por isso, se instalaram na Igreja, recusando essa casa muito devassada.

— A Igreja era *em hum campo muito fresco retirado do lugar*; logo, o templo ficava afastado da povoação.

— As Religiosas tiveram permissão do Superior para saírem da Igreja e darem um passeio pelo adro, onde havia sepulturas.

— Foi com a chegada à Mamarrosa que algumas Religiosas se sentiram doentes, tendo havido ordem para comerem galinha.

— Pela segunda vez, no texto, se fala em liteira, como meio de transporte, repetindo-se ainda a palavra na entrada das Religiosas em Aveiro.

Ora, na "Crónica da Ordem" (Liv. XIII, Cap. IX, p 432), afirma-se sobre esta povoação: "Faltava-lhes chegar a hũa terra distante de Aveiro duas legoas, a qual o nome *Resa* (*sic*), tinha realidade de Espinhos, pela falta que nella havia de tudo o necessario para hũa suffeciente acomodação."

Mas, logo no início do Cap. X da "Crónica" (p 432), sobre a chegada a Aveiro, há uma nova referência à povoação anterior, cujo nome é *Rosa* e não *Resa*: "As veneráveis Fundadoras de Aveiro, aquem a nossa penna, deixou no Lugar da Rosa convertida em espinhos..."

O Irmão Sebastião de Jesus dá uma impressão e uma informação mais positiva do lugar do que o cronista da Ordem.

O autor da *Memória da Jornada* também nada nos diz da viagem entre Mamarrosa e Aveiro. Por isso, continua a pairar no nosso espírito uma interrogação: A partir daqui, qual o caminho percorrido para chegar a Aveiro?

Da Mamarrosa a Aveiro são, hoje, 18 quilómetros, se seguirmos por Sobreiro de Bustos, Palhaça, Salgueiro, Aradas. Nessa altura, porém, não consta que estas povoações fossem muito conhecidas; por outro lado, a passagem entre Palhaça e Salgueiro seria, ao tempo, pouco transitável e até propícia a assaltos de toda a espécie, na chamada Gândara do Fontão — factos que permanecem ainda na memória de alguns, antes da construção da actual estrada de paralelepípedos.

Parece-nos, pois, que outra via que ligava povoações mais conhecidas, porque mais antigas, tivesse sido procurada pelas Religiosas e seus acompanhantes, todos vindos de Lisboa, embora entre Bustos e Ouca o caminho também não fosse bom e o matagal fosse então bastante denso.

Assim, não é de excluir que o itinerário das fundadoras do Convento de S. João Evangelista das Carmelitas Descalças de Aveiro tivesse também, como pontos de passagem, os lugares de Ouca, Boco, a Vila de Soza, Ermida, Ílhavo, Vila de Milho (Verdemilho) e, por último, Aveiro, aonde chegaram no mesmo dia, Domingo, pelas 7 horas da tarde, como está registado na *Memória da Jornada*.

Para já, não vemos o que se possa opor a esta opinião, visto que a Mamarrosa era, desde os primeiros reis, dentre os lugares pertencentes a Soza, um dos mais conhecidos, bem como Ouca, onde o Convento de Jesus de Aveiro mantinha instalações e celeiro.

É claro que a nossa intenção foi destacar e dar a conhecer o trecho em que se fala da Mamarrosa. Mas a totalidade do texto apresenta outros interesses e curiosidades que merecem a nossa atenção.

PROVÉRBIOS POPULARES NA BAIRRADA UMA TENTATIVA DE ABORDAGEM

Por Adosinda Marques

I PROVÉRBIOS PORQUÊ?

O meu gosto pelos provérbios populares vem dos meus tempos de criança, quando, aqui na Bairrada, ouvia as gentes do campo pensarem alto o seu entendimento da natureza e da vida.

Era o fenómeno da minha aculturação, que se hoje me pode permitir um melhor conhecimento das formas de estar bairradinas, me pode ao mesmo tempo diminuir a isenção na análise.

O ritmo, as dicotomias, a clareza e as evidências encantavam-me. Hoje acho-lhes interesse na medida em que possam servir para definir as grandes linhas de cultura desta região. E isto porque julgo a filosofia popular a arqueologia de toda a elaboração mental sistemática, mas, sobretudo, porque a penso uma "arquê" axiológica, podendo assim os provérbios constituir uma das chaves para o sentido que as sociedades se impõem, para a interpretação dos seus padrões ou para o conhecimento dos seus mitos. Para o conceito de homem que possuem. E para a interacção social que realizam.

Adosinda Cruz Pato Sá Marques, Sangalhos, 06/11/1939. Cortegaça, professora de Psicologia do Desenvolvimento. Publica ensaios de conteúdo psicossocial e colabora na Imprensa Regional.

II A METODOLOGIA

Para esta breve análise utilizei uma recolha de provérbios feita por mim em anos de juventude. Deles seleccionei os 60 que cito, por os considerar dos mais populares e de maior significado, embora me questione sobre tal selecção ter por critérios o meu conhecimento e experiência pessoais, e necessariamente a minha valoração afectiva.

Seguidamente agrupei-os por conteúdos temáticos, por forma a fazer emergir os valores que eles veiculam, e de que me servirei para questionar até que ponto serão modeladores da alma deste povo bairradino ou as formas primeiras da estruturação do seu equipamento mental.

III O HOMEM NOS PROVÉRBIOS POPULARES

Um conceito e um perfil

Acerca da origem humana, o "filho de peixe sabe nadar" é um dos mais comuns. Valoriza-se nele uma herança que é de apetências, enquanto se afirma o factor hereditariedade no comportamento. Mas o comportamento depende também das relações sociais, porque "Junta-te aos bons, serás melhor do que eles; junta-te aos maus, serás pior do que eles". Não só produto biológico, mas produto social cujas características serão função dos grupos sociais de contacto. "Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és".

Quer dizer que há bons e maus, segregados. A valorização implícita da educação, define a hierarquização social inerente a esses níveis educacionais. Essa ideia parece estar contida em "os homens não se medem aos palmos", já que não são os valores de natureza física que dão grandeza ao homem. Nem tão pouco sobrevive apenas com recursos materiais. É o "nem só de pão vive o homem". Privilegiam-se então, os aspectos do espírito — chamemos-lhes assim — mas não quer dizer que se desvalorize o corpo. "Homem pequenino ou é atrevido ou dançarino". Por não ser desprezado é que lhe são reconhecidos estes mecanismos compensatórios. Se o ser atrevido é um desvio à norma, é permitido enquanto explicado, possível porque se define o campo da liberdade individual: para as atitudes, "presunção e água benta, cada um toma a que quer".

O homem põe-se limites e sente-os: "depressa e bem, há pouco quem" e "só quem tem unhas toca guitarra".

Em todas estas afirmações está subjacente uma ideia de interioridade psicológica, ora não expressa — "o hábito não faz o monge" — ora escondida — "quem vê caras não vê corações" — ora disfarçada — "quem

desdenha quer comprar". Seja ou não pela consciência desta interioridade, o certo é que conhece e até desvirtua a relatividade das opiniões e convenções sociais — "cada cabeça, cada sentença". E embora afirme, por um lado, que "da discussão nasce a luz", afirma por outro a sua resistência à autocrítica e à mudança, porque se pode desculpabilizar no "atrás de mim virá quem bom me fará".

Não parece de facto esperar alterações sérias, porque parece acreditar numa explicação aleatória para o comportamento: "o berço o dá, a tumba o leva".

"Atrás de tempo, tempo vem"; "hora a hora Deus melhora"; "Roma e Pavia não se fizeram num dia"; "quem espera sempre alcança", poderão ser indicadores de um horizonte de fé. Fé na vida. Confiança nos outros homens, que permite a coesão social feita de crenças e práticas. Não será abusivo ver ligada a esta a característica da persistência: "água mole em pedra dura, tanto dá até que fura"; e não desiste: "enquanto o pau vai e vem, folgam as costas"; embora abandone a ideia se a concretização não for possível: "o que não tem remédio, remediado está". Não porque perca a fé, mas exactamente por ter fé demais.

Nenhuma tentativa de alterar a ordem estabelecida. Não é revolucionário. Porém não deixa de ser irónico: "olha pró que eu digo, não olhes pró que eu faço", "casa roubada, trancas à porta"; "casa de ferreiro, espeto de pau", "ganha fama e deita-te a dormir". Outras vezes é zombeteiro, e fá-lo com animais, nomeadamente o burro se quer ridicularizar os aspectos negativos do homem: "quando um burro fala, os outros baixam as orelhas". É menos sarcástico, ou não pude encontrar provérbios deste tipo: "zangam-se as comadres, descobrem-se as verdades".

Fundamentada na paternidade e ligada a ela, a autoridade e a educação. A criança crê-se moldada e susceptível de aprendizagem visto que, se "de pequenino se torce o pepino", "burro velho não aprende línguas". Esta aprendizagem implica trabalho, "porque quem muito dorme pouco aprende". Trabalho e saber, dois valores, um mediatizando o outro. Só o saber se impõe "porque vozes de burros não chegam ao céu".

"Patrão fora, dia santo na loja" põe-nos perante o problema da legitimidade da autoridade do chefe e das relações de trabalho. É pela autoridade do chefe que a ordem se mantém; a ordem que transcende o concreto, se faz universal e cósmica: "não há sábado sem sol nem domingo sem missa". No entanto, denuncia-se o autoritarismo e a injustiça nessas relações: "Não peças a quem pediu nem sirvas a quem serviu; pede a quem o herdou que não sabe quanto custou".

A autoridade suprema é a de Deus. Dele o poder decisório e o saber: "Deus escreve direito por linhas tortas"; "o casamento e a mortalha no céu se talha". Para os grandes problemas do homem mas também para os problemas concretos, "vale mais quem Deus ajuda que quem muito madruga". A contrapartida — o diabo — preocupa-o também mas subtrai-se fugindo aos desafios, ao destino próprio de coisa criada: "Contigo, diabo, antes a bem do que a mal". E tenta fugir também ao medo da morte valorizando a vida: "Rei morto, rei posto".

Mais especificamente, é de notar o perfil feminino que aqui se desenha: "muito riso, pouco siso", "menina séria não tem ouvidos", "livra-te das ocasiões que eu te livrarei dos males". Um perfil de mulher discreta e prudente. Mas trabalhadora: "remenda o teu pano que ele chega-te ao teu ano. Se ele não chegar, torna a remendar". Também silenciosa: "só fala quem tem que se lhe diga". "Pela boca morre o peixe", "quem muito fala pouca acerta", "não cuspas para o ar que ele pode cair-te em cima", "quem tem telhados de vidro não pode atirar pedradas", são muitos dos avisos que se fazem à espontaneidade verbal da mulher. O respeito pela autoridade centrada no pai não pode deixar de ser notada: "onde canta galo não canta galinha" e casa há onde se pode ler na parede da entrada, "na casa manda ela, mas nela mando eu".

A JEITO DE CONCLUSÃO

O maior número de provérbios defende os valores morais (porém não me parece que pretendam moralizar à custa da ingenuidade humana: "para maroto, maroto e meio"); os outros visam o êxito imediato e dirigem-se à acção: "em tempo de guerra não se limpam armas", e "até ao lavar dos cestos é vindima".

Estão presentes as ambiguidades: "a mulher e a sardinha quer-se da mais maneirinha"; "a mulher e a pescada quer-se da mais encorpada"; e também as contradições: "quem não arrisca não petisca" e "vale mais um pássaro na mão do que dois a voar".

Se isto se compreende pela falta de sistematização e coerência interna, não me parece desvirtuador da capacidade de sentir e de viver do homem, mas antes a verificação das múltiplas faces de um mesmo real.

Longe, portanto, de ser perturbadora existência de regras que não obedecem ao princípio da não contradição, a afirmação da excepção à regra e a normalização dela, parece-me antes conter o sentido humanizante e inteligente da adaptação humana.

Nesta medida vejo constituir-se uma filosofia de vida que para se enunciar necessita de ser precisada através de abordagens de outra natureza e métodos, às diversas *praxis* das gentes da Bairrada.

— Filho de peixe, sabe nadar.

— Junta-te aos bons, serás melhor do que eles: junta-te aos maus, serás pior do que eles.

— Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és.

— Os homens não se medem aos palmos.

— Nem só de pão vive o homem.

— Homem pequenino, ou é atrevido ou dançarino.

— Presunção e água benta, cada um toma a que quer.

— Depressa e bem, há pouco quem.

— Só quem tem unhas toca guitarra.

— O hábito não faz o monge.

— Quem vê caras não vê corações.

— Quem desdenha quer comprar.

— Cada cabeça, cada sentença.

— Da discussão nasce a luz.

— Atrás de mim virá quem bom me fará.

— O berço dá, a tumba o leva.

— Atrás de tempo, tempo vem.

— Hora a hora, Deus melhora.

— Roma e Pavia não se fizeram num dia.

— Quem espera sempre alcança.

— Água mole em pedra dura, tanto dá até que fura.

— Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.

— O que não tem remédio, remediado está.

— Olha pró que eu digo, não olhes pró que eu faço.

— Casa roubada, trancas à porta.

— Casa de ferreiro, espeto de pau.

— Ganha fama e deita-te a dormir.

— Quando um burro fala, os outros baixam as orelhas.

— Zangam-se as comadres, descobrem-se as verdades.

— De pequenino se torce o pepino.

— Burro velho não aprende línguas.

— Quem muito dorme pouco aprende.

— Vozes de burro não chegam ao céu.

— Patrão fora, dia santo na loja.

— Não há sábado sem sol, nem domingo sem missa.

- Não peças a quem pediu, nem sirvas a quem serviu: pede a quem o ganhou, que não sabe quanto lhe custou.
- Deus escreve direito por linhas tortas.
- O casamento e a mortalha no céu se talha.
- Vale mais quem Deus ajuda, que quem muito madruga.
- Contigo diabo, antes a bem que a mal.
- Rei morto, rei posto.
- Muito riso, pouco siso.
- Menina séria não tem ouvidos.
- Livra-te das ocasiões que eu te livrarei dos males.
- Remenda o teu pano que ele chega-te ao teu ano; se ele não chegar, torna a remendar.
- Só fala quem tem que se lhe diga.
- Pela boca morre o peixe.
- Quem muito fala pouco acerta.
- Não cuspas para o ar que ele pode cair-te em cima.
- Quem tem telhados de vidro não pode atirar pedradas.
- Onde canta galo, não canta galinha.
- Na casa manda ela, mas nela mando eu.
- Para maroto, maroto e meio.
- Em tempo de guerra não se limpam armas.
- Até ao lavar dos cestos é vindima.
- A mulher e a sardinha quer-se da mais maneirinha.
- A mulher e a pescada quer-se da mais encorpada.
- Quem não arrisca, não petisca.
- Vale mais um pássaro na mão que dois a voar.

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO HISTÓRICO DA REGIÃO DA BAIRRADA NO SÉC. XVII (O poder senhorial e o equilíbrio Coroa-Senhores)

Por Alice Correia Godinho Rodrigues

NA Beira Litoral, uma das mais bem caracterizadas divisões naturais do nosso país, com relevo pouco acentuado, menor oscilação térmica anual e maior humidade como resultado da influência marítima e lagunar, encontra-se uma sub-região, que dela faz parte integrante e a que damos o nome de *Bairrada*.

Abrange esta divisão parte do Concelho de Águeda, Oliveira do Bairro, Anadia, Mealhada, parte do Concelho de Cantanhede e alguns lugares já pertencentes ao Concelho de Coimbra.

Os seus limites são muito imprecisos, estendendo-se sobretudo ao longo dos terrenos argilo-calcáreos em que o barro predomina. É longínqua a documentação que nos refere esta região. Data de 968 o 1º documento que encontramos e que se refere aos terrenos "barrios" e ao rio Viaster (Viadores).

Este topónimo, que provém da constituição argilosa do solo, influenciou largamente a toponímia local. Assim temos Oliveira do Bairro, S. Lourenço do Bairro, Ventosa do Bairro, Barrô, para designar os mais conhecidos.

Alice Correia Godinho Rodrigues, Pampilhosa, 06/10/1938. Coimbra, assessora do Arquivo da Universidade. Publicou trabalhos de investigação histórica com incidência bairradina em revistas da especialidade.

São terrenos propícios ao cultivo da vinha, cultura que se pode dizer multissecular. Decaiu muito no tempo do Marquês de Pombal, quando este mandou arrancar os vinhedos para desviar a concorrência à Companhia do Alto Douro que instituíra em 1758. Dois alvarás: um; de 1765, ordenara o arranque de vinhas nos campos do Tejo, Mondego e Vouga; outro, de 1766, determinou idênticas providências para Anadia, Avelãs de Caminho, Mogofores e Fermentelos. Estes alvarás apareceram sob o rótulo desinteressado de criar terra para o pão. O trigo era o pretexto para terminar com a concorrência desleal que impedia os vinhos tradicionais de chegarem a Inglaterra.

Em 1731, através do porto da Figueira saíram 4000 pipas de vinho para a Inglaterra, para o qual nenhum tratado internacional e de comércio existia para o evitar. Daí, os dois alvarás a determinarem as terras da Bairrada impróprias para a cultura da vinha.

Constituindo esta região um triângulo, tendo como vértices Vagos, Coimbra, Leiria, zona correspondente ao Vale do Vouga, encontramos aí um litoral interior onde a população se aglomera. Banhada pelo Cértima, ribeira nascida no Buçaco, no sítio das Lameiras, entra pela Lagoa do Requeixo (Pateira de Fermentelos) e lança-se no rio Águeda, fertilizando toda esta região.

A partir de 20 de Junho de 1645 as freiras do Convento de Jesus de Aveiro: a prioriza Soror Mariana de Belém, a subprioriza Paula de S. Jerónimo e a escritã Soror Guiomar da Glória, dirigem-se ao Rei no sentido de obterem alvará para serem tombados os casais que possuíam no Bolho, Sepins, Ventosa e uma quinta no lugar do Barregão, que elas próprias diziam serem os casais que possuíam na Bairrada. Consideravam que muitas terras andavam alheias, em poder de senhores mui poderosos e que delas indevidamente se tinham apoderado. Pretendiam que se fizessem medições e demarcassem as propriedades que confinavam com os senhorios do Marquês de Arronche, Marquês de Marialva, Senhorio de Malta e outros.

A Quinta do Barregão estava dividada em casais (cerca de 59 casais) sendo normalmente o homem cabeça de casal. Raramente aparece referência ao nome da mulher, embora apareça designado o seu estado social: (casado, viúvo). Quando se tratava de um viúvo, o encabeçamento era feito também pelo filho mais velho, desde que solteiro com mais de 25 anos. Aparece como cabeça de casal uma mulher, Eulália Fernandes, casada, mas cujo marido estava ausente. Denota possuir um grande poder

económico comparado com os restantes cabeças de casais. Pagava as seguintes rendas ao Convento de Jesus:

COURELAS	RENDAS
Carvalheira	5 cabaços de trigo
Terra ao moinho	3 salamins de trigo e uma quarta de milho
Uma terra que foi vinha	1 salamim de milho
Figueira Pedral com Oliveiras	1 cabaço de milho
Ortas da fonte	2 cabeças de trigo e 1 de milho
1 casa térrea com curral	meia galinha
Área do Sobreiro	$\frac{1}{4}$ de trigo e um cabaço de milho
Nogueira	1 cabaço de trigo

Temos referência a uma outra mulher como cabeça de casal: Maria Francisca, viúva de Francisco Machado, possuindo apenas casas com currais dentro da Quinta, pagando ao Convento apenas $\frac{1}{4}$ de galinha.

Muitas vezes o nome dos inquilinos aparece acompanhado de alcunhas, mas estas poucos dados sociológicos nos dão:

João Alves, o Sarrano
Francisca, a Grila
Manuel João, o Manas Ventoso
António Fernandes, o Puto
Francisco de Moraes, o Raposo

Assim como referências à profissão: aparece-nos apenas o sapateiro da Quinta do Barregão, como cabeça de casal. Tratar-se-ia apenas de lavradores, os mantenedores da terra, os trabalhadores por excelência, aqueles que mais avultavam na produção dos bens de consumo.

O arrendamento estabelecia-se segundo o contrato entre o senhorio e o inquilino por um ou mais anos. O pagamento era feito em geral ao ano em géneros, e raramente em dinheiro, pagável em épocas diferentes consoante o contrato; dia de S. Miguel (29 de Setembro), Domingo de Páscoa, dia de Natal, dia de S. João, dia de S. Martinho e dia de S. Expedito.

As rendas eram na sua maioria em cereais (trigo, cevada ou milho). Daí todos os celeiros se situarem em aldeias insignificantes ou até em

sítios aos quais o epíteto de povoado se hesita em conceder. É que os celeiros régios e bem assim os dos grandes senhores laicos ou eclesiásticos se apresentavam eminentemente rurais e se localizavam por isso num casal ou numa herdade "indomnicata" que constituía a sede de exploração agrária do domínio circunjacente, mas cujo carácter rural era indiscutível. Podemos exemplificar com o celeiro das freiras de Lorvão, existente em Pampilhosa, e que hoje faz parte do nosso património cultural.

Além da Quinta do Barregão, o Convento de Jesus, senhorio eclesiástico, mantinha Ventosa, Sepins e Bolho. Em Ventosa tinha questões com a Colegiada de S. Bartolomeu, Freiras de Semide, Santa Maria de Celas e Mosteiro do Lorvão, que percorriam essas terras tirando e colocando marcos, em busca das suas rendas.

Ventosa, em cujos casais permaneciam 53 inquilinos, pagava 9 alqueires de trigo, 2 alqueires de fogaça, cevada de tomadia, 2 patos, 2 capões, 2 galinhas, 20 ovos, 9 alqueires de cevada, 1 pão de quinto, o vinho e linho de sexto. Sepins, cujos casais eram distribuídos por Sepins, Sepins o Grande, Sepins o Pequeno, possuía 23 casais. Confinavam estas terras a norte com o Mosteiro do Lorvão, a sul com o Convento de Celas, Colegiada de S. Salvador de Coimbra e a poente com o Marquês de Marialva. O Bolho possuía 16 inquilinos distribuídos por 4 casais.

Encontramos referência ao cabeça de casal João Francisco Carvalheiro, casado com Maria Francisca que detinha casas, currais, uma tenda de ferreiro, uma vinha, uma eira e um tendal, do qual pagava o laudémio. No Bolho também se encontram casais pertencentes ao Cabido e Mitra da Sé de Coimbra.

Termina o Tombo das terras da Bairrada, pertencentes ao Convento de Jesus, com António Rodrigues, Alferes, a viver no Couto de Aguiçem e a possuir 6 courelas no casal de Ventosa.

Ao lado do Convento de Jesus de Aveiro, encontramos outros senhorios eclesiásticos espalhados por terras da Bairrada e em constante conflito. Referido a Sepins aparecem-nos os Estatutos da Colegiada de S. Salvador de Coimbra, referindo que do pão, vinho, legumes e outras coisas, dessem a meada e das terras de Barro $\frac{1}{5}$ e das terras galegas $\frac{1}{6}$ e oito alqueires de cevada. Alude ao repartidor do vinho e tulha, mandando ter o Prioste pronto para acarretar o vinho e azeite a seu tempo e terá de ir ao lagar verificar a medição do azeite. Nas despesas que fizer com as suas bestas será indemnizado, mas também será obrigado a trazer 2 cargas de rosmaninho em quarta-feira de trevas e 2 cargas de ramos verdes em Sábado de Aleluia.

Ligado ao Senhorio da Sé de Coimbra aparecem-nos os casais de Barcouço, 30 casais em que um dos cabeças de casal, Pero Vaz, era tosquiador (aquele que fazia a barba e cortava o cabelo aos que morriam) e que pagava ao Cabido 8 alqueires de pão meado, cevada, 2 alqueires de fogaça, 1 alqueire de trigo, uma tigelada, 1 capão e 10 ovos.

(Fogaça — pães de trigo cozidos debaixo de cinza;

Tigelada — doce feito em tigelas grandes, com vinho branco, leite, ovos e côdea de pão.)

Herdeira dos domínios senhoriais do Mosteiro de Santa Cruz, a Universidade ficou senhora de algumas terras na Bairrada: Anadia, Aguim, Aguada de Baixo e Pereiro, onde o ouvidor exercia a correição, conhecia os agravos e apelações e confirmava as justiças. Eram sua pertença também os Cabaneiros de Aguim. Os cabaneiros raramente possuíam vinhas, pagavam apenas 1 capão e 10 ovos e eram obrigados a fazer as carreiras quando tinham bestas.

Referido a Sangalhos encontramos uma sentença pertencente ao Mosteiro de Santa Cruz, contra o Reitor da Universidade, mandando que se pusessem outra vez os marcos que ele tinha mandado tirar (1697).

Não encontramos espalhados na Bairrada senhorios das Ordens Militares, que no entanto possuíam 12% das terras do Reino.

Vamos apenas encontrar a Ordem de Malta em Bustos. Os senhorios das ordens militares gozavam de uma acentuada coerência territorial, pois eram em geral constituídos por espaços contínuos de grande importância económica e estratégica, e daí o terem a predominância das terras no Alentejo.

Encontramos no entanto uma referência em Bustos que salvo outra interpretação seria um resíduo isolado de outros domínios senhoriais e territoriais dos Hospitalários.

Outros grandes domínios preenchidos pelas Várzeas do Cértima eram os senhorios laicos. Caracterizados por uma coerência territorial, muitos destes senhorios organizam-se em manchas espaciais contíguas o que lhes conferia uma importância política e estratégica muito mais do que se se repartissem atomisticamente.

Na região predominava a Casa de Aveiro. No séc. XVII, o senhorio dos Duques de Aveiro era constituído por 23 terras, com uma área total de cerca 4.500 Km e cerca de 55 habitantes. A sua origem está numa doação de D. Manuel em 1500 ao 1º duque, filho bastardo de D. João II, de um extenso senhorio no litoral beirão entre o Vouga e o Mondego (compreendendo terras da comarca de Coimbra e Esgueira). Possuía na Bairrada a Póvoa do

Canedo, Póvoa do Loureiro, Monte Redondo, Póvoa de Melrim, entre outros.

Este senhorio não era territorialmente contínuo e nem todo permaneceu na casa. Avelãs de Cima e Ferreiros são doadas nos inícios do séc. XVI aos Senhores de Ílhavo (Pereiras de Miranda, Almada).

O Marquês de Cascais possuía as vilas de S. Lourenço do Bairro e de Avelãs de Caminho.

Encontramos o Couto da Vacariça limitado por diversos senhorios laicos: Duque do Cadaval, que possuía terra em Mortágua; Marquês de Marialva (Cantanhede e Casal-Comba); Casa de Aveiro, Condes de Atouguia e D. Pedro de Almeida e Lencastre, Senhor do Morgado de Ventosa.

De interesse o aforamento do Paúl de Aguada no Couto de Barrô e aforado a Álvaro Mendes, com a condição de este fazer valas para tornar o Paúl produtivo. Eram montes maninhos, bravios, que o povo de sol a sol ia tornando produtivos, pela minguá de alguns privilégios, privilégios esses que se tornavam bem caros. Eram pagos 16 alqueires do que se colhesse à Igreja de Barrô e pelo S. Miguel o bispo de Coimbra aí vinha buscar pão e legumes debulhados, linho curtido e enxuto no estendal e o vinho feito à bica do lagar.

Terminamos com a Marmeleira, onde a nosso ver começam as terras da Gândara e termina a Bairrada.

Entre os senhorios por esta terra espalhados temos o Cabido e Mitra da Sé de Coimbra, Universidade de Coimbra, o Mosteiro do Lorvão, o Convento de Semide, a Colegiada de S. Tiago, entre outros.

Encontrámos aqui courelas cuja toponímia achámos sugestiva: a Orta das Pipas, Vinhas ao Pé do Carril, uma vinha chamada a Casinha dos Mouros. Pagavam de foro 4 alqueires de pão meado, de trigo e cevada, e 1 alqueire de trigo de fogaça, 2 capões, 20 ovos, oitava do azeite ao pé da oliveira.

Era muito raro aparecerem foros pagos em vinho. O Rei limitava o poder dos grandes Senhores e o *relego* era um desses limites. Proibia a venda do vinho avulso durante os três primeiros meses, de 1 de Janeiro a 1 de Abril, época em que só o seu próprio vinho podia ser vendido. O Mosteiro do Lorvão gozava de idêntico relego, quanto ao lugar de Botão, Outeiro e Pampilhosa, desde o Dia de todos os Santos até 1 de Fevereiro. Aos domingos e dias de Nossa Senhora era proibido vender vinho antes da pregação. Nas restantes horas e em todos os outros dias era possível comprá-lo aquartilhado.

As tabernas estavam abertas de sol a sol até às avé-marias.

Através dos Livros de Visitas pastorais ao Arcediado do Vouga, que comportam toda a zona bairradina, obtivemos vários aspectos da vida quotidiana da população. A visita era um dos meios de que o bispo se servia para obter um conhecimento mais exacto não só da disciplina eclesiástica mas também da vida moral e colectiva dos paroquianos.

Queixavam-se em 1626 os paroquianos da Mealhada, Póvoa, Cardal e Sernadelo de terem de ir cumprir o preceito dominical e receber os Sacramentos à Igreja da Vacariça, quando tinham fabricado no lugar da Mealhada a ermida do Mártir S. Sebastião, aonde poderiam cumprir as suas devoções. Apelavam para o provisor e vigário geral do bispado para que estabelecesse uma anexa da Igreja da Vacariça na ermida de S. Sebastião, na Mealhada, onde formaram a Confraria do Mártir S. Sebastião, apelação esta que foi negada. Parece-me que o problema está a ser resolvido. Há trezentos e sessenta e três anos!! É muito pouco!

Pretendi com esta exposição apresentar alguns tópicos que pretendo explorar num trabalho que tenho em mãos e que será para mim como que um agradecimento à gente laboriosa da Bairrada à qual tenho orgulho em pertencer.

bibRIA

RAÍZES DE ALGUNS TOPÓNIMOS DA REGIÃO DA BAIRRADA

Por Luís Carlos Gama Pereira

INVARIAVELMENTE os topónimos das cidades, vilas e aldeias de Portugal perdem-se na noite dos tempos. Daí a dificuldade de quase sempre se achar a razão das suas designações. Quando antigas e de mistura com a sua grafia latina, é vulgar levarem-se até ao tempo do domínio romano.

O documento que há bastantes anos me marcou, por ter destruído em mim esta ideia, foi escrito por J. Branquinho de Carvalho (1950) e intitulava-se "A Antiguidade da Mealhada nas Enciclopédias e nos documentos". De facto uma das lições que aí colhi foi a que a História se faz com marcos. Na falta deles tudo é possível!

Não querendo tergiversar em relação à História, mas tão só trazer à vossa opinião, por certo mais segura do que a minha, algumas observações que venho fazendo desde há anos, permito-me pedir-lhes a atenção para esta questão: entre Travasso e Travassô, nome de duas aldeias bairradinas, uma junto à Mealhada e a outra junto a Águeda, qual a versão que deverá estar mais correcta já que é inegável a mesma grafia base?

É um facto que não devemos saber o que poderá significar Travasso ou Travassô! Nem tão-pouco sei quando poderá ter começado a ser usado este nome.

Luís Carlos Gama Pereira, Andrada (Angola), 14/06/1941. Coimbra, docente da Faculdade de Geologia da Universidade. Colabora em publicações diversas.

Dum modo geral os grandes períodos da História do que é hoje Portugal poderão, com mais ou menos pormenor, dividir-se segundo os grandes períodos de influência dos povos que por aqui vieram ou por aqui ficaram. Em sentido lato podemos dizer que há um "território em que à ocupação ibero-céltica viera sobrepor-se a colonização greco-fenícia e depois o domínio sucessivo dos cartagineses, dos romanos, dos germanos e dos árabes" (Herculano).

Daí que tenham ficado "resíduos" de todos eles...

O difícil não é tanto parcelar invasões e povos, o difícil é garantir o que cada um respeitou do ou dos anteriores ou o que deles cada um obliterou. Daí que cada *nome* deve ter por baliza o marco ou documento histórico que garanta o seu "nascimento". Bem sabemos o quebra-cabeças que esta pesquisa envolve e as fontes que manipula.

Pontos chave da nossa geografia têm ou parecem ter nomes muito antigos, mas só a partir do período romano temos deles mais frequente notícia. Mesmo assim temos que ter em conta que nesse tempo não era assim tão denso o povoamento... Cada época acrescentou a sua gente e estes novos povoados. Mas, e para não tecer longas considerações, se hoje constatarmos que algumas povoações bairradinas, muito próximas de nós, pertencentes que foram ao Couto da Vacariça, têm nomes que são ou parecem ser decalques de nomes de povoações francesas, o que é que isso nos sugere ou que perspectivas se nos abrem? Vir da antiguidade, onde este decalque se torna mais difícil, ou recuar a partir da actualidade?

Mas estes nomes estão citados nos documentos do séc. X e alguns no séc. IX, período da inflamada reconquista cristã. Estarão citados em períodos mais recuados da História? Não vo-lo sei dizer. No entanto este período da reconquista cristã a partir das Astúrias, último refúgio cristão do reino visigótico, foi sucessivamente retomando terras que haviam sido perdidas, ainda que em muitas se mantivessem as gentes e os nomes.

As presúrias cristãs e a organização monacal ajudou ao novo repovoamento e com ele talvez o transporte de novos nomes...

Que quererão dizer nomes como Travasso, Vacariça, Luso, Buçaco? E se vos transmitir nomes de povoações francesas assim designadas: Traveussot, Vacharesse, Luzón, Boussac...?

A constatação da sua similitude obriga-me a transmitir-vos o quanto penso que estes nomes não são tão longínquos assim quanto possa parecer apesar de existirem em dois países com influências tão diversas, ainda que atravessadas por episódios comuns.

PROVAS CICLISTAS PIONEIRAS NA BAIRRADA

Por J. A. Branquinho de Carvalho

Transcreve-se a seguir o resumo escrito que serviu de base à presente comunicação, sobre provas ciclistas regionais nos anos vinte. O autor improvisou-a na maior parte e acompanhou-a com projecções de transparências (imagens fotográficas dos jomais citados).

QUIS o destino que me viesse ter à mão a colecção de "A Voz Desportiva" dos 30 primeiros anos dos seus 50 anos de existência, e aí colhi os elementos que achei interessantes para trazer a este 3º Encontro de Jornalistas e Escritores da Bairrada.

O ciclismo viveu época áurea na Bairrada em tempos recentes, com o Sangalhos Desporto Club e o seu expoente máximo, Alves Barbosa, mas marcou igualmente grande presença no tempo das "bicicletas às costas".

É esta fase que desejo relembrar, para que os mais novos saibam conhecer o passado do ciclismo, valorizando o trabalho do amadorismo, quer de corredores, quer de dirigentes e organizadores.

E transcrevo: "Mas é do conhecimento de todos que os clubes de Coimbra, numa maioria de provas, pouco ou nada gastam com as corridas ciclistas a que concorrem, pois os apoios são sempre feitos por associados seus que dividem entre si as despesas da prova!..." (25 AGO 28 - p3).

Pelo facto de a entidade máxima do ciclismo, a U. V. P., União Velocipédica Portuguesa, autorizar a realização de várias provas para o mesmo dia, o número de participantes em certas provas é muito pequeno.

José Andrade Branquinho de Carvalho, cidade de Coimbra, 10/09/1931. Antes, Mealhada, médico. Director adjunto do "Jornal da Mealhada". Colaborador da Imprensa Regional.

Contra isto se insurge o jornalista: "A prova do domingo em Arcos de Anadia devia merecer maior respeito da U. P. V. porquanto a Bairrada é, por assim dizer, o berço dos maiores ases do pedal". Mas esta afirmação engasga muita gente e por isso, para a menosprezar, vá de consentir noutras corridas! (9 JUL 27, p 2).

CRONOLOGIA BREVE BICICLETA

1780 Velocífero - Blanchard - com rodas maciças.

1818 Carlos de Drais - celerífero ou *draissienne* - com rodas já não maciças (com raios).

1861 Pedro Michaux - o pedal. Os pedais solidários com o eixo da roda da frente, que eram assim motores direccionais.

1874 Grande Bi ou Biciclo, com rodas desiguais, sendo enorme (até 1,5 m) a da frente

1877 Pedais na base do quadro e ligados a carretos com dentes, com corrente ligada ao eixo da traseira.

1890 "Cripto" (em Inglaterra), rolamentos sobre esferas, nos pedais e câmaras de ar (Dunlop) nas rodas, que desde 1868 usava borracha maciça.

CICLISMO

1885 (17 de Maio) Primeira prova em Lisboa - hipódromo de Belém.

1891 O Real Club Velocipédico organiza a corrida Sacavém-Lisboa. Êxitos de Benedito Ferreirinha, campeão do Porto. Eduardo Mincheis e José d'Orey em Vigo, Corunha e Sevilha.

1893 Velo Club do Porto.

1894 Velo Club de Lisboa e inauguração, no Porto, do Velódromo do Velo.

1895 Velódromo D. Carlos em Algé. Três grandes nomes: José Bento Pessoa, José Maria Dionísio, e D. Sebastião Herédia.

1897 José B. Pessoa ganha os 500 m como recorde mundial na inauguração do velódromo de Chamartin - Madrid.

1899 (14 de Dezembro) Após artigo de Magalhães Fonseca na revista "Tiro Civil", criou-se a UVP, União Velocipédica Portuguesa.

1911 (5 de Novembro) I Porto-Lisboa.

BAIRRADA: UMA REGIÃO DEMARCADA

Por Idália Sá-Chaves

Tempo 1

FOI há muito pouco tempo ainda que, pela qualidade dos vinhos, esta região se demarcou.

E, evidentemente, demarcou-se pelas características que lhe permitiram a diferença, que é como quem diz, a demarcação. Foram elas que lhe garantiram uma matriz, lhe conferiram uma entidade, lhe permitiram a nomeação.

Dizer então Vinho da Bairrada é nomear uma das entidades que a representa, que a define, que a transparece.

Quando bebemos um Bairrada, é um chão específico que se sabe-reia. Um chão barrento, que as videiras transfiguram em capitoso néctar. E, dizemos néctar, porque é de deuses que falamos. Desse mesmo chão de pedras e argamassa vermelha, que tanto sobe na videira para se despejar em mosto, como se eleva nos caules tenros das roseiras para se mutar em rosas.

O chão é sagrado. Mostra seu rosto no vinho, no pão e nas flores, mas é sempre do mesmo chão que os nossos sentidos todos se embriagam. Porque é feito dessa mistura de barro e sol e sede, e transparece nele o rosto de Dionisos.

Idália Sá-Chaves, Troviscal, Oliveira do Bairro, 11/01/1940. Aveiro, docente da Universidade. Publicou os livros "Sémen", 1970, "Os Circuitos da sua Manutenção", 1988, e "Professores - Eixos de Mudança", 1989. Colabora na Imprensa Regional.

Ele, e apenas ele, tempera as castas.

Ele, e apenas ele, determina os únicos, os matriciais.

Quem aliás trouxe do tempo (ou do templo?) os *cerciais*, os *bicais* e os *maria gomes* e ali os plantou, e com eles fez a luminosa mistura, que ainda hoje, se vai à mesa, vai também ao altar?

Que novas e outras transfigurações se adivinham?

Beber um vinho pode ser um acto profano.

Beber um vinho assim, deve ser um acto sagrado. Porque sagrados são os sentidos que, bebendo, comem o chão de uma pátria pequena em golos de perfeita e total comunhão.

Tempo 2

Há um tempo outro, presente a alicerçar futuro, em que a Bairrada se constitui também região demarcada.

É um tempo de fusão e síntese de uma outra entidade constituinte: a gente.

Falamos de gente-vidreira, que os anos sessenta enxertaram noutros lugares: *maria gomes*, *joão pires*, castas nossas que o tempo espalhou pelos chãos do mundo.

Cresceram e multiplicaram-se através das Françaçs, das Venezuelas, dos States, dos Brasis, nos confins da imaginação onde a realidade ainda era possível.

Uma gente longínqua a ganhar sentido e sabor, conforme os sóis e as chuvas das terras madrastras onde implantaram a seca saudade de barro e de sol.

É, porém na Bairrada e em Agosto, que em particular alquimia, tudo a mosto se reduz. Saudade e regresso, partida e reencontro, esforço contido e orgulho manifesto, é uma interioridade refeita nos rituais das romarias que se inventam, dos foguetes que teimam em estalar dentro de cada um, dos casamentos luzidos, que auguram novas partidas.

É um vinho quente e efémero, que reilumina todas as fecundidades.

Tempo 3

Há um tempo outro, que vem contado nos anos das crianças que transportam.

São os netos, que à Bairrada vêm brincar. Que é como quem diz: ser.

Que é como quem diz: identificar.

Que é como quem diz: ganhar sentido, encontrar a raiz.

E é comovente, então. Porque tem o seu quê de sagrado como todos os quotidianos.

São crianças nascidas, amassadas e construídas de chão estranho.

Ouviram falar de uma pátria distante, de sol, vinho e forno. Escondida entre um mar azul e a serra do Buçaco.

Verde, como todas as esperanças.

Trazem, de pátrio, meia dúzia de palavras, que eles bem sabem não são código para brincar com os meninos da sua rua, nas pátrias frias. Meia dúzia de palavras mágicas, que são apenas espelho de outras, essas sim correspondentes a gestos e objectos com que constroem o dia-a-dia, e que de algum modo, arranham um pouco a garganta da memória.

Fazem encontros definitivos nos esforços de entendimento, por entre a babel dos códigos secundários, que teimam em afirmar-se. Utilizemos um exemplo.

São meus primos, filhos de outros primos e são além do mais, primos entre si.

Um é *Danny* e veio de New Jersey, outro *Johanne* e veio de Paris. Brincavam com a *Cristina*, que nunca partiu.

Pretendiam preencher um cupão que eventualmente lhes traria um prémio apetecido, num concurso de iogurtes.

Bom, a história foi assim: nenhuma dificuldade no preenchimento do nome. Estavam todos de acordo. *Nom, name, nome...* estava-se mesmo a ver, cada um tinha o seu, não obstante. Como indivíduos estavam perfeitamente demarcados.

Era então necessário preencher a *morada*.

"Mais, c'est quoi, ça?" — perguntava aflitíssimo o menino de Paris. A isso respondia:

— "What? what?" — o menino americano.

E juntos, num descomunal esforço, soletravam numa mescla de sonoridades, irrepetível e intransmissível na linguagem escrita: mo-ra-da...

À ânsia que os dois pares de olhos espelhavam, na desesperada procura de entendimento, respondia a miúda em puro português e duma assentada:

"Isto-é-donde-tu-és", "donde-tu-és!"; e falava cada vez mais alto, julgando que a altura do som, era o problema.

Mas aquela coisa inteira *donde-tu-és* era em si mesma uma palavra bloco, enorme, longa, mas sem sentido.

O *donde-tu-és* estava gravado na mente deles sob um rótulo diferente: "adresse", "adress" e tinha a ver com pátrias perdidas nos invernos frios das enormes franças e das longínquas américas das suas curtas vidas.

Foi então que *Cristina* se candidatou ao prémio, escrevendo na linha respectiva a inegável certeza duma pátria sem dúvidas: Troviscal, Oliveira do Bairro.

Ao lerem Troviscal, os meninos acederam à luz. Perceberam que havia um chão comum. Onde as palavras guardadas podiam explodir na alegria profunda do reencontro, do sentido, da identidade e da matriz colectiva.

Caldearam outra vez as sonoridades para entre as gargalhadas concluírem:

— "Mais... c'est..." "It is... our..." terra!

A Bairrada tinha acabado de se demarcar, num gosto doce, num néctar único, num mosto jovem embriagador de todas as infâncias.

Tempo 4

Eles vão partir.

Tempo 5

Eles vão voltar.

bibRIA

BAIRRADA-MULHER

Por Idália Sá-Chaves

COSTUMAVA olhar as mulheres da minha terra do limite baixo da minha pequenez e vias-as grandes.

Eram as tias todas, seu cortejo de filhas (todas primas, portanto) e três ou quatro madrinhas. De empréstimo, me diziam. A anterior excomunição da freguesia obrigava a rituais de menor liturgia e, por isso mesmo, mais autênticas.

Eram madrinhas. Não tinham aspergido sobre a minha cabeça nenhuma água benta, não tinham assumido nenhum compromisso sob a forma de assinatura, tinham apenas aceitado tacitamente "ser madrinha" da menina, e pronto!

Menina, então, me senti inclusa no rancho de mulheres com as quais haveria de crescer e sobre cujas palavras e silêncios me haveria de edificar. Estas mulheres nunca tinham ouvido falar de escritor ou filósofo, que enaltescesse ou explicasse o valor da palavra, mas conheciam por dentro o seu poder e o da sua nomeação. Dizendo sim, ainda que no maior silêncio, estava dito. E, estando dito, era.

Eu nunca disse a sua bênção minha madrinha. Disse sempre passou bem minha madrinha? Bênção foi ter por madrinhas mulheres que não precisaram de legitimar isso em qualquer instituição. Eram portanto relações absolutamente simples, absolutamente lineares, absolutamente livres, absolutamente assumidas apenas no querer ser e, exactamente por

isso, absolutamente próximas das essências, das relações profundas onde o profano e o sagrado se tocam e se confundem.

Costumava olhar as mulheres da minha terra que, em cortejo de funções, realizavam o seu quotidiano de esforço e submissão em liturgias de passos sofridos, de conversas de fonte, de encontros nos caminhos por entre as vinhas, de palavras trocadas nos cantos dos portais onde uma estava e outra passava...

Eram as vizinhas das póvoas mais distantes, de saia e blusa da semana, avental sem corpo nem alças, numa chita ou riscado mais vivo e fresco, laçada murcha nos rins, descalças ou de tamancos de pau, açafate à cabeça, transportando o jantar ao pessoal, que laborava nas fainas da vinha ou laboeira, mais longe das suas casas. Vestiam blusas de opalina, que lhes cobriam corpetes e corpos mais alvos e suportavam o peso com rodilhas de lenços enrolados à volta da mão.

Eu sabia de cor o que o açafate levava. Bem ao centro, uma enorme panela de rescendente sopa. Feijões vermelhos que ao longo da manhã e madrugada tinham bailado uma dança louca no interior do barrigão dos panelões de ferro, no canto negro das lareiras acendidas.

Com eles tinham dançado batatas, chouriços, tronchos, enormes pedaços de toucinho entremeado, ossos de courato e do espinhaço, por entre um emaranhado de serpentinas verdes — couves cortadas namorando duas manchieiras de arroz. A tampa da panela ia voltada ao contrário. Sobre ela pousava uma bacia redonda de faiança barata com duas ou três flores singelas no bordo e onde as carnes retiradas da sopa antes da mistura não esperavam pela demora.

Sobre elas, um prato emborcado, não fosse a toalha sujar-se.

De lado, uma enorme broa de côdeas rijas, que fariam estralejar os dentes mais atrevidos. No miolo se revezariam os mais velhotes, comedores de côdeas há um ror de anos, que já lá iam. Contavam, por vezes, quem as tinha engolido secas ou, quando muito, com meia sardinha a desenganar.

Tinham sido outros tempos.

Mesmo ao lado da broa ia uma malga de azeitonas. De reserva para a merenda. A fazer contrapeso, uma rima de pratos de barro, nicados pelos anos de uso e caldo. Sobre eles, um molho de colheres de alumínio leve e alguns garfos cujos dentes se entortavam teimosamente em cada gesto mais brusco ou mais guloso. Cobrindo tudo, toalhas de quadrados azuis, umas, vermelhos ou verdes, outras, trilhadas a toda a volta, não fosse o vento levá-las junto com o odor bom que também dali se sumia.

Estas eram as mulheres passantes e próximas do meio-dia. Não ignoravam a sua sombra, como as mulheres matinais que, em direcção à

nascente, procuravam as fontes. A estas, a sombra caía-lhes a pique sobre os pés e a sua passagem era celebrada pelas badaladas ritmadas dos sinos das aldeias próximas.

As do nosso sino prenunciavam, no apetite do pessoal trabalhador, o iminente aparecimento da mulher-pão.

O vinho desde cedo tinha acompanhado o patrão, pousado no carro de bois, disponível às sedes antecipadas à chegada da mulher.

Ela sabia-se alimento.

Pousava comida e olhar, distribuía-os sabiamente, entregando sob a forma de oculto conduto uma ternura, um silêncio e uma cumplicidade, sempre generosa e silenciosamente presentes.

O patrão, ao descortinar por cima de vinhedos o deslizar de um açafate sem pernas nem magia, respondendo a um antiquíssimo, profundo e enraizado sentir da mulher, lançava o aviso:

— Eh pessoal! Agora, cuidado com as conversas. A patroa está a chegar.

E, não obstante outras pulsões, noutros momentos, em outras acedências (que, desde antes dos gregos, Eros permanece), este era um instante bom e reconhecido e, aspergido em contenção, o respeito, a fidelidade e o amor dos seus homens.

Eu também, como os sinos, celebrava estas mulheres. É que, num pratito pequeno, algures no açafate, vinha guardado para mim um ovo frito. Tão amada me sentia na delicadeza de um pensamento só a mim dedicado e, ali, transfigurado em iguaria tão simples! Ainda hoje não digo omolete. Digo ovos fritos.

E eles acordam sempre em mim a presença dessas mulheres-mães, que já não passam, cesto à cabeça, nos caminhos das nossas laboeiras.

E acordam sempre em mim as raízes mais profundas e vigorosas de sentimentos, que vislumbrei nas trocas de olhar e de afectos, nas horas quentes de jantar nas fainas. E acordam sempre em mim este gosto por tamancos, chinelas, açafates e rodilhas, pratos de feira e aventais, objectos de um quotidiano tão simples e linear, mas tão vital e autêntico, que resumem toda a liturgia com a qual, até hoje, me ligo aos deuses.

E interrogo-me se a excomunhão da minha terra bairradina não terá sido pela liberdade de acesso aos valores sem máscara que permitiu o melhor bem que a minha geração herdou.

Permitindo às mulheres da aldeia habitarem um templo chamado chão, tendo por cúpula a poalha de ouro do próprio sol, sacerdotizas de todos os laços, sem promessas de recompensa, nem receio de pecar. Apenas porque sim.

A BAIRRADA E A GÂNDARA: DOIS AMORES DE AO PÉ DA PORTA

Por Idalécio Cação

DA Bairrada à Gândara vai a distância de um abraço fraterno e apertado. Contíguas que são, dir-se-ia que a segunda é a continuação da primeira, ou um seu acrescento, até porque, geologicamente, ela é de constituição mais recente, com as margas e os arenitos a confundirem-se amiúde com as areias do pliocénico. Isto é, à medida que o mar se ia afastando e dando lugar aos grandes areais e dunas do litoral, nascia uma nova identidade geográfica, cujo povoamento se teria iniciado apenas a partir dos começos do século XVII.

Irmãs gêmeas no relevo plano e na faixa longitudinal, a Bairrada professa o culto da vinha — e por isso será mais alegre e expansiva — enquanto a Gândara se resguarda no seu isolamento entre grandes manchas de pinhais, radicando certamente aí o ser mais circumspecta e pensativa. Como, aliás, é parecer do douto Amorim Girão: "Os gandareses, secos de carnes, esguios, rosto amarelecido, não têm, por via de regra, o ar alegre e comunicativo das populações vizinhas" ⁽¹⁾; ou ainda: "O cantar é raro na paisagem gandaresa" ⁽²⁾.

Idalécio Cação, Lafrana, Alhadas, Figueira da Foz, 22/03/1933. Cacia, docente da Universidade de Aveiro. Publicou os livros, "Nas Fronteiras do Têdio", "As Evidências e o Prisma", poesias; "Raízes na Areia" e "Os Sítios nossos Conhecidos", ficções. Ganhou em 1990 o prémio Miguel Torga (Coimbra) com o livro inédito "Daqui Ouve-se o Mar", contos.

Nado e criado nesta Gândara circumspecta e taciturna, bem cedo me dei conta da presença da Bairrada na minha formação e conhecimento do mundo, através de fenómenos tão diversos e díspares como a vinda aos arraiais gandareses das suas orquestras e filarmónicas : "Os Perus" do Troviscal, as orquestras e bandas da Mamarrosa, a música da Pocariça, "Os Melros" dos Covões, e outras que a dobadoira dos anos foi destecendo da minha memória mais remota, obnubilando-as; a leitura dos versos do Poeta Cavador. Cito de cor aquela quadra tão cheia de brejeirice: "Oh que lindas melancias/Tem aquela linda dama/De tanto bem que lhes quer/Dorme com elas na cama"; ou uns versos profundamente tristes que começavam assim: "Aqui luto, aqui tristeza/Aqui soluços e ais", fluindo numa sequência anafórica, que fizeram o enlevo dos meus primeiros excursos poéticos. E a homenagem que Manuel Alves fazia às raparigas da sua terra, cantando que elas eram as mais lindas de Portugal?!... Aqui me pergunto onde parará esse pequeno-grande livro que fez o enlevo e o espanto das minhas primeiras viagens literárias.

Outra circunstância que muito marcou a minha infância e adolescência foi o ciclismo; e isto, sobretudo, na época áurea de Alves Barbosa e dos espanhóis Emílio e Manolo Rodríguez, de Antonino Baptista e Fernando Henriques da Silva, de Aquiles dos Santos e Simões Louro. Esse pendor continuaria anos mais tarde com Herculano de Oliveira, Joaquim Andrade e o médico-ciclista Sousa Santos. Estes e muitos outros ciclistas projectaram a Bairrada por todos os cantos e recantos de Portugal com a camisola azul do Sangalhos Desporto Clube, pelo qual corriam, numa gesta singular e persistente, que não tem parilha com qualquer outra região do nosso país.

Penso que a façanha da bicicleta bairradina não será um mero acaso ou dedicação estrénuia a esta modalidade. Ela será, antes, a natural transposição para o campo desportivo dos hábitos e costumes de gentes da Bairrada na sua relação com a bicicleta. Tal-qualmente se processa na vizinha região da Ria, onde o triunfo do remo, através dos Galitos de Aveiro, tem muito a ver com o meio de locomoção dos povos ribeirinhos. Só na minha Gândara natal, região de caminheiros de léguas e léguas, o andar a pé jamais teve a correspondente expressão no campo desportivo, mas isto, seguramente, devido à inexistência de estruturas clubistas que encaminhassem para a competente modalidade as capacidades de perseverança dos caminheiros gandareses.

Volto de novo à bicicleta, para vincar o cunho da verdadeira paixão que as gentes da Bairrada nutrem por este veículo. É vulgar assistirmos por esta corda de povos às actividades mais inesperadas sobre a bicicleta:

o namoro, o feixe de pasto que se vai buscar à leira, a toira que se leva a reboque, o negócio ambulante. Se me dissessem que na Bairrada se fazem filhos sobre uma bicicleta, nada me custaria a acreditar. Ou, parafraseando o saudoso bispo D. João Evangelista de Lima Vidal, se abrissem o peito a um homem destas bandas, estou em crer que talvez encontrassem lá dentro uma bicicleta...

Por isso, aqui deixo formulada esta simples pergunta: não existe ainda na região o "Museu da Bicicleta"? Se sim, perdoe-se o desconchavo do perguntador; se não, parece-me que há uma dívida que espera por vós, bairradinos. Saldem-na, se é que me permitem a intromissão...

bibRIA

⁽¹⁾ In "Guia de Portugal" - 3^o vol., *Beira Litoral*, organização de Raul Proença e Sant'Ana Dionísio, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p 117.

⁽²⁾ Idem, p 122.

DE OBRIGAÇÕES

Por Miguel Botelho

NÃO raro se tornou nos últimos anos (e no que respeita concretamente à área que represento) o negligenciar fácil e descomprometido da cultura que imediatamente nos é própria, no caso, a cultura bairradina. Porquê? Existirá, nas suas múltiplas facetas, uma verdadeira cultura bairradina? Penso que já não.

Há, ainda e felizmente, uma alma bairradina, base e suporte do possível e desejado ressurgimento de uma cultura de cunho regional.

E aqui torno-me específico: inegalável é o contributo dos órgãos de comunicação social locais, nomeadamente o radiofónico, para o ressurgimento dessa cultura e para a sua expansão e desenvolvimento.

O futuro posto emissor de radiofusão local terá de ter, obrigatoriamente, uma componente regionalista marcada, diária, se necessário, repetitiva, em detrimento até de embicar no bairrismo exacerbado. Deverá promover as actividades necessárias e suficientes à explosão e à manutenção de formas de expressão que privilegiem a região da Bairrada, os seus costumes e tradições, a sua arte, a sua vida própria, a sua alma e, acima de tudo e principalmente, a sua essência criadora, capaz de, por si só, creio-o firmemente, fazer nascer um novo conceito de região, de gentes, de cultura regional.

Miguel Angelo Anaya Botelho, Lisboa, 28/09/1962. Curia, estudante. Presidiu à extinta Rádio Cértoma, Curia. Colaborou na comunicação social.

Terá de demonstrar a capacidade de poder pesquisar e acompanhar, passo a passo, desde a sua génese ao seu apogeu, qualquer manifestação popular e/ou individual.

Terá de elaborar obrigatoriamente um programa específico e pormenorizado de actividades nesta área.

Terá de conter nos seus quadros os elementos necessários e capazes à orientação e à manutenção consciente dessa actividade dinamizadora da imanente cultura da Bairrada.

Terá de conter obrigatoriamente no seu estatuto editorial a menção expressa destas intenções e desta ideologia.

Tudo isto sob pena de, não o fazendo, cair na desgarrada e improfícua generalidade que deve ser o último dos seus defeitos, em benefício de uma actividade local concreta, objectiva, dinamizadora e consensualista.

Não são moeda corrente da nossa existência quotidiana aqueles que, pelo seu trabalho artístico possam arrogar-se a vantagem, já que de vantagem se trata, de representarem aspectos concretos da tradição das gentes desta região.

Aqueles poucos que existem muitas vezes nem sequer a consciência dessa sua virtude têm. Encaram-nos como divertimento e motivo de orgulho para os seus conterrâneos que se vão gabando de terem um conterrâneo versejador e rimador. Não são conhecidos para além das fronteiras do seu dia-a-dia. Não encontram eco, sequer interesse, nos órgãos de comunicação que possam existir. E, exactamente por enfermarem deste defeito de não darem vazão e expressão à linguagem que com eles deveria contactar diariamente, não são nem alguma vez foram órgãos representativos desta região, como muitos ou quase todos o pretenderam.

Aqui se volta a falar novamente de obrigação e dever.

No fundo, essas entidades e todos nós, teremos de cumprir uma missão, quase apostólica, por pretender fazer renascer algo de perdido, em vez de nos escudarmos quotidianamente na mais cómoda forma de cobardia, o desinteresse.

DEMOCRATIZAÇÃO E REGIONALIZAÇÃO: OS PARADOXOS

Por José Ferraz Diogo

1. Democratizar é pôr à disposição do maior número possível de cidadãos o maior número possível de benefícios (económicos, sociais, culturais) que o esforço de toda uma colectividade permitiu se alcançasse num determinado momento histórico.

Pertence ao poder político-administrativo o privilégio de "pesar" a extensão e a qualidade dos benefícios distribuíveis e de escolher o melhor momento para essa distribuição. Sob o ponto de vista cultural (cultural "strictu sensu"), compete aos departamentos educacionais, culturais e ligados à comunicação de massas promover essa distribuição, que será tanto mais democrática quanto mais permitir elevar o nível de cultura do maior número de pessoas que constituem cada uma das classes que compõem a sociedade.

Cultura, tal como está, aqui, a ser considerada, é um "modo vida" (a expressão é de Eliot), isto é, o somatório (a todos os níveis: cívico, intelectual, etc.) dos resultados obtidos por cada indivíduo no acto de receber e de produzir determinados valores culturais (conceitos, sistemas, objectos, propostas de acção) existentes ou latentes na comunidade.

José Ferraz Diogo, Coimbra, 16/07/1936. Anadia, professor do ensino preparatório. Publicou o livro "A Palavra", 1965, poesia; coordenou três volumes em co-autoria com peças de teatro infantil, 1974; e traduziu algumas obras para a adolescência. Colabora na Imprensa Regional.

Assim como não há classe social que não seja portadora de uma cultura específica, também não há indivíduo que não seja portador de um projecto cultural. O artesanato, por exemplo, é o conjunto de formas e valores culturais provenientes das classes populares; e, se me é permitido o parêntesis, embora reconheçamos ser uma actividade a manter e a fomentar, não se pode deixar de pensar que possa haver uma certa dose de masoquismo na sua manutenção, já que um acto cultural e uma sociedade devem coexistir em sincronia, e o artesanato, hoje por hoje, é a materialização de conceitos e de gestos que só encontraram a sua plena justificação num passado mais ou menos remoto. Há, portanto, uma dupla contrafacção na manutenção dos processos artesanais.

É curioso reflectirmos na dialéctica que se estabelece entre dois conceitos antagónicos: o de democracia e o de elitismo. É justamente pelo facto de se pretender pertencer a uma elite (quase sempre de tipo sócio-económico, mas arrastando inevitavelmente, mesmo que sob formas kitsch, propostas culturais até esse momento arredadas dos seus horizontes), que o processo democrático se fortalece numa sociedade. As elites, seleccionadas na base do sangue (sociedade aristocrática), da riqueza (sociedade burguesa) e da realização (sociedade contemporânea) são o alvo preferencial do pulsar democrático; e como a de primeiro tipo se lhe escapa inevitavelmente, é na segundo e, sobretudo, na do primeiro tipo, que se concentram os interesses das grandes massas. No plano económico, da forma atrabiliária que sabemos; no plano cultural, recorrendo, muitas vezes apressadamente, a curiosos "vade-mecuns" do tipo "O Que Deve Ler Para Se Cultivar".

Assim a democratização da sociedade, impulsionada por propósitos elitistas, redonda, por vezes, numa banalização da cultura.

2. Toda a cultura é intercomunicação; hoje em dia, intercomunicação universal.

Longe vão os tempos em que Ortega y Gasset podia afirmar que "há, com efeito, povos que nascem e se vão formando numa relativa solidão. O mundo é "o seu" mundo, o pequeno círculo donde germina a sua existência, dentro do qual são eles o único povo; pelos menos, o único que conta." E a explicação para a superação de tal estado de coisas é-nos dada pelo historiador Whitehead: "A diversificação entre as comunidades humanas é essencial para prover o incentivo e o material para a Odisseia do espírito humano. As outras nações de hábitos diferentes não são inimigas: são dádivas de Deus. Os homens requerem dos seus vizinhos algo de suficientemente diferente para provocar a atenção e algo de suficientemente grande para causar a admiração."

Isto significa que só no respeito pela diversidade se pode encontrar a unidade; uma unidade não hegemónica, porque essa não só destruiria (temporariamente, mesmo no melhor dos projectos totalitários) as culturas consideradas periféricas, como se auto-destruiria. Como homem que, sedento de poder, após esmagar todos os seus adversários se encontrasse, subitamente, só — e irremediavelmente pobre!

Ora foi justamente no tempo histórico em que o Homem descobriu que o seu planeta, afinal, era uma Aldeia, que cada um dos seus recantos adquire todo o seu significado: a vitalidade de uma cultura nacional alimenta-se da seiva das suas culturas regionais, como a vitalidade de uma "cultura europeia" (se assim nos pudéssemos expressar, e eu creio que não) sairá reforçada não pelo esmagamento, mas pelo confronto de cada uma das suas culturas — a eslava, a germânica, a anglo-saxónica e a latina. Na opinião recente de Alain Minc, Jean Monnet, se já errara, por falta de previsão política, na construção de uma Europa política e economicamente coesa, também não acertaria muito quando, reconhecido o erro, reflectiria que "Se fosse para recomeçar, eu recomeçaria pela cultura." O insucesso seria o mesmo, se não fosse maior, e talvez mais doloroso. É este o segundo paradoxo a que me refiro em título.

Razão tinha, pois, José Rodrigues Miguéis quando dizia (e cito de memória): "O universal está no meu quintal; o que é preciso é saber cavar." As obras de Camilo, Aquilino, Torga são disso testemunhas. E na moderna novelística portuguesa, nomeadamente de raiz açoreana (João de Melo, Dias de Melo, Ernesto Rebelo, Daniel de Sá, Cristóvão de Aguiar, entre muitos outros) há exemplos evidentes de que é esse o caminho a seguir.

3. E chegámos, depois deste esquemático intróito, ao que aqui me trouxe: em primeiro lugar, se queremos que a sociedade regional em que vivemos se democratize cultivando-se (porque a verdade é que só cultivando-se se democratiza), temos de promover, por meio de agentes culturais qualificados e em espaços apropriados, a Cultura Lusíada, no que ela possa ter de mais impressivo em termos nacionais e internacionais, a Cultura Nacional — a nossa Língua, em primeiro lugar, como espaço privilegiado e abrangente do mundo lusíada, mas também todos os vectores e valores ligados à noção de Cultura Portuguesa — a sua História e a sua Filosofia, a Literatura e a Arte, a Música e a Dança, o Teatro e o Cinema, etc. — e a Cultura Regional, especificamente a da Bairrada — o seu Património Arqueológico e Etnológico, os usos, costumes e tradições das suas gentes, os seus Poetas populares, os seus Escritores, Pintores, Intelectuais, as suas Figuras Históricas e as suas Figuras Típicas, sempre

numa perspectiva de dinamização do presente como forma mais pertinente de transformar positivamente o futuro; mas, sobretudo, temos de estimular o espírito criativo e o sentido crítico do Homem Bairradino, proporcionando-lhe condições para a sua própria produção cultural e para o confronto de opiniões saudavelmente divergentes.

Quanto a agentes culturais (e não falo aqui de quem, por profissão outra ou vocação, convive diariamente com a promoção da cultura), muitas Câmaras Municipais já os possuem nas fileiras, por os considerarem tão importantes como o topógrafo ou o engenheiro.

Quanto a espaços culturais, penso em três:

- um, no "Boletim Informativo" camarário, que poderia prescindir de um certo luxo na apresentação, se isso fosse condição "sine qua non" para uma mais regular periodicidade, uma maior assiduidade e para espaços reservados à produção da Cultura;

-outro, nos jornais da Região, fazendo reviver as velhas "páginas culturais" dos anos 60, onde muitos de nós nascemos e crescemos para a prática da Escrita, fosse ela o Ensaio ou a Ficção, a Poesia ou a simples notícia de raiz cultural;

-um terceiro, nas rádios locais, que poderiam ser, dada a especificidade do seu canal de comunicação, o veículo ideal para ultrapassar barreiras de analfabetismo, seja integral, seja funcional, e de desinteresse pela leitura, resultante de uma escolaridade mínima ou pouco eficiente.

Em segundo lugar, temos de estar atentos à contrafacção da Cultura. Não é que sejamos portadores de verdades incontestáveis (se o fôssemos, não o seríamos, porque o incontestável é a mais detestável das mentiras), mas devíamos responsabilizar-nos pela consolidação daquilo a que poderá chamar-se o "bom gosto" público. Sabemos como este conceito é aleatório, mas este deve ser, com a modéstia democrática que o bom senso requer, um farol a nortear a acção cultural: *os projectos culturais, seja a que nível for, regional ou nacional, ou têm qualidade intrínseca ou não são projectos culturais*. Podem ser, mesmo, projectos inculturais, se em vez de promoverem a educação do Gosto e o gosto pela Cultura, impedirem essa promoção pela ausência, no receptor, de critérios avaliativos, isto é, de horizontes culturais alargados e actualizados. Em Cultura, nunca se pode vender, seja por falta de meios, seja em nome de um, afinal inoperante, populismo, gato por lebre. Até porque a lebre acabará sempre, no momento por vezes menos oportuno, por *miar* bem alto. Para descrédito dos contrafactores da Cultura.

Gostaria, ainda, de referir o seguinte: como talvez saibam, Miguel Torga esteve, em finais de Junho, na Escola Preparatória de Anadia, para

visitar uma exposição que lhe fora dedicada; após o que visitou uma outra, esta de cartazes com poesias ilustradas, da autoria dos alunos. Durante a demorada visita, Miguel Torga não se conteve no seu entusiasmo e, virando-se para quem o acompanhava, afirmou repetida e claramente que alguns daqueles poemas eram tão belos que, se alguém substituísse as assinaturas dos jovens pelas de autores consagrados, dificilmente se daria pela troca. Sei disso há muito tempo, mas agora, reforçada a minha opinião, completaria as três sugestões anteriores com mais estas três sugestões:

— que os jornais bairradinos ponham à disposição das Escolas um pequeno espaço fixo, de periodicidade aceitável, para apresentação dos seus jovens talentos; um nome impresso, nestas idades, nas páginas de um jornal, pode ser o mais precioso incentivo para uma vida futura responsabilmente vivida e assumida sob o ponto de vista cultural;

— que as Empresas e os Órgãos Autárquicos da Região apoiem os *jornais escolares* (com base na Lei do Mecenato, as primeiras; com contrapartidas publicitárias, umas e outros); tal como estes são feitos, nem são motivantes para os alunos, nem gratificantes para os professores; e uma pequena ajuda do Comércio e da Indústria da Região, bem como das Autarquias, poderá transformar radicalmente tal situação;

— que se dê início à publicação de uma colecção de pequenos livros da autoria dos alunos bairradinos, desde a produção ficcional ao ensaio, da poesia à crítica de circunstância, e tudo com os mesmos apoios financeiros.

— Finalmente, não quero deixar de vos apresentar esta proposta, que poderá ser o ponto de partida de um processo que, assente numa cuidada estratégia cultural, poderia, se levado à prática, alterar substancialmente a vida cultural de toda esta Região:

— que cada Câmara bairradina contrate, por meio de concurso público, um *animador cultural*;

— que as Câmaras da Bairrada façam a contratação desses animadores culturais por áreas diversificadas e complementares, como por exemplo, o Teatro, o Cinema, a Dança Folclórica e o Canto Coral;

— que cada um desses animadores culturais fique, portanto, ao serviço não de um Concelho, mas de um projecto cultural bairradino;

— que seja criado em cada Município um *Conselho Cultural* (CC), que enquadre devidamente o animador cultural, e do qual façam parte o vereador da Cultura, representantes de Entidades Culturais (Ranchos, Grupos de Teatro, Museus, etc.), dos Estabelecimentos de Ensino, dos Órgãos de Comunicação Social, e indivíduos reconhecidamente

interessados no campo cultural; a Juventude, obviamente, também deverá estar aí amplamente representada nas suas diversas faixas etárias;

- que seja criada uma *Comissão Intermunicipal para a Cultura na Bairrada* (CIMCBA), da qual façam parte os animadores culturais, os vereadores da Cultura de cada Município, nos quais não se deixarão de incluir, evidentemente, representantes da Juventude.

Com uma estrutura deste tipo, não muito pesada nem burocratizada, mas sobretudo com funcionários devidamente seleccionados pelos seus *curricula*, prestando serviço a tempo inteiro e pagos pelos cofres municipais, penso que se poderia começar a encarar uma razoável activação do *inexistente* ambiente cultural da Bairrada.

O tempo dos sacerdócios foi inexoravelmente enterrado pelo nosso tempo. Poderá ser que volte, e eu espero ardentemente que sim, nem que seja com um saudável aroma a um qualquer "portuguese way of life". Mas, por vezes e em algumas circunstâncias, convém estarmos de acordo com ele. Se não queremos que o Tempo nos enterre, a nós, vivos.

bibRIA

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO E AVALIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA REGIÃO DA BAIRRADA

Por J. A. Grangeia Seabra

1. Somos um grupo pioneiro na tentativa de nos organizarmos para melhor servir a nossa região nas áreas do Jornalismo, da Informação e da produção literária, intervindo assim, necessariamente, no processo socioeducacional e cultural da Bairrada.

No 1º Encontro sentimos que há algo a fazer e ficámo-nos pelo levantamento de alguns valores culturais e artísticos, e pela necessidade de dinamizar esse processo, quer junto dos respectivos pelouros das Câmaras da região, quer junto de entidades para isso vocacionadas.

Alguns participantes procuraram já dar início a um trabalho que tem de ser feito: a história do Jornalismo na Bairrada, e a análise da situação actual no campo informativo. E aí, sim, prevermos e programarmos um acção futura mais acutilante da nossa parte.

2. Lucien Febvre chamou aos tempos modernos, saídos do Renascimento, a Civilização do Livro. Esta designação vem sendo ultrapassada, devendo ser substituída não só pela era da informação, como, a partir do nosso século, pela Civilização da Imagem.

A forma como o vídeo, a televisão, a publicidade, agem sobre os espectadores, com programas entorpecentes, que adormecem a

sua faculdade de autodomínio, levam à docilidade da atenção e à perda de identidade.

Ora é este *adormecimento* que alguns autores contrapõem as várias formas de arte na medida em que nesta a *imagem* é um choque, um choque que desperta consciências e exige a acuidade da atenção para ser penetrada, apreciada, julgada, vivida.

3. Ao trazermos esta referência estamos a pensar como um certo tipo de informação escrita e falada também se inscreve no alimentar deste adormecimento das nossas populações, quer devido ao "seguidismo" político, quer porque se desenvolvem num marasmo sociocultural comodista.

4. Na nossa área verificámos num recente estudo, que só o distrito de Aveiro vem logo a seguir aos de Lisboa e do Porto em número de jornais regionais. Não só é o terceiro distrito em número de títulos inscritos na Associação de Imprensa Não Diária como também tem o maior número de jornais diários e não diários publicados do resto do país.

5. Poder-nos-íamos orgulhar desta situação. No entanto, a nível nacional, alguns jornais começam já a ressentir-se da proliferação exagerada de títulos, e da forma como apresentam a Informação — veículo todo-terreno ao serviço do *marketing* político-ideológico e do mercado cultural (a metro? a quilo?), e, ao mesmo tempo, meio de publicidade económica e industrial muitas vezes com inconfessados objectivos comerciais.

Empresas altamente rentáveis a coroar os impérios dos grandes grupos económicos, na busca do "poder dos poderes" — o controlo do cérebro humano, da ideologia, do pensamento, da vontade...

6. E nós? Como gerimos a nossa capacidade informativa, a nossa possibilidade de interferir social, cultural e educacionalmente no desenvolvimento e progresso das nossas regiões?

Como estrutura organizada (Encontro de Escritores e Jornalistas, Associação, etc.), vamos assistir de braços cruzados a tudo aquilo com que não estamos de acordo em programas de rádio, jornais e publicações?... Não estamos nós, de ano para ano, a capitalizar responsabilidades nessas áreas?

7. São de referir algumas reflexões de autores de que, se me permitem, não cito nomes, para não começarmos com as conotações

políticas e os chavões a que nos vem habituando uma certa informação infantilizada, viciada, pouco liberta.

"Devia haver informação sem propaganda. Para quê essa tentativa de se apoderarem da consciência das pessoas? Para quê encher uma rua de cartazes, quando bastava um?"

"E isso é que é horroroso. Tanto em relação aos partidos como em relação aos livros".

"Um certo Jornalismo vive na permanente denúncia do que há de superficial na superficialidade a que tende a reduzir todas as coisas de que fala".

Outras ideias nos podem fazer reflectir, independentemente de estarmos ou não de acordo com elas.

8. Há quem defenda uma ética comunicacional que procura sempre a reconciliação de razões diversas. Outras combatem a homogeneidade através de incentivos constantes à heterogeneidade. Nas malhas desta polémica verifica-se como são insustentáveis as dicotomias fáceis com que certo Jornalismo primário pretende "pensar" a realidade, utilizando-as como forma de se situar, sem provas, do lado cómodo das coisas ou das situações.

9. Outro padecimento, quase endémico, de muitas *peças* da nossa informação é a perspectiva negativa em que elas são apresentadas. "Está mal aqui", "aquele ministro é um nabo", "acolá a legislação é inaceitável", "o presidente da Câmara não sabe o que anda a fazer", etc.

Nesta *pedagogia negativa* (que terá a sua explicação provável na educação *pela negativa* de características religiosas, que a Igreja prolongou ao longo dos séculos...), todos sabem o que está errado, todos citam falhas e incorrecções. Mas poucos propõem estudos sérios, orientações e soluções positivas de "como deveria ser feito", ou de como nós julgamos que se poderiam evitar erros semelhantes...

10. Outro ponto em relação à nossa informação é a carestia de criatividade, de invenção.

Agarramo-nos a formas gráficas estereotipadas, a grelhas de programas caducas e a programas vazios.

Como poderemos nós contribuir para o enriquecimento cultural e artístico dos nossos leitores e ouvintes se passamos a vida a alimentar gostos e sensibilidades mal-formadas ou de deficientes bases educacionais? Ou será que defendemos esta situação? (Tema de reflexão, cuja discussão seria inoportuna neste momento.)

11. E se há que passar ao concreto, ao "positivo", numa altura em que se pode afirmar que há um certo ambiente de *crise* devido à proliferação de títulos, nós proporíamos como tarefas a serem dinamizadas por este 2º Encontro, ou por uma possível Associação de Jornalistas e Escritores da Bairrada, o seguinte:

I. Promover o levantamento de jornais existentes, ou que tenham existido até agora, na região, definindo as suas características, sua área de acção e seus objectivos.

II. Promover o levantamento das emissoras regionais e seus principais programas, definindo as suas características, actividade e objectivos.

III. Definir o panorama actual socioeducativo e cultural da região em face da informação regional e nacional que ela abarca.

IV. Criar, a exemplo de outros prémios já existentes, a atribuição de prémios ou títulos aos melhores trabalhos em jornais e rádios da região, bem como o destaque aos órgãos de informação regional que melhor cumpram com a sua função.

bibRIA

PATRIMÓNIO CULTURAL E IMPRENSA REGIONAL

Por Mário Nunes

PATRIMÓNIO Cultural; defesa do património; preservação do património; promoção do património; salvaguarda e valorização do património; identidade cultural, correspondem a frases, a excertos de discursos, a títulos de intervenções inflamadas, a suportes de elevação pessoal, proferidas por políticos, por intelectuais, por homens de negócios, por sacerdotes e por personalidades dos diferentes estratos sociais, dos diversos escalões etários e dos vários níveis culturais, sendo veiculadas, frequentemente, com destacada ênfase, na comunicação social, beneficiando das asserções mais abonatórias e tornado-se, em muitas ocasiões, quase um "slogan" publicitário, um cartaz que provoca chamamento e desperta curiosidade.

Mas será que todos os que falam, escrevem e lêem "património cultural" sabem o que representa e a mensagem que transmite?

Pensamos que não. Basta ouvir, comunicar e discursar sobre os bens culturais, por ser bonito, por ser "moderno" abordar a temática. Entendemos ser imprescindível atingir o âmbito, a dimensão, o significado

Mário Mendes Nunes, Vila do Espinhal, 13/03/1938. Coimbra, professor da História e jornalista; membro do GAAC. Publicou livros e artigos sobre património histórico-cultural.

e o valor que reside na frase, auscultar a sua génese e perceber a sua mensagem. Reputamos de fundamental compreender que o património cultural envolve, sempre, no nosso entendimento, uma reflexão e provoca uma acção. Desafiar a memória e interpretá-la nos seus pormenores e qualidades, nas suas virtudes e defeitos, proporciona obter um ensinamento, expurgar uma incerteza, confirmar uma atitude, honrar um momento, renovar um compromisso, testemunhar um episódio, formalizar um acto e dignificar um período e uma época existencial.

Por isso, património cultural responde, hoje, como respondeu ontem, a manifestos procedimentos e congrega uma carga valorativa expressa numa heterogeneidade de vozes e acções que, unissonamente, clamam a sua defesa e exigem a sua valorização num respeito pela sua preservação e entrega aos vindouros.

Nestas circunstâncias, a mensagem que se extrai do património é deveras importante. Importante porque na simplicidade da frase se escondem interrogações e esperanças, se assinalam dúvidas e certezas, se corporizam as histórias da História do Homem. Importante porque na corporização da memória se encontra o património, quer esculpido numa pedra, disfarçado numa máscara, simbolizado numa dança, envolto num som musical, quer perpetuado numa cena pintada na gruta, inserido numa peça artesanal, materializado numa técnica de construção, respeitado numa receita gastronómica, incarnado numa lenda ou, simplesmente, projectado numa tradição ou costume popular. Neste contexto, património cultural associa-se, indubitavelmente, à pessoa que se insere numa comunidade que, por sua vez, integra um povo e que constitui as estruturas essenciais de uma civilização. Esta, como se depreende, afirma-se pelo conjunto de formas de vida, de crenças, de realizações artesanais, técnicas e culturais, comuns a um determinado Povo. Numa palavra, e condensando o pensamento de Lucien Fébvre, património representa "tudo o que sendo do Homem, depende do Homem, serve ao Homem e dignifica a presença, a actividade, as preferências e as maneiras de ser do Homem, ao longo do percurso histórico", ou, atentando nas palavras de Nogueira Gonçalves, "os avós não se discutem, aceitam-se com a sua personalidade, a sua vida, procurando compreender-lhes os ideais, as suas lutas, os seus motivos de glória e mostrando-lhes a nossa gratidão".

Rejeitando, portanto, a facilidade com que a palavra é proferida, percebemos que património cultural agrega e reflecte valores e riquezas culturais pertencentes a uma sociedade humana, a um Povo devidamente identificado, afirmando-o e distinguindo-o perante outro Povo, face a outra civilização.

Neste entendimento, e se a defesa e valorização mostram, à evidência, a prioridade de investimentos seguros, válidos e indispensáveis nesta área patrimonial, como se pode aceitar a intolerância de muitos responsáveis, o alheamento de outros e a cumplicidade de aqueles outros ao protelar decisões e ao adiar de planos e soluções de salvaguarda e valorização?

Ousamos perguntar: será que somos ricos ou possuímos património cultural em excesso? Será que conseguimos entender João Paulo II, quando na encíclica "Redentor do Homem" esclarece que "o Homem é a estrada que a cultura percorre na sua caminhada"?, ou, ainda, abarcar a essência de um "carola" dos nossos dias: "todo o legado do passado deve ser considerado como respeitável e exemplar"?, porque, acrescentamos, pertence ao Homem e este é a medida de todas as coisas?

Todavia, tenhamos sempre em conta que defender somente o património não basta. É necessário e imprescindível valorizá-lo e dar-lhe utilidade numa actualidade temporal que o enriqueça todos os dias. Jamais confiná-lo a saudosismo doentio ou induzir no erro de o olhar ou velar como de um cadáver se tratasse. O património cultural, a herança recebida, não deve nem pode balizar-se a este campo. Não se sujeita a ser tomado como um bem ou um valor petrificado que passou de moda ou cheira a mofo. Não. O património cultural, na verdadeira acepção da palavra e no correcto discernimento da sua essência, identifica não apenas um passado humano, mas consubstancia um presente e fortalece a assunção de um dever. Garante e estrutura uma vivência multissecular, enriquecida de geração em geração, chancela uma identificação civilizacional e autentica um sinal material e espiritual relevante e integrante de uma sociedade de homens.

Para assumir a responsabilidade da sua defesa e valorização não chega legislar como dá a entender a Lei 13/85, de 6 de Julho, que de há 4 anos a esta parte continua no papel. É imperioso criar mecanismos, instrumentalizar acções e destinar orçamentos que respeitem o pensamento do legislador e participem da vontade dos defensores do mesmo e dos cidadãos identificados com o seu valor e importância.

Postos estes considerandos, assiste-nos perguntar a nós próprios e questionar o património: existe alguma relação entre a defesa e valorização do património cultural e a Imprensa Regional? Que afinidades, que contrapartidas, que interesses para a causa cultural?

Como referimos no início da nossa introdução, a Comunicação Social em todos os múltiplos aspectos, é um veículo privilegiado da divulgação, da defesa dos valores culturais e uma força extraordinária na

sensibilização dos cidadãos para a problemática cultural, desempenhando um papel importante na conjuntura em questão. Neste sentido, a sua acção reveste-se de primordial importância. Basta atentar em que a *Imprensa Regional*, inserida em toda a multiplicidade de aspectos locais e regionais, apercebe-se de tudo o que envolve e diz respeito à vida da região. Ao abordar nas suas colunas que se encontra à venda a casa senhorial de Fulano; ao informar que roubaram ou pretenderam desviar a escultura do santo padroeiro da freguesia x; ao alertar para o facto de a filarmónica de tal associação ou localidade passar por grave crise; ao solicitar ajuda para o grupo folclórico que quer adquirir um traje e não dispõe de disponibilidade financeira; ao anunciar que a capela do Senhor dos Aflitos ameaça ruir; ao veicular que o retábulo do templo de S. Julião corre perigo iminente de apodrecimento devido a infiltração de água pelo telhado; ao testemunhar que o lagar de azeite de varas foi abandonado à sua sorte e cumpre o destino da morte inexorável; ao apelar para os cidadãos no sentido de evitarem a perda do teatro popular; ao denunciar que o município se apresta para autorizar a construção de um imóvel inestético e desproporcionado que vem alterar a traça primitiva e harmoniosa do conjunto arquitectónico em que se vai erguer; ao alertar para o facto de que o camarelo de pessoa sem escrúpulos se aproxima de anta megalítica ou que o "buldozer" é insensível à inscultura milenária; ao elogiar o renascimento da tradição do "enterro do bacalhau"; ao aplaudir a recuperação do monumento da Senhora da Piedade; ao incentivar o restauro das festas de Santa Leocádia; ao impulsionar a limpeza do quadro de Santo António; ao dar corpo redactorial ao achado de objectos e documentos antigos e marcantes para a povoação ou para a instituição ou, ainda, dar realce ao trabalho artesanal do oleiro e do canteiro ou tecedeira, contribui, eficaz e activamente, para referenciar valores ancestrais, para alertar as populações e autoridades do perigo que paira sobre os bens culturais, para incentivar à sua conservação, salvaguarda e valorização e para dar guarida à ideia de investigação, de recuperação e de identificação e valorização de riqueza do passado, de valores que caracterizam e autenticam as gerações e as localidades.

Neste âmbito, a sua esfera de acção abrange todas as latitudes regionais. Leva a mensagem cultural ao indivíduo e à comunidade, transportando nela todo o peso da sua essência, impregnando-a do entusiasmo, do valor e do estímulo suficientes e indispensáveis para o estudo, recolha, preservação e enriquecimento, numa atitude de vigilância e de sensibilização.

Por outra via, o relato consequente de todas as manifestações culturais concorre para manter um inventário permanente, visto que a pequena notícia do leitor ou do correspondente, atentos e vocacionados para esta temática, permite registar e divulgar o facto e o objecto mais insignificantes e o momento mais expressivo, imbuindo-os, tantas vezes, de um significativo interesse no quotidiano das suas terras. Por sua vez, a Imprensa Regional assume-se, indubitavelmente, como porta-voz das populações junto do poder local. E ao veicular em formas de denúncia ou apelo as tropelias e os crimes de lesa-património circunscritos à sua área de jurisdição, transforma-se num agente de categoria e em testemunha de acusação dos desmandos praticados ou autorizados pelos legítimos representantes.

Noutra área específica, podemos analisar que a linguagem utilizada, auxilia a indentificá-la, na generalidade, com o habitante, contribuindo, assim, para a incarnação de um ideal que o envolve, o activa e o move no sentido de prosseguir a sua missão de defensor intransigente e atento do seu legado cultural.

Património Cultural e Imprensa Regional são duas forças que se completam e compreendem. Aquele é o cerne de uma identidade nacional; esta é o veículo próprio e permanente de uma unidade cultural que está imanente e é indispensável à nação portuguesa e à Cultura.

DISCURSO

Por Acílio Gala

SAÚDO com muita admiração e simpatia as senhoras e senhores jornalistas e escritores presentes, e agradeço-vos o facto de terem eleito o concelho de Oliveira do Bairro para a realização do vosso 3º Encontro e de a abertura dos trabalhos se realizar na sede dos Paços do Concelho.

É uma distinção que muito honra o concelho e que o presidente da Câmara muito penhoradamente vos agradece.

Sejam bem-vindos a esta casa, que está disponível para acarinhar as vossa iniciativas em prol da dinamização de uma literatura e cultura bairradinas.

Escrever é, como disse um novelista espanhol, "abrir uma janela de papel, olhar para o mundo exterior, contemplar se não puder viajar". Se assim é, eu penso e espero que essa janela que a vós compete abrir, tenha a dimensão e flexibilidade suficientes que permitam que a vossa mensagem se expanda e possa ser entendida por quem vos lê, de tal modo que dessa vossa abertura e contemplação, outros possam usufruir e, quem sabe... até viajar também.

Acílio Domingues Gala, Troviscal, Oliveira do Bairro, 18/12/1929. Vice-presidente de Instituto de Informática e presidente da Câmara Municipal local. Transcreve-se aqui a parte essencial do seu discurso de abertura no 3º Encontro.

E porque penso que é preciso considerar os homens bons e inteligentes para os tornar melhores, a vossa generosidade, certamente atenta a esta permissão, não deixará também de a ter em conta.

Estais pois investidos de grandes e direi até, incomensuráveis responsabilidades, pois se escrever é confessar, é também e, principalmente, confessar-se.

A missão dos escritores, por ser uma missão intelectual, deve ser exercida com a indispensável liberdade, escrevendo-se como se pensa, já que aquele que não procede como pensa, pensa incompletamente.

Escrever como pensa, sim, mas sempre com uma atitude ética que não se compadece com a duplicidade e a hipocrisia que tão maus efeitos exercem sobre a mente dos leitores menos esclarecidos.

A literatura degenera sempre que se submete a um realismo servil, incompatível com o pensamento criacionista, mas nós acreditamos no vosso empenho pela verdade e vamos pugnar para que, no âmbito que nos toca, possamos ser sempre de impulsioneiros, permitindo-vos, assim, uma confissão constante, verdadeira e frutuosa, de que vós, escritores, e nós, leitores, todos beneficiaremos.

O povo faz a língua, mas a defesa e enriquecimento desse valor cultural tem que ser obra dos escritores e dos jornalistas, como criadores da cultura.

Se assim é, fácil se torna compreender as responsabilidades que cabem aos escritores e jornalistas da Bairrada na criação e defesa de uma literatura bairradina.

Senhoras e senhores escritores da Bairrada:

À Câmara Municipal cabe o dever de apoiar o exercício das actividades dos artistas, escritores e pensadores, como verdadeiros criadores da cultura, actividade a que foram chamados por vocação e cujo o fim é o desenvolvimento da personalidade humana.

O presidente da Câmara reconhece que, tendo sido este concelho alfobre de ilustres pensadores, artistas e até políticos que nele colheram a sua formação cultural, herança esta que souberam dignificar, mesmo longe da sua terra natal, foi no entanto descuidada a preservação dos seus legados, pelo que urge serem os mesmos recuperados, a fim de lhes ser feito justo reconhecimento e prestada devida e digna homenagem.

Neste sentido, penso que o primeiro reconhecimento devido a um escritor falecido consiste em levantar o inventário bibliográfico das suas obras dispersas e inéditas, para abrir via ou método a quem deseje agregar todos os trabalhos numa edição perfeita.

Recordo, entre outros, os escritores padre Acúrcio Correia da Silva e António de Cértima.

Mas cumprir o dever de reconhecimento não equivale a pagar uma dívida.

E se é certo que ao escritor padre Acúrcio foi prestada justa homenagem pelo concelho, em 1959, com o descerramento do seu busto em bronze, no jardim que passou a ter o seu nome, idêntica homenagem parece ser devida ao escritor António de Cértima.

António de Cértima nasceu na Gesta, freguesia de Oiã, em 27 de Julho de 1894, e faleceu a 20 de Outubro de 1983.

Em 1994 terá lugar o centenário do seu nascimento.

Que melhor homenagem poderia ser prestada a este cidadão do mundo, se naquele ano se publicasse um livro com a vida e a obra do escritor, militar e diplomata, e se lhe fosse erigida uma estátua condigna que ficasse para todo o sempre a testemunhar a gratidão de um povo?

É que na perpetuação dessa obra e monumento as gerações vindouras teriam já uma nova fonte de estímulo e enriquecimento, onde poderiam beber ou sentir o exemplo a seguir.

A Câmara está disponível para, em conjugação de esforços com a Associação de Jornalistas e Escritores da Bairrada e população do concelho, ajudar a concretizar a ideia que aqui vos deixo.

LÍNGUA E POVO REFLEXÕES SOBRE A LUSOFONIA

Por J. L. Fontela

A língua é um sistema de signos para se comunicar, signos escritos ou escrita ou linguagem falada, pelo que não se pode confundir língua escrita com língua falada, quando vamos a abordar questões tão importantes como a da regulamentação gráfica, escrita da nossa língua, na antiga Gallaccia nascida e hoje com quase cerca de 200 milhões de utentes no mundo.

Há uma clara relação entre língua e povo, e assim serão povo lusófonos todos aqueles que empreguem a nossa língua, hoje infelizmente com variantes que reflectem uma escrita diferenciada; com efeito, o galego, o português e o brasileiro que fazem parte do mesmo diassistema linguístico têm uma escrita divergente, enquanto línguas de menor unidade estrutural como o castelhano, o francês ou o italiano, por citarmos línguas também novilatinas ou românicas, mantêm para a escrita uma só norma padrão.

O insucesso do acordo ortográfico de 1986, que tanta celeuma levantou, deu passo a um novo projecto apresentado pela Academia das Ciências não há muito e que foi submetido também à consideração de entidades pedagógicas e linguísticas da Galiza.

José Luís Rodríguez Fontela, Pontevedra (Galiza), 09/02/1944. Advogado, presidente das Irmandades da Fala e da Fundação Viqueira (Galiza). Publicou "Poemas de Paris", 1988; dirige a revista "Nós"; colabora em revistas e jornais lusófonos.

Nós entendemos que a Galiza ou continua a falar e escrever a sua língua própria, que hoje a Constituição espanhola e o Estatuto de Autonomia reconhecem como oficial, com o castelhano, em território galego, e a própria CEE tem que aceitar como co-oficial com outras línguas, ao ser oficial a língua portuguesa, ou a Galiza deixará de ser "Galiza" se usa outra língua que não seja a do povo galego. Dito de outra maneira, a lusofonia da Galiza é algo consubstancial à sua identidade como povo. Hoje ninguém pode negar essa lusofonia e a necessidade de que a nossa língua comum tenha uma só norma para a escrita; assim galegos, portugueses (lusofonia europeia), brasileiros (lusofonia americana) e africanos de expressão portuguesa (lusofonia africana), devemos intentar toda a classe de esforços para termos uma ortografia única para a nossa língua comum, como acontece com espanhóis, franceses, italianos, etc.

Portanto, língua e povo estão numa relação directa e o povo que perde a sua língua ou não a sabe defender, perde a sua potencialidade cultural e artística, para além de económica, social e política.

Cada vez mais se define uma política de língua no contexto internacional e nacional: a francofonia, a hispanofonia, a anglofonia e outras políticas linguísticas são promovidas incansavelmente pelos Estados no quadro nacional, europeu, mundial.

É necessário termos quanto antes uma política da lusofonia e isso só será possível se, quanto antes,

1) Se chegar a um acordo ortográfico que unifique a escrita da nossa língua para todos os lusófonos e os organismos internacionais que a usam: CEE, OEA, OUA, ICO de ONU, UNESCO, etc.

2) Se constituir um organismo entre todos os povos lusófonos que permita fixar uma política linguística comum em matéria de editoração, indústrias da língua, alta tecnologia, informática, *corpus* lexicais, dicionários, etc. As propostas em tal sentido nasceram no Encontro da Unificação Ortográfica da Língua de 1986, no Rio de Janeiro, ao propor Portugal a criação de um Conselho Internacional da Língua e recentemente ao adoptar a mesma posição o Brasil, propondo a constituição de um Instituto Internacional da Língua Portuguesa.

3) Levando a cabo uma política linguística claramente lusófona entre todos os que falamos a mesma língua, em todos os domínios e no âmbito internacional, tendo presente que a nossa é policêntrica, intercontinental e internacional; isto é, que ninguém e todos somos donos da língua, que é usada em todos os locais em que se fala com a mesma legitimidade; que é falada nos cinco continentes, constituindo a lusofonia europeia — Galiza e Portugal, americana — o Brasil e africana — Angola,

Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe além de outros locais, como Macau, etc., e que é de uso em organismos internacionais como a CEE, OEA, OUA, ICO de ONU, etc.

4) Promovendo as nossas literaturas e adoptando toda a classe de medidas que levem à dignificação da nossa língua, desde a escola até os meios de comunicação de massas, etc.

Um valor importante da nossa língua é que, não sendo uma língua imperialista, antes ao contrário, vale para o diálogo Norte-Sul e entre países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento.

No caso concreto da lusofonia europeia, teríamos que analisar que projecto cultural queremos que os habitantes da franja atlântica, onde a terra acaba e o mar começa, face ao acto Único Europeu, a desapareição das fronteiras e a necessidade de mantermos a própria identidade cultural dentro do mosaico europeu, ofertando alternativas culturais e literárias não só à Europa, mas também a toda a lusofonia.

A nossa língua e a nossa lusofonia implicam o reconhecimento do "alter", do outro, que, lusófono em América ou África, espera o intercâmbio cultural, científico e de toda a classe, em benefício dos povos respectivos. A Galiza deve conservar a sua língua, e cultura próprias, lusófonas, com Portugal, no contexto ibérico e europeu, reconhecendo a importância de cumprirmos um papel para com o resto da Europa, do mundo, e nomeadamente da lusofonia toda, como terras-mãe da língua e cultura comum, respeitando as culturas e as línguas nacionais naqueles países que, como a África lusófona, têm mais línguas.

A relação língua-povo, e neste caso língua de cultura e povo, é essencial para manter a identidade nacional; no caso da lusofonia europeia e americana não há a mais mínima dúvida, ao serem os nossos povos os que mantiveram a língua própria através dos tempos; no caso da lusofonia africana, ao ser a nossa língua factor de coesão nacional e de coesão social, que farão dos países africanos de língua oficial portuguesa modernos Estados naquela região.

Os escritores e jornalistas temos uma maior responsabilidade na projecção e bom uso da nossa língua, devendo garantir que os nossos esforços vão dirigidos à defesa e promoção da segunda língua românica mais importante do mundo, hoje com cerca de 200 milhões de falantes em todos os continentes, quase 4% da população mundial.

No caso europeu, a nossa responsabilidade também é grande face à hispanofonia, à anglofonia, à francofonia, na medida em que se figuram como as políticas linguísticas da maior presença na CEE e outros organismos internacionais.

Ninguém põe em dúvida já de que as línguas importantes no quadro da CEE, e assim o reconhecia o prof. Colbert, da Universidade de Washington, a nível mundial, são: inglês, espanhol, português e francês — por esta ordem —; daí a nossa especial responsabilidade e dos nossos políticos, em garantir essa presença linguística.

Eu faço votos neste Encontro para que a língua nossa, nascida na velha Gallaccia, em ambas as margens do Minho, como a segunda língua românica mais importante do mundo, não veja nunca obscurecido o seu futuro e o seu esplendor.

bibRIA

AS RELAÇÕES DA LITERATURA GALEGA COM A PORTUGUESA

Por Iolanda R. Aldrei (Galiza)

É de todos conhecido que, se bem na sua origem a literatura realizada em ambas as margens do Minho fora considerada como uma, a situação mudara, de maneira que quando, no século XIX, a nossa língua conheceu o seu renascer literário em território galego, com escritores como Pinto, Rosalia, Curros, Valhadares, Pondal... as obras produzidas foram inscritas na que se deu em chamar "literatura galega".

Esta literatura renascida além-Minho contara, porém, com um importante auxílio: o da pervivência e desenvolvimento das letras portuguesas naquele território que ficara no seu dia livre da dominação castelhana, e que consolidara um Estado moderno: Portugal. Efectivamente não fora em vão a existência de uma trajectória literária neste país, que conheceu a sua continuidade quando na Galiza fora directa ou indirectamente vetado o uso escrito do nosso idioma.

Obras tão importantes como *Na noite estrelecida*, de Cabanilhas, tomam como tema-tópico um messianismo calcado do mito sebastianista e trasladado à figura do rei Artur, ao tempo que uma das principais correntes poéticas da literatura galega do presente século, o "neotrovadorismo", tentava imitar, renovar e continuar as correntes poéticas medievais. Muitos escritores, entre eles os pertencentes à "geração Nós", intercambiaram correspondência e ideias com os mais importantes autores portugueses da época, e nas revistas em cuja edição participavam, publicaram poemas, contos ou ensaios representativos das

correntes artísticas e literárias, divulgando assim obras e autores nas recíprocas beiras do Minho. A literatura portuguesa não só servia como referência histórica, cobrindo o espaço dos denominados "Séculos Obscuros da Galiza", senão que também no momento actual levava até ao Noroeste peninsular as modernas correntes artísticas e literárias.

Mas esta literatura galega não tardou em reclamar, de uma ou de outra maneira, um lugar no tronco comum, com tentativas do tipo da "Colecção 4 Ventos", editada em Braga, em que se incluem juntamente com obras de autores portugueses como Amândio César ou Duarte de Montalegre, a de galegos como Fermim Bouza Brei ou Leandro Carré Alvarellos apresentados pelos editores juntamente aos leitores galegos e portugueses, desde a consciência de uma só língua e confiando, talvez, numa só literatura na que estas obras, denominadas "galegas", apresentariam um registo que emprega "vocábulos que andam no falar do Povo português e brasileiro como no da Galiza".

Esta tradição continuou e continua viva, noutros projectos tanto individuais como colectivos (Encontros de escritores, revistas lusófonas, colecções literárias...), num momento no que é já significativo o número de escritores galegos que consideram a sua obra incluída dentro de uma produção literária lusófona, que, rompendo as fronteiras político-administrativas e um ou de outro Estado, fortaleçam os laços culturais que fazem que as obras de Agostinho Neto, Gil Vicente, Jorge Amado, Saramago, Eduardo Pondal... tenham em comum a pertença a uma literatura que, além do nacional, se apoie principalmente na língua em que foram escritas.

Em pouco tempo, pensamos, existirá um número considerável de autores nascidos na Galiza a incluir na nómina destes poetas ou prosistas sem mais fronteira que a da sua-nossa língua.

O ESCRITOR GALEGO PERANTE O PROBLEMA DA LÍNGUA

Por Ângelo Brea (Galiza)

QUANDO no século XIX a "literatura galega" começou o seu "Ressurgimento" com o labor de Rosalia, Curros e Pondal, entre outros, a língua que o povo conservara tenazmente durante longos séculos contra a pressão do castelhano, foi concretizada por estes escritores com a única "orthographia" que estes conheciam e única na que foram alfabetizados: a espanhola. A consequência mais grave disto foi que ao escrever com "orthographia" castelhana a língua própria da Galiza conseguiram estes escritores que uma literatura que deveria incluir-se no âmbito das literaturas lusófonas passasse a orbitar no das literaturas hispanófonas, com o qual se perdia a sua referência histórica e ao mesmo tempo se fazia perder aos leitores esse mesmo referente, subordinando-se totalmente ao âmbito cultural castelhano a que os leitores não pertenciam. Ao mesmo tempo provoca que as pessoas que desejam devir em culturizadoras dessa sociedade utilizaram também esse instrumento subordinado à língua não própria e assim se fora entrando num círculo sem saída que leva imediatamente à assimilação e à desmembração histórica dos indivíduos ainda não assimilados.

Deste jeito, escrevendo a língua própria da Galiza (o português ou o galaico-português) com escrita castelhana, o escritor galego passava a situar-se deslocadamente no âmbito não da comunidade linguística A, mas no da comunidade linguística B.

Sem se darem conta, os escritores "galegos" estavam conseguindo que os seus leitores seguissem vendo como "língua de cultura" a língua

castelhana, e como língua minorizada a fala galega da língua portuguesa que eles utilizavam. Assim o escritor galego, que deveria actuar como culturizador da sua comunidade, passava deslocadamente a actuar como simples indivíduo culturizado da comunidade castelhana. A sua literatura é, pois, considerada por eles próprios e pelos integrantes da comunidade linguística B como um simples dialecto falado da língua priorizada pela sociedade na que vive e actua, pois tudo o que não é a língua priorizada é um simples dialecto dela.

A recuperação

Os escritores galegos não fizeram nada para mudar a situação? A verdade é que intentos de variar essa situação não faltaram.

Desde Pondal (e já antes), até os nossos dias, o movimento reintegracionista, que quer devolver à língua própria da Galiza (o português ou galaico-português) o tratamento que lhe corresponde, está presente. Mas todos os intentos foram destruídos devido à infiltração nos escritores chamados "galegos" de muitos outros que eram simplesmente escritores castelhanos que escreviam no que para eles era um dialecto. Uma situação como essa leva à desapareição da língua própria da Galiza porque nunca se conseguem indivíduos culturizados propriamente ditos na língua A.

Mas como se pode mudar a situação? A isto poderia ajudar muito que os escritores galegos escrevessem o "galego" com "orthographia" galega, ou seja, portuguesa. Assim:

1^a Os escritores galegos actuarão como culturizados no seu próprio território;

2^a Os escritores galegos passarão a ocupar o lugar que lhes corresponde na sua comunidade;

3^a Os escritores galegos conseguirão que os seus leitores tomem como referente da língua o ideal de bom português, passando assim a uma situação de aparente equilíbrio.

Ao mesmo tempo que a língua própria da Galiza (o português ou galaico-português) poderá lutar, em aparente igualdade de condições, com a língua B (o espanhol), e se poderá lograr que não haja uma rotura na pirâmide sociocultural, fazendo-se possível o ideal de pseudomonolinguísmo ou pseudobilinguísmo na língua A, no caso de que não se lhe negassem à comunidade linguística A os meios necessários para fazê-lo.

POR UMA LITERATURA REGIONAL COM ALCANCE UNIVERSAL

Por António Breda Carvalho

É do conhecimento público que a divisão do país em regiões administrativas obedece fundamentalmente a critérios de ordem política, económica e geográfica. E se a tradicional regionalização do país em províncias funciona bem ou mal em termos políticos e económicos é um problema que não tem cabimento aqui e agora.

De facto, no contexto desta comunicação, interessa só a demarcação regional enquanto factura de expressão literária. Ora, é precisamente neste campo que começa a desenhar-se um rol de reflexões.

Eu penso que há legitimidade para existir uma associação literária representativa de qualquer província do nosso país, se à unidade espacial corresponder também uma unidade de âmbito económico, cultural, social, sentimental, etc.

Talvez possamos inserir nesta alínea o Algarve e o Alentejo, porquanto me parece que estas regiões têm uma cultura homogénea que abrange todo o espaço geográfico.

Não creio, porém, em fundamentos que visem criar um grémio literário que abarque, por exemplo, toda a Beira Litoral. Com efeito, esta

António Breda Carvalho, Mealhada, 03/06/1960. Professor do ensino secundário. Publicou o livro "In vino veritas - A Verdade no Vinho", Prémio literário Região da Bairrada, 1989. Colabora na Imprensa Regional.

província à qual pertencemos, apresenta-se heterogénea nos mais variados aspectos: geográfico, económico, cultural, sentimental, etc. A estas diferentes estratificações correspondem sub-regiões que preenchem todo o espaço que constitui a Beira Litoral.

A Bairrada é, afinal, o exemplo que nos toca particularmente, configurando-se como sub-região dotada de unidade no conjunto das manifestações que a caracterizam. Estendendo-se paralelamente à sub-região gandareza, ela mantém, no entanto, a sua individualidade de carácter, acusando apenas um pouco de hibridismo nas zonas em que estas regiões se interpenetram, devido à demarcação vinícola da Bairrada.

Chegados a este ponto, podemos então concluir que a Bairrada reúne todas as condições para se afirmar no panorama da literatura portuguesa. Nada lhe falta; nem o húmus fecundante da paisagem natural e humana, nem os operários da escrita para transformarem esse húmus em obra estética. E a prova está evidente: hoje a AJEB é uma realidade que, crescendo como frondosa árvore, começa já a dar os seus primeiros frutos.

Todavia, eu defendo que uma associação desta natureza, de raízes regionais, ao querer pugnar pelos valores da sua região no plano da expressão literária, não pode nem deve fechar-se dentro de si própria, respirando um orgulhoso ostracismo, esquecida de se abrir às regiões que a circundam, ao país e também ao resto do mundo.

A grande arma utilizada pela literatura dita regionalista tem sido, ao longo da história, o léxico, o uso de um vocabulário vernáculo que, muitas das vezes, transforma o texto literário numa mensagem criptográfica, só decifrável pela maioria dos autóctones.

O "falar" bairradino é entendido por toda a gente, apresentando apenas a troca fonética do *b* pelo *v*, mas sem qualquer perda de valor fonológico. Por este lado, estou descansado: a Bairrada não pode valer-se do léxico para se fechar umbilicalmente.

Esta atitude não exclui o meu interesse pela investigação e estudo da antropologia cultural bairradina desde as épocas mais remotas. Penso mesmo que é vital a existência de um Dicionário Etnológico Bairradino nas estantes da AJEB.

Portanto, a minha posição é clara como água: nada de se pretender a defesa cega e fanática da Bairrada, reduzindo-a a uma terra claustro.

Por uma literatura regional com alcance universal é a minha proposta. Porque, de facto, através das obras se escrevem, se afirmam aspectos, elementos que configuram o rosto físico e humano de uma determinada região. Todavia, pela natureza dessa configuração e pela mensagem que encerra no *corpus* textual, a obra não se esgota em limitada esfera

geográfica, antes se projecta plena de carácter universal, assumindo-se como pequena mas importante manifestação da rica e complexa vida humana.

Nesta base, uma obra bairradina pode ser referida como testemunho corroborativo da minha proposta, que não a quero só teórica. Trata-se de *In vino veritas*. Consubstanciada num aspecto específico da região bairradina, ela traça indelevelmente a identidade de algumas gerações que ainda vivem na nossa memória colectiva. E, nesta fidelidade às suas raízes, dela ressuma um plasma que adquire sentido universal.

Em última análise, há que descobrir a estrela que brilha no limbo bairradino e colocá-la na constelação universal.

bibRIA

O GRANDE PROBLEMA DO ESCRITOR

Por Vasco Branco

VIVEMOS um tempo no qual cada vez se adquire mais e mais a certeza de que a certeza não existe. Tudo é conjectural e mesmo toda a cientificidade não passa de plataforma do provisório. "I do not believe in belief", como afirma E. M. Foster. De aqui se conclui a falência total de juízos de valor. Einstein põe em causa Newton, como Hoyle discorda de Sagan. Big-Bang, ou não, como começo de tudo quanto existe? A vida teria surgido num mar primevo gelatinoso ou teria sido semeada como o defendem os panspermistas? A inteligência é um exclusivo deste grão de poeira chamado Terra, ou largamente difundida pelo Cosmos? Quer dizer: toda a nossa vivência ou durabilidade se dilui em lapso extremamente curto, onde as nossas noções de Perfeição, de Certeza e de Verdade resvalam como se assentes no lodo das ilhotas que rendilham a nossa laguna. Ciência, Política e Artes, por exemplo, permeáveis a crítica

Vasco Augusto de Pinho Ferreira Branco, Aveiro, 27/09/1919. Licenciado em Farmácia. Para além de muitas obras realizadas em cinema e artes plásticas, publicou os livros: "Telhados de Vidro", 1952, e "Flor Seca", 1956, contos; "Gente ao Acaso", 1957, romance; "O Dori Nº13", 1958, contos; "Os Vagabundos Ilustrados", romance, 1959, "Do Ignoto aos Satélites Artificiais", 1959, divulgação; "As Regras do Jogo", 1960, novelas; "Iva e o Mar", 1965, romance; "Roteiro Impopular de uma Cidade", 1963, contos e crónicas; "Os Generosos Delírios da Burguesia", 1979, romance; e "Palavras sem Voz", 1985, contos e crónicas. Colabora na Imprensa.

constante. E quando a refutação não é imediatamente possível podemos então aceitar, mas sempre a título precário ou provisório. E a propósito poderíamos dizer com Karl R. Popper: "A tensão existente entre saber e não-saber conduz ao problema e à tentativa de solução. Porém, jamais é superada." A teoria aceite, seja sobre o que for, não passa, pois, de uma tentativa mais resistente (apenas mais resistente) às nossas críticas mais instantes. De facto, o terreno que pisamos é progressivamente mais movediço porque cada vez mais frequente as tais refutações críticas.

Eu — confesso — não vim aqui para vos trazer achegas de carácter mais ou menos filosófico ou filosofante, a despeito da sua enorme actualidade, mas tão-só deixar-vos, como intróito, aquela desconfiança com que todo o intelectual deve prevenir-se contra aqueles que a propósito de tudo nos pretendem calar com a aceitação tácita dos dogmas que adoptaram.

Para já, devo advertir-vos de que todas as minhas intervenções nos Congressos de Escritores foram sempre de lástima pelo reconhecimento provado de que, entre nós, não existe a profissão de escritor. Ponto de partida para alguns, se não todos, os males de que enfermamos as nossas relações porque os escritores, já assim chamados, amplamente agrupados em clãs a que hoje não é alheio ainda o *engagement* de carácter político. Por isso eu desejava que as portas das editoras não se abrissem, de par em par, apenas para os eleitos. Infelizmente esses editores, como alunos distintos e ciosos da sociedade consumista em que vegetamos, só arriscam os laureados altamente badalados por jornais e revistas que repetem, à saciedade, sua propaganda que não difere de qualquer outra nos processos e na banalidade. Longe, o sonho de que escrever poderia abrir portas de comunicação. Pois que, ao fim e ao cabo, é esse o nosso mais ardente desejo. É que o admirável pensamento de Moravia de que "o artista fica suficientemente pago através da simples realização da sua obra" funciona, quanto a mim, como fato de mangas curtas e arremessa para anos-luz de distância a almejada profissionalização de escritor.

O surto de criação artística e literária, no nosso tempo, atingiu proporções nitidamente explosivas. Dir-se-ia que, de súbito, toda a gente se sente com a necessidade, a força e a inspiração para verter em laudas vibráteis, ou pinceladas eloquentes, toda a sua vivência, todas as suas perplexidades, todas as suas certezas. E isto traz como consequência imediata uma triagem feita apenas através de currículos de carácter académico, o que, à partida e quanto a mim, constitui um erro crasso. Não há dúvida de que o domínio da técnica é sempre imprescindível a todas as artes. Só que nunca gerou ou pariu talentos. Por isso, as academias,

côncias do facto, defendem com unhas e dentes os seus encanudados. E os clãs sediados nos grandes centros aferrolham-se na sua insularidade. Aspirante a escritor ou a artista que não consiga um grande padrinho adentro desta mafia esbarra, inevitavelmente, contra os portões blindados da fortaleza editorial. Evidentemente, que a crítica chamada de responsável, salvo raras e muito honrosas excepções, é semeada no mesmo caldo de cultura dos favorecidos pela graça dos infalíveis. Assim, a vaga dos neocriadores que se julgam com direito legítimo ao seu lugar ao sol ameaça rebentar pelas costuras. Mas debatem-se em vão esperando o milagre de uma osmose que já se não verifica há muito.

Outra consequência deste surto inflacionário da coisa literária ou artística é que a própria Cultura já não se produz para durar, mas para ser reciclada (sofre, também, os seus modismos). Hoje, a arte adquire-se como uma camisa ou um batedor de natas. Acabou, portanto, a arte-especulação baseada na raridade do produto. Vivemos, assim, em mundo de simulação à imagem dos modelos de simulação. A publicidade transforma o objecto em acontecimento: o corpo, como o automóvel, em objectos de consumo (lembro a insistência do nu feminino em grande parte da publicidade televisiva). Assim, a ideologia do corpo substitui, progressivamente, a ideologia do espírito.

Eu gostaria que toda a comunicação tivesse a inquietude obsessiva da verdade, da verdade relativa. E verdade relativa porque, como já tivemos ocasião de verificar, simples contingência espaço-temporal. Parece que o erro (segundo Edgar Morin) nos foi legado geneticamente e vem da aurora do mundo ligado ao surgimento da linguagem. A palavra foi, de facto, o mais notável marco da inventiva humana e que nos permite comunicar através, aliás, de considerável margem de erro. É que o espírito humano não reflecte o mundo, procede apenas à sua tradução. Isto é: as nossas ideias não são o reflexo fiel do real, mas apenas traduções do mundo exterior. E cada tradução pressupõe sempre que o risco do erro que pode até ser exorbitado de acordo com as circunstâncias e a vontade do tradutor. Uma notícia pode, por isso, assumir tantas leituras quantos os arranjos possíveis e de conveniência de quem vive o acontecimento. Por isso, ainda, a Justiça nos aparece de olhos vendados. Não passa de uma pesagem de consciência. Factores circunstanciais, educativos, de ambiente, ou genéticos serão determinantes comuns nestes arranjos e permutações que violentam a linha mais curta que vai da ideia à consequente explanação. A dogmatização de uma verdade, frequente nas diferentes ideologias e nas diferentes teologias desmorona-se quando se pretende impor atitudes logicadas que creditem as afirmações de quem deseja comunicá-las.

De qualquer maneira, o grande problema em que hoje se debate o escritor continua a ser, de facto, a dificuldade na edição dos seus livros. Ninguém põe em causa a necessidade das conferências, das mesas redondas, dos debates, da existência de organismos defensores da classe que, quanto a mim, hoje cresceu até atingir um gigantismo que dilui nas grandes massas os criadores-consumidores. Vejamos que o nosso país, parcela diminuta de uma Europa em efervescência, não tem voz suficiente para ultrapassar muralhas fronteiriças. E isso porque nem sequer consegue fazer-se ouvir além das paredes internas e estanques levantadas pelos *cracks* das nossas duas maiores cidades. Se concordam que é este o nosso maior e mais instante problema, urge estudarmos medidas capazes de o superar, se possível. E suponho que tudo é possível quando a vontade se junta, corajosamente, no mesmo querer, neste muito legítimo querer.

bibRIA

O ARTISTA, HOMEM SOCIAL

Por Mário da Rocha

"Continuem incómodos (...), assumam corajosamente a missão que lhes cabe, façam das vozes e dos gestos privilegiados que possuem, a ressonância profunda do povo a que pertencem e a expressão da esperança de mundos mais fraternos."

Ramalho Eanes, na IV Bienal de Arte de Vila Nova de Ceveira.
"O Jomal" nº 498, de 7/13 de Setembro 84, pág. 9.

Os deuses vendem quando dão.
Compra-se a glória com desgraça.
Ai dos felizes, porque são
Só o que passa.

Baste a quem baste o que lhes basta
O bastante de ~~lhe~~ ~~bastar!~~
A Vida é breve, a alma é vasta:
Ter é tardar!

biografia

NESTE pequeno excerto do poeta Fernando Pessoa, está explícita toda a origem e igualmente todo o trágico destino de qualquer grande artista. Nem que ele não passe de um diminuto poeta como Arvers, que ficou na história da excepcional Literatura Francesa por ter escrito só um belo soneto! Apenas!...

Com efeito quando se lê, por exemplo, uma obra como a de Voronof para tactear nas profundidades, até endócrinas, o nascer de um artista de verdade, são inevitáveis as tonturas provenientes do facto tremendo de quanto custa ao normal da Humanidade o aparecimento de um génio. A obra de Voronoff (citamos de cor) intitula-se significativamente "Du cretin au génie"...

Mário da Rocha Merendeiro, Vagos, 19/06/1931. Quinta do Silveiro, Oiã, ex-professor do ensino secundário e jornalista profissional. Publicou os livros: "Sinfonia Incompleta", 1955, poemas; "Frátria", 1970, em co-autoria com Mário Sacramento; "Tempo de Mudança", 1978, ensaios; "Falência do Cristianismo Burguês", 1984, e "Razões Secretas de uma Promoção", 1985, depoimentos. Colabora na Imprensa.

Fernando Pessoa sentiu bem na própria carne a agrura do seu destino : "Compra-se a glória com desgraça!"

Escreveu de pé, muitas vezes, e com mangas de alpaca, e por isso "Ai dos felizes, porque são/Só o que passa!"

Num mundo felizmente cada vez mais humanizado, nem por isso Pessoa teve o ensejo de ver e auscultar e até de ironizar um mundo ainda bastante desumanizado. Impotente de o cultivar, este poeta, hoje grande glória de toda a Humanidade minimamente culta, saltitou da ironia para o sarcasmo e do sarcasmo para o pessimismo trágico. Essa foi a sua opção fulcral! E é a opção humana de cada artista! Ou seja, resumindo, na célebre expressão de grandioso e multifacetado Marañon: são duas as grandes espécies humanas: uns vivem para morrer; outros morrem para viver!

"Ai dos felizes, porque são/Só o que passa!"

É nesta dualidade humana que se radica o destino de todo o verdadeiro artista. E é nesta estrutura de tragédia que se trava a luta da sua arte! A Vida contra a Morte! O Futuro contra o Passado! A Criatividade contra a Imitação!

E não se diga que estas nossas palavras estão impregnadas de maniqueísmo! Que exageramos, que não é bem assim. Dir-nos-ão, para tanto, que todos temos vergonha de sermos felizes sozinhos, pelo que todos queremos o mundo melhor!...

Não nos iludamos, iludindo a própria realidade. Os homens repetem as mesmas palavras, porém os seus discursos rumam mundos diferentes! (O caso aí esta na investigação científica do prof. Simões da Fonseca: os políticos não querem aquilo que dizem querer).

Para uns, o seu discurso é a máscara da sua alma, atolada em olhares de sono e, por isso, não passa de mero *reflexo* condicionado do seu inconfesso amesendamento com a ordem estabelecida, de modo a justificar, com explicações palavrosas, aquilo que se poderá explicar, mas não justificar!

Para outros, a sua falta é, eminentemente, um *projecto* de empenhamento a abrir caminhos não andados, que são um desafio, que são um repto, que são, tantas vezes até, uma condenação — a condenação de suas mais íntimas contradições, entre o pensamento e a acção!

"Somos aquilo que não somos e não somos aquilo que somos!"

Mas se a contradição pode reinar na vida de cada homem, nem todos os homens assumem as suas contradições para fazerem delas o motor da sua própria História.

Dir-se-á que estou a alongar-me e, porventura, até a fugir ao tema solicitado...

Com efeito, se não percebermos bem a dualidade constitucional de Aventura Humana, não só não perceberemos bem a gênese artística, como jamais, igualmente, não perceberemos bem o uso social da arte e, bem assim, as diversas relações do artista com a sociedade.

Com efeito, neste nosso mundo dito humano, nesta nossa civilização a que alguns se atrevem a chamar cristã, *na ordem dos factos e por mais que se diga o contrário*, o *ter* é muito mais importante que o *ser*...

Neste nosso mundo dito humano, nesta nossa sociedade dita cristã, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante! E apesar de tudo aparentemente em contrário, a burguesia jamais perdeu as rédeas do poder!

Também por isso, tarda uma urgente e séria revolução cultural neste país!

Até lá, será mais importante *ter* um "Mercedes" do que *ser* uma consciência esclarecida! Até lá, um pobre estúpido continuará sempre a ser um estúpido, enquanto um estúpido rico há-de continuar a ser, sempre e apenas, um...rico! E tudo isto sob as parangonas retóricas, atiradas das cátedras e dos púlpitos, em honra da santa dignidade da pessoa humana.

D. Quixote num império de Sanchos Panças, o artista continua, assim, condenado a ser uma pedra de escândalo e um motivo de contradição. Porque ele revela-se do lado do *ser* e não do *ter*...

Diderot já observou há muito: todos os homens estão de acordo em que exista a Beleza, mas muito poucos estão certos de definir o que seja o Belo! "Ter é tardar", disse o poeta.

E se esta dificuldade existe logo no simples campo teórico, ela agrava-se indefinidamente no campo histórico! E este agravamento tem duas causas primordiais! O Belo é tanto mais rico quanto mais significativos forem os seus elementos integrantes. Neste aspecto, é paradigmático o caso de Gioconda! Que sorriso é aquele? Ironia e sarcasmo, ou amor e ternura?...

Sem dúvida que o Belo é, primeiramente ainda que não exclusivamente, um rasgo de intuição. Porém, este produto/objecto de intuição ultrapassa toda a ordem do mero conceito de quem pensa a vida e/ou vive o que pensa!

O que mais potencializa a emoção estética é que ela se radica e se nos impõe num eminente diálogo vital, onde a sensibilidade intui a mais recôndita verdade da alma das coisas para, concomitantemente, a inteligência a corporizar polifonicamente no produto estético. Assim, a sensibilidade enriquece a ideia; a ideia, por sua vez, aprofunda a sensibilidade!

A emoção estética, verdadeiramente criadora, jamais se revela pura, pois jamais poderá ser primitiva.

Hoje, na cultura mais do que na civilização, já não há mais lugar para os primitivos históricos...

A experiência humana, assumida como cultura do homem, facultará a percepção global dos elementos e, bem assim, as suas naturais relações. Só o espírito perspicaz, cuja perspicácia a cultura aguça, poderá apreender a diversidade como totalidade, não se perdendo no pormenor anedótico.

Ainda muito mais do que uma análise, a intuição do Belo implica uma síntese que a compreende e, simultaneamente, a ultrapassa.

Porque o verdadeiro artista, criador, é esta "totalidade significante", a Arte impõe-se-nos na História humana como "o caminho mais curto entre dois homens" (Claude Roy)!

Porque a Arte não se encontra *dada* nas coisas, mas se consuma *expressa* na obra artística; porque a Beleza e a vida não coincidem, antes se exigem como o predicado e o seu complemento; porque a essência artística não se limita na técnica que a mediatiza, corporizando-a — a Arte *consciência* do artista e, simultaneamente também seu *testemunho*, pelo que não há criação artística que não seja *problema e resposta; reflexo e projecto; consciência e testemunho; expressão e comunicação!*...

A Arte, a verdadeira grande Arte, não é pois mera *imitação*, cópia da natureza! E não sendo uma reprodução do real (se o fosse, o maior habilidoso seria o melhor artista e, então, a máquina fotográfica, como observou Matisse, faria sempre Arte mais depressa e melhor do que o melhor artista), a arte também não é apenas *técnica!*

Se toda a criação artística fosse apenas reprodução técnica, toda a arte seria igual. Ora o artista serve-se da técnica, mas serve-se dela para exprimir algo mais de seu, algo mais do que a técnica. Pelo que, ao exprimir-nos este seu algo mais, o artista não se limita a copiar; tem de recriar! E nesta sua criação, o artista procura sugerir o autêntico da realidade aparente, para nos revelar o mais significativo da aparência formal.

Aquilo que é espantoso em Arte é que a realidade artística nunca se repete, mesmo quando ela é apenas constituída por *cabalos* como em Marini!

O que é espantoso é que a mesma *aldeia de Cagnes* nos dê obras plásticas tão diferentes como são as telas de Renoir, Desain e Soutine!

É caso para repetir: *o estilo é o homem!* Todos podem pintar aquilo que eu pinto; só eu hei-de pintar *como* eu pinto!

Para além de produto também da imaginação; para além de consequência de uma sensibilidade, a *maneira de ver* é um prolongamento da

maneira de ser! Ou ainda: *nós só vemos o que somos!* Ou ainda: "a paisagem é um estado de alma!" Ou ainda, nestas palavras do nosso grande Gedeão:

"Os meus olhos são uns olhos.
E é com esses olhos uns
Que vejo no mundo escolhos
Onde os outros, com outros olhos,
Não vêem escolhos nenhuns.

Quem diz escolhos diz flores.
De tudo o mesmo se diz.
Onde uns vêem luto e dores
Uns outros descobrem cores
Do mais formoso matiz".

Não se limitando a copiar a natureza; não se restringindo a saber exprimir o que sente, o artista incorpora-se numa cultura viva, actuante, criadora.

Sem dúvida que a Arte também varia por não ser de todo igual "a capacidade de resposta do Homem à sua situação no mundo", ou seja: por não ser de todo igual a cultura em cada artista...

Mas não sendo de todo igual a cada cultura de cada artista, essa mesma cultura desigual o radica em posição de oposições graduais perante os velhos códigos de toda a espécie.

Não copiando uma beleza apenas *dada* nas coisas, todo o artista, embora cada um a seu modo, mostra, também por sua arte, que tudo muda, ainda que a vários níveis.

1. Um artista, historicamente menor, mais habilidoso do que criador, enredado num conhecimento de primeiro nível, meramente descritivo, pode limitar-se apenas a *transcrever* a natureza... Ele não intervém, reflecte mas não projecta, não tenta, de modo algum, modificar seu mundo, por este não se lhe revelar modificável.

Tal artista, se acaso chegar a sê-lo, não passará, na História da criação humana, de um *mecânico do seu tempo* e seu gesto irá definhar-se na Sombra da Noite que o ditou!...

Quem conhece hoje, ao menos de nome, os artistas então reconhecidos ao tempo dos Impressionistas excomungados?...

2. Porém, o homem que o artista também é, bem pode guindá-lo a sondar o mundo, a radiografar a Humanidade e não apenas a fotografar homens!

Então, o conhecimento revelar-se-á, pelo menos, já interpretativo e não apenas descritivo. Por isso, o artista perseguirá o essencial para lá do aparente, o significado para além do signifiante, o invisível do visível, a alma atrás do rosto. A Arte, então, já não será um *ditado* das coisas, mas um *anúncio* da manhã ainda por vir... mas que virá! Tarde ou cedo, mas virá!

E se esse conhecimento meramente descritivo condena o artista à cópia do naturalismo, este segundo nível de conhecimento *interpretativo* promovê-lo-á a uma *leitura* só própria, pelo menos, do realismo!

3. Porém, não ficam por aqui os possíveis caminhos da Arte. Com efeito, o artista pode conceber a realidade económico-social não como um mundo acabado, mas antes como um *processo evolutivo em constante mudança* e ver, na sua própria acção, o princípio transformador que tornará possível o necessário.

O homem-artista não se limitará, então, nem a descrever nem sequer a interpretar o seu mundo, mas procurará cooperar na projecção ideológica, pelo menos, daquele mundo novo, onde o homem, finalmente, liberto de facto, será o dono e construtor da sua própria história temporal.

Este conhecimento *científico* das coisas permite a pre-
visão dessa nova sociedade, onde será possível um Homem novo,
sem ter necessariamente de ser, primeiro, *mártir ou neuropata!*...
Abolida a exploração sistemática do homem pelo homem, só então
— até que enfim!... — podemos falar, sem traições contra-revolucio-
nárias nem hipocrisias burguesas, de um Mundo Novo para o
Novo Homem.

Se o *conhecimento sensorial* descreve e só copia a realidade
imediate;

Se o *conhecimento racional* interpreta o mundo;

O *conhecimento científico*, esse, transforma as próprias produções
que nos condicionam.

Temos, assim, sucessivamente, a

descrição naturalista

a análise do realismo

a transformação do neo-realismo!

A classe dominante, a burguesia, continuará a teimar em fazer a castração, em capar a força revolucionária da cultura, reduzindo-a, na sua babélica sociedade de consumo, a mais um objecto da adorno, motivo de troca e pouco mais!

Entretanto, porém, a verdadeira grande Arte há-de continuar a ser, no possível, a grande Consciência do Mundo, a natural História do Povo... Esta concepção humanista da Arte não equivale a subordinar, nem a sequer confundir o estético com o moral. Ética e Estética são, de algum modo, ciências e artes afins, mas distintas. Tem cada qual seus domínios próprios; tem cada uma suas próprias normas!

O horizonte da Arte não é a Moral, mas antes e apenas a Vida. E de tão profunda e variada, a Vida jamais suportará fronteiras. Por muito que a Ética e a Estética possam divergir em seus próprios meios, a Vida que lhes subjaz, sempre, de um modo ou outro, as irmanará na convergência de fins comuns! *Tudo o que sobe converge!*

Entre a Moral, como valoração promotora do homem, e a Arte, como consciência social do Povo, jamais se poderão interpor sentenças suicidas! Por mais diversa que a Terra seja, sempre maior há-de ser o Sol da manhã que a ilumina e rejuvenesce e recria!...

Está claro que, mesmo ainda hoje, também a Arte, como tudo quanto é humano, está sujeita a contradizer-se e até renegar-se!

Muitas e múltiplas são as críticas, as objecções que se levantaram e podem ainda levantar em juízo, porventura de condenação, contra a Arte moderna e, eminentemente, contra a arte abstracta.

1. No primeiro caso, pode considerar-se o abstraccionismo como "uma tendência reaccionária, porque significa o máximo de exarcebção individualista, o culto extremado do *ego*"! E toda esta fuga à função social da Arte ocorre numa hora apocalíptica, vigésima quinta hora, em que "todos não seremos demais" para construirmos o sempre sonhado Mundo Novo! Toda esta retirada do artista para a torre do Anto do seu próprio mundo mais individualista, acontece numa hora em que todo aquele que não for actor, terá de ser comparsa, pois, além do mais, todos estamos embarcados neste mundo, onde cada vez mais *tudo está ligado a tudo!*

2. Numa segunda ordem de ideias, porém, o artista abstraccionista se, por um lado, se alheia das realidades materiais do seu próprio mundo, narcisando-se neste seu mero individualismo liberal burguês (tão-só próprio do século passado), a verdade é que ele pode, mesmo assim, exercer uma dupla função, socialmente pedagógica, com o seu decadentismo.

a) Numa primeira acepção, o abstraccionismo "demodé", decadente, ultrapassado, reaccionário, permite definir e denunciar publicamente a futilidade, o vazio, o caos, o absurdo da burguesia em estertores de agonia fatal!

b) Numa segunda acepção, o abstraccionismo, pela sua criatividade, incondicional e incondicionada, seria uma forma de inconformismo a provar à saciedade que é possível haver novos mundos e novas formas de pensar e de agir...

A grande verdade é que, se neste nosso século de máxima comunicabilidade, a linguagem dos símbolos e dos signos substituiu as carcaças dos valores sociais passados, também por isso se tornou mais hermética e a comunicação mais difícil e, portanto, mais rara! Por tudo isto, a grande verdade, dizíamos, é que *"não se integrando no social, o homem, conseqüentemente, não se integra no universal"*.

Seja, porém, como for, a vida não pára e a História continua. Qualquer indivíduo pode travar a marcha do progresso humano, mas a ninguém é dado pará-lo!...

A Arte, também ela, procede na sua caminhada. E quer se queira quer não, é a própria técnica que nos obriga ao progresso social. No simples campo estético, vejamos apenas isto:

"O homem, enquanto indivíduo, não é mais a medida de todas as coisas. Agora é o plural, o colectivo, a multidão — o Povo!..."

"O arquitecto, por exemplo, transformou-se em urbanista. Não mais constrói habitações individuais, mas colectivas: a rua, o bairro, a cidade! A escultura monumentalizou-se! A própria pintura revelou-se nos murais, de Orosco, Siqueros e de Rivera. E, irmanadas, regressaram à arquitectura, donde haviam saído.

Mais ainda: a mesma pintura mais individualista (nascida do cavalete do artista com o destino do indivíduo privilegiado que a poderá comprar para seu próprio deleite pessoal), mesmo essa está sob o signo da mudança de sempre em novas formas simbólicas e/ou abstractas, "naturalmente sob novas modalidades das técnicas expressivas, porque novas são as nossas condições históricas e sociais".

Ora se a arte muda porque não muda o mundo? Se a arte pode, assim, mudar, embora só como reflexo e não também como projecto, porque não pode mudar este nosso mundo?

E não se diga que esta função social da arte é uma teoria nova. Não! Muito pelo contrário. O artista foi sempre, mais ou melhor, um ser plural. E deverá dizer-se, sim, que esta sua dimensão profética custou-lhe sempre muito caro. Com efeito, por isso mesmo, o artista foi sempre, mais ou

menos, um cidadão tolerado, senão mesmo marginalizado e até excomulgado. Quando muito, a classe dominante (a nobreza ontem, tal como hoje a burguesia), interessou-se *apenas em saber gozar dos benefícios* sociais da arte, sem jamais reconhecer, de modo realmente digno, a excepcional dignidade de cada artista! ("Ai dos felizes, porque são só o que passa"...)

O artista, tal como no poema de Pessoa, esteve e continua a morar sempre entre os infelizes... *Interessa-lhe o ser, não o ter!* Mas tal opção paga-se cara.

Molière nem sequer merecerá ser sepultado em terra de gente!... Só por ser um dramaturgo...

Este é o tempo das grandes descobertas. E, por isso, das grandes opções, também!

Hoje, jamais seria possível que o imperador Francisco José gozasse da música de um Mozart, mandando-o depois comer com os criados nas cavalariças!...

Mas nada de ilusões! Anabela Chaves, Maria João Pires estão, ainda hoje, condenadas a ter de ganhar o seu pão em terras de exílio... E não há muito, Assumpção, Pavia, Manuel Tavares morreram em desgraça de fome mortal... E que diremos da excomunhão de exílio, de ignorância, de Maria Helena Vieira da Silva?... Hoje, felizmente, a reparação já começou!...

Pela sua força criadora, pelo seu poder de denúncia, o artista só poderá ser um cidadão pleno, em tudo igualmente igual aos demais, *quando a liberdade for libertação* e o homem deixar de ser por sistema lobo do homem! Até lá, porém, muitos Mozarts continuarão a morrer asfixiados pelo caminho...

Não é nada nova esta dimensão da Arte.

A Arte nasceu com um poder mágico em Lascaux! Passa, depois, de monista a animista, quando o homem deixa de ser nómada e aprende a distinguir o visível do invisível. Consagra-se, entre os romanos, como o "jus imaginum". E não sem variadas odisséias, a arte acaba por identificar-se com a religião, a tal ponto que será o antropocentrismo do Renascimento o princípio de autonomia real que abrirá também à Arte uma independência própria.

Entretanto, tanto o poder religioso como o poder civil saberão auferir-lhe os melhores proveitos, para mais totalmente se sacralizarem — ou seja: para mais se absolutizarem! Ou, ainda por outras palavras, para mais se imporem...

Ainda hoje há quem diga que o poder está ao serviço! Reinar, diz-se, é servir... Só que nenhum destes confessa qual o seu complemento directo! "Servir", mas servir quem?!?...

Lançada em germe no antropocentrismo renascentista, a Arte Moderna revelar-se-ia quando o artista (Van Gogh) descobriu que "*um homem vale mais que uma catedral!*"...

Então, só então, o Sena substituiu o Olimpo e um "clochard" se fez mais importante do que Júpiter!

Livre e liberto, mais solidário do que solitário, o artista moderno descobriu-se, também ele, seu tema e seu senhor! E este nosso mundo tornou-se pequeno para o seu olhar de profeta!...

Não lhe bastando aquilo que aos outros basta; "onde uns vêem luto e cores, mas outros (seus olhos) descobrem cores do mais formoso matiz", o artista, *síntese do passado, testemunho do presente e visão do futuro*, impôs-se como a consciência da humanidade — certo de que é vergonhoso ser feliz sozinho e de que, consequentemente, *o Futuro deste mundo só pertence àqueles que de facto o fazem melhor!* Mesmo em Arte!

É neste nosso mundo, em que a luta se define cada vez mais, que o verdadeiro grande artista, criador, tem a sua razão de ser neste poema de Torga:

"Por isso a vós, artistas, eu levanto
A taça fraternal deste meu canto
E vos digo e conjuro que canteis!
Que sejais menestres
Duma gesta de amor universal
Duma epopeia que não tenha reis,
Mas homens de toda a terra sem fronteiras!
De todos os feitios e maneiras,
Da cor que o sol lhes deu à flor da pele!

Homens do dia-a-dia
Que levantam paredes da ilusão!
Homens de pés no chão
Que se calcem de sonho e poesia
Pela graça infantil da vossa mão!"

Ou seja em suma: na História como na Vida, só vence o Tempo, só fica vivo, na memória humana, o artista que faz de nossa dor um poema!... Aquele Poema que deve ser feito por todos nós!...

1º CONCLUSÕES

OS participantes do 1º Encontro de Escritores e Jornalistas da Bairrada manifestam a necessidade irrecusável de vencer o deserto cultural quase completo que amordaça a região.

Proclamam, por isso, como prioritária, toda a acção que vise a detecção e o estudo dos vários temas regionais enquadráveis na cultura de feição universalista. Apela-se por isso para a actuação responsável das Câmaras Municipais da região, no campo da cultura.

Encaram com esperança a criação do "Prémio Literário Região da Bairrada", patrocinado pela prestante Fundação Eng. António de Almeida, pois ele se destina expressamente a estimular a produção de obras literárias que contemplem as realidades da região.

A Bairrada não pode mais continuar adormecida sobre si mesma. Compete-nos a nós dar o sinal do acordar. O sinal começou a ouvir-se neste 1º Encontro, mas só se completará com a participação plena dos escritores e jornalistas, aqui nascidos ou radicados, na tarefa comum.

Quase tudo está por fazer na região, culturalmente. Ora a cultura é, de algum modo, a memória plasmada do que fomos e somos — e nós queremos ter memória! É preciso definir os contornos geomorfológicos da Bairrada, estabelecer os seus traços caracterizadores essenciais, listar e divulgar o seu património histórico-cultural, conhecer e estudar os seus artistas, avançar com a recolha e análise do seu adagiário, etc.

O 1º Encontro de Escritores e Jornalistas da Bairrada declara assim da maior importância que o espólio do pintor Fausto Sampaio salte da redoma para o exterior, onde faça contacto com o povo que ele pintou. Declara ainda da maior importância a reedição comentada do livro de Manuel Alves, o nosso poeta-cavador, e da obra em parte ainda inédita (pasmese) do seu companheiro José Francisco Moreira, outro poeta popular, recomendando-as vivamente à Câmara Municipal de Anadia.

Por fim, decide que o 2º Encontro de Escritores e Jornalistas da Bairrada se realize em 1989 na Casa Quinhentista de Pampilhosa (Mealhada), com o apoio do GEDEPA e, se possível, da Câmara Municipal da Mealhada, e saúda o primeiro encontro de jornalistas lusófonos que decorre em Lisboa.

Curia, 1 Outº 88

bibRIA

2º

CONCLUSÕES

OS participantes do 2º Encontro de Escritores e Jornalistas da Bairrada, reunidos na Pampilhosa, Luso e Buçaco em 30 de Setembro e 1 de Outubro de 1989, aprovam por unanimidade as seguintes conclusões:

1. Aplaudem com esperança e entusiasmo a criação da projectada Associação de Escritores e Jornalistas da Bairrada. De facto, será a primeira instituição genuinamente cultural a emergir na nossa região. A respectiva Comissão Instaladora foi composta por Idália Sá-Chaves, Isabel Cristina Pires, António da Silva Neves, Manuel Filipe, Armor Pires Mota, J. Grangeia Seabra, José Ferraz Diogo, Idalécio Cação, José Machado Lopes e, naturalmente, pelo organizador destes Encontros, Arsénio Mota. A AEJB será integrada por escritores e jornalistas profissionais ou equiparados segundo bases a definir nos respectivos Estatutos. Esta Associação contempla um leque de actividades vasto e profícuo: a organização de encontros e colóquios, promoção de cursos de Jornalismo, edição de publicações, instituição de prémios, promoção de viagens de estudo, etc.

2. Pedem, em nome dos interesses culturais mais legítimos, que as obras e as figuras dos escritores Padre Acúrcio Correia da Silva e António de Cértima, ambos nascidos no município de Oliveira do Bairro, sejam editadas ou reeditadas com o indispensável apoio municipal, para que fiquem resgatadas do esquecimento que as envolve, pois são valores não

só locais mas também regionais e nacionais. Lamentam a propósito, que António de Cértima tenha falecido em 20 de Outubro de 1983, vai fazer seis anos, no mais completo anonimato, com o voto expresso de que um tal caso não mais se repita.

3. Saúdam a Câmara Municipal de Anadia pelo modo, muito aberto e positivo, como assumiu a tarefa de reeditar as obras dos poetas populares José Francisco Moreira e Manuel Alves.

4. Advogam a criação de uma Comissão Intermunicipal para a Cultura da Bairrada e nomeadamente o emprego de animadores culturais pelos pelouros de Cultura dos municípios da região.

5. Congratulam-se com o projecto de adquirir a casa onde morou e morreu o eminente escritor bairradino Manuel Rodrigues Lapa, em Anadia, por parte da Associação Cultural com o apoio da Câmara Municipal do mesmo concelho. Pedem a publicação, na folha oficial, da regulamentação do decreto-lei 13/85, de 6 de Julho, sobre protecção do património nacional e, por outro lado, encaram com interesse a ideia de se criar na Bairrada um Museu da Bicicleta na medida em que este veículo, designadamente a pedal, se insere na realidade sociológica da região. Enfim, saúdam a criação próxima do Museu do Vinho em Anadia e a participação, pela primeira vez, de galegos nestes Encontros.

6. Apoiam a realização do 3º Encontro de Escritores e Jornalistas da Bairrada, em 1990, na Vila de Oliveira do Bairro, desejando que a respectiva Câmara Municipal apoie a iniciativa como enaltecedora dos valores culturais que são nossos.

CONCLUSÕES

1. Apresentadas as diversas comunicações, durante a manhã e a tarde, neste 3º Encontro de Escritores e Jornalistas da Bairrada, a primeira conclusão a tirar é que em todas elas se evidencia uma clara procura (e por que não uma definição?) da identidade da região bairradina. A forma como essa procura se estabelece e concretiza decorre da análise dos aspectos mais significativos da realidade regional, seja centrada no passado, seja nas perspectivas do futuro.

2. Os trabalhos realizados denunciam claramente uma implicação dos presentes na assunção do papel responsabilizador que lhes cabe. A AJEB, indo de encontro às expectativas de todos os participantes, mostra-se, na verdade, uma referência cultural aglutinadora dos valores da região.

3. Dada a especificidade e multiplicidade dos testemunhos, este 3º Encontro viu-se amplamente enriquecido, atingindo os fins a que se propunha.

De salientar, como propostas de acção sugeridas e discutidas neste Encontro:

3.1. *Pessoas* — ressuscitar aquelas que continuam a fazer em sepulturas de esquecimento (António de Cértima, José Francisco Moreira, padre Agostinho Pires, dr. José Rodrigues, Feliciano Soares, dr. Costa Ferreira, dr. França Martins, arq. Cipriano Maia). Isto é, trazer à memória a obra, para que a obra se institua como valor assumido e reconhecido pelas novas gerações;

3.2. *Lugares* — animar o espaço onde o homem bairradino se determina, através do seu levantamento monográfico;

3.3. *Património* — alertar as instituições para a sua preservação, a partir de a) sua identificação; b) sua classificação; c) sua inserção como expressão e agente de cultura.

4. Assim, neste sentido, resultaram as seguintes propostas a concretizar:

a) Comemorar em 1994 o centenário do nascimento de António de Cértima, em colaboração com a Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, começando-se desde já a estabelecer-se o tipo de participação da AJEB na referida homenagem;

b) Proceder-se, através do empenhamento pessoal dos participantes deste Encontro, ao levantamento histórico, cultural e social, sem perda do rigor científico, a exemplo que hoje aqui foi demonstrado (caso de Vale de Mós), como garante da transformação do passado num alicerce ou numa raiz;

c) Promover a edição do romance de Feliciano Soares, "Crucificadas", pelo seu inegável interesse literário e etnográfico;

d) Retomar o propósito, já tomado no 2º Encontro, de apoiar a fundamentação que permita à ABIMOTA, ou a outra entidade que vier a assumir essa responsabilidade, a criação e organização do Museu da Bicicleta, em local que for considerado mais ajustado, Sangalhos ou Águeda;

e) Promover junto das autarquias da Bairrada a classificação de imóveis de reconhecido interesse e, junto das Câmaras Municipais de Oliveira do Bairro e Anadia, a classificação de duas obras do arquitecto bairradino Cipriano Maia: a casa de António Joaquim de Carvalho, em Oliveira do Bairro, e a casa de António R. Seabra, em S. João da Azenha;

f) Ficou demonstrado neste Encontro o inegável interesse da imprensa regional como fonte documental. Assim, propõe-se que se proceda, com a urgência possível, ao levantamento de todos os órgãos de comunicação social que existiram na região ou que ainda continuam em publicação;

g) Tendo também ficado demonstrada a importância deste tipo de realizações como factor de coesão e dinamização da gente que somos e como o comprovaram o teor destas conclusões, propõe-se a continuação, no próximo 4º Encontro, em Cantanhede, desta procura da nossa identidade;

h) E ainda (porque para isso queremos pedir a atenção máxima) reconhecer que o êxito deste Encontro também fica a dever-se ao inegável

interesse que o senhor presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro nos dispensou, nomeadamente pelo acompanhamento dos nossos trabalhos;

i) Por fim, por proposta da assembleia, é exarado um voto de louvor a Arsénio Mota pelo seu importante trabalho como organizador dos três Encontros já realizados.

bibRIA

NO FIM DE TRÊS ENCONTROS

Por Arsénio Mota

EU tive de fazer alguma força para organizar este terceiro Encontro. Mas não podia ser de outro modo. Assumi perante vós o compromisso de o levar por diante ano passado, no Luso, quando ninguém podia prever em que data a nossa AJEB estaria em condições de funcionar. E agora aqui estou para vos dizer simplesmente que... a missão está cumprida.

No entanto, porque os degraus que percorremos talvez já nos tenham conduzido a um patamar, este momento parece adequado para fazermos uma espécie de balanço do que ficou feito e das perspectivas que temos para o futuro. Acrescentem-se, portanto, às palavras iniciais, algumas outras.

O primeiro impulso leva-nos a comparar o *antes* com o *agora*. Haverá comparação? Em 1988, quando realizámos o primeiro destes Encontros anuais, os escritores e os jornalistas da Bairrada mal se conheciam entre si. A região, praticamente, não tinha cultura própria — alma própria. Subsistia sem objectivação. Esquecia os seus mortos mais gloriosos e mandava os vivos a tratarem da vidinha.

Hoje estamos reunidos. Conhecemo-nos. Comunicamos. Trocamos vivências e conhecimentos. Aprendemos a soletrar esta região que resgatamos centímetro a centímetro aos baldios da incúria acumulada.

Depois de trinta ou quarenta anos de adormecimento ou de catatonia, andámos bem. Nestes três últimos anos, as coisas começaram a mudar.

Lentamente, sim! Nem todos os nossos escritores, jornalistas e homens de cultura de ambos os sexos se livram de um preconceito redutor. O regional confunde-se em certos olhos com o regionalismo e ainda bem que este tema ecoou hoje aqui de forma considerável. Contudo, bem necessário me parece que nos debrucemos mais detidamente em reflexões sobre este assunto numa próxima oportunidade, consagrando-lhe por exemplo todo 4º Encontro.

Mas fica feita em público uma prova fundamental: é possível realizar na Bairrada três Encontros de Escritores e Jornalistas profissionais e colaboradores de Imprensa e Rádio com ligações reconhecidas à região. É mesmo possível criar e pôr em funcionamento uma AJEB, que em poucos meses de existência plena organizou um curso de jornalismo, criou um prémio literário, faz edições de três livros...

Foi uma pedrada no charco e algumas rãs coaxaram, inflando o papo. Quem ia à frente da coluna levou rasteira e doesto. Mas tornou-se claro: este movimento de que participamos honrosamente quer até às fontes mesmas da cultura bairradina — para a inventariar e assumir, viva!

Sabemos que toda a pessoa transporta um *ego*, mas sabemos também que o problema não estará aí. Há pessoas que só sabem girar em torno do seu *ego* como piões de eixo fixo, enquanto outras são capazes de rodarem sobre si e desenharem ao mesmo tempo circunvoluções sucessivas no espaço, que vão abraçando cada vez mais amplamente.

Confesso que hesitei na forma digamos institucional a adoptar para nos organizarmos. Acabei por vos propor a Associação, depois de ter pensado em Centro de Estudos, em Instituto de Cultura, em..., porque a Associação seria sem dúvida a forma potencialmente mais aberta e participativa e, por outro lado, entroncava com a forte tradição associativa dos bairradinos.

Hoje pode questionar-se quem e como começou tudo isto, este movimento que dinamiza e renova culturalmente a região da Bairrada. Os que conhecem os factos, porque deles participaram desde o início, sabem da mão que espalhou a semente da qual nasceram os Encontros e depois a Associação de Jornalistas e Escritores da Bairrada. Perguntem-no, por exemplo, a António da Silva Neves, que "embarcou" na aventura de apoiar a palestra que fiz em Anadia, em Abril de 1988, sobre escritores bairradinos, ou a Joaquim Grangeia Scabra, o primeiro, autor de um artigo publicado no "Jornal da Bairrada" em 29/03/89, a defender a criação da Associação, e o segundo, autor da comunicação ao 2º Encontro que enunciou a proposta. Eles sabem quem os instigou e, numa ânsia de renovação, sonhando com o movimento que hoje já nos vai arrastando,

não desistiu ainda, entre outros afãs, de ver secções literárias ou culturais regulares em todos os jornais da região.

Mas eu acredito que uma ideia é boa só na medida em que seja compartilhada. As ideias são como as cantigas, que são de todos e de ninguém. As melhores ideias, para mim, são exactamente aquelas que os outros fazem suas embora tenham saído da minha cabeça. As melhores ideias devem não ter dono para poderem espalhar-se pelo vento.

De facto, somos nós todos que lhes damos força. Sem gente a encarná-las, as ideias não chegam a ter realidade palpável, vida. E tudo começa por ser ideia... Se alguém dado a miudezas quiser averiguar, preto no branco, o momento exacto em que surgiu a ideia de cada passo deste trajecto, ver-se-á em sérias dificuldades. Porque a Associação foi aventada logo no primeiro Encontro e os primórdios do primeiro Encontro remontam a muito mais longe, até ao ponto de não se atinar se foi o ovo ou a galinha da história que nasceu primeiro...

Mas que pode isso interessar realmente? Nada!, desde que não sejam louros em cabeça imerecida. Este movimento não é de uma pessoa, é de um grupo que caminha. Somos todos diferentes e por essa diferença nos distinguimos. E se entre nós há uma pessoa mais à vista, é tão-só porque ela tem sido a mais responsável.

Neste nosso grupo, neste movimento em crescendo, cabem todas as pessoas que queiram compartilhar os frutos do seu amor pelos valores culturais bairradinos. Precisamos urgentemente de conhecer, divulgar e estudar toda a nossa literatura, todos os nossos poetas populares, todos os nossos artistas, sejam pintores, compositores, autores de textos teatrais, sejam artesãos eméritos. Precisamos urgentemente de estabelecer o contorno geográfico regional e de estudar a arquitectura da casa bairradina. Precisamos de recolher as histórias e ditos tradicionais, os vocabulários populares, e de vasculhar nas velhas estantes os livros poeirentos que nos faltam. Precisamos de encontrar nas colecções de jornais amarelecidos as luzes que não temos. Precisamos... Todos e cada um podem trazer contributos valiosos, imprescindíveis para esta causa. O cortejo começou a sair à rua, oxalá estes Encontros se transformem no mais longo cortejo de oferendas que a Bairrada já teve!

ÍNDICE

Abertura	7
Manuel Alves, Sarça Ardente (1º) <i>por Paulino Mota Tavares e José Machado Lopes</i>	10
Poeta Cavador (1º) <i>por Eduardo Martins Meirelles</i>	18
Manuel Alves, o poeta da revolta (2º)	19
Fausto Sampáio, uma pesada herança de brilho e cor (1º) <i>por António da Silva Neves</i>	21
Arte Pictórica na Bairrada (2º)	23
Dr. José Rodrigues - O Homem e a Obra (3º)	26
In Memoriam do grande musicólogo bairradino David Pinto (1º) <i>por Guilherme Maia Nogueira</i>	29
Padre Acúrcio - Breve história de uma homenagem (2º)	31
<i>por Manuel Filipe</i>	
Oliveira do Bairro sem bairrismo (3º) <i>por Maria Judite F. dos Santos</i>	35
A "Casa Portuguesa" na Bairrada (3º)	39
<i>por Amaro Neves</i>	
Feliciano Soares: A minha terra em romance (3º) <i>por Amor Pires Mota</i>	40
Vamos lembrar Adelino de Mello (2º) <i>por Alberto Lopes de Mello</i>	44

José Francisco Moreira - um poeta quase desconhecido (1º)	47
O Poeta José Francisco Moreira 50 anos depois (3º) por Arménio Moreira Mota	49
Jornais e jornalistas de Bustos (1º)	51
Padre Agostinho Pires (3º) por Hildário Simões da Costa	53
Vale da M6 (3º) por Rosinda de Oliveira	55
A Bairrada vista à distância (1º)	61
Lembranças que a memória guardou (2º) por Heitor Maia Nogueira	64
A Bairrada e a Etnografia (2º)	68
Uma página dos meados do séc. XVII sobre a Mamarrosa (3º) por António Tavares Simões Capão	72
Provérbios populares da Bairrada - Uma tentativa de aproximação (1º) por Adosinda Marques	75
Subsídios para o estudo histórico da região da Bairrada no séc. XVII (2º) por Alice Correia Godinho Rodrigues	81
Raízes de alguns topónimos da região da Bairrada (2º) por Luís Carlos Gama Pereira	87
Provas ciclistas pioneiras na Bairrada (3º) por J. A. Branquinho de Carvalho	89
Bairrada, uma região demarcada (2º)	91
Bairrada-Mulher (3º) por Idália Sá-Chaves	95
A Bairrada e a Gândara: dois amores de ao pé da porta (2º) por Idalécio Cação	98
De obrigações (1º) por Miguel Botelho	101

Democratização e regionalização: os paradoxos (2º)	
<i>por José Ferraz Diogo</i>	103
Subsídios para o estudo e avaliação da informação na região da Bairrada (2º)	
<i>por J. A. Granjeira Seabra</i>	109
Património Cultural e Imprensa Regional (2º)	
<i>por Mário Nunes</i>	113
Discurso (3º)	
<i>por Acílio Gala</i>	118
Língua e Povo - Reflexões sobre a lusofonia (2º)	
<i>por José Rodrigues Fontenla</i>	121
As relações da literatura galega com a portuguesa (2º)	
<i>por Iolanda R. Aldrei</i>	125
O escritor galego perante o problema da língua (2º)	
<i>por Ângelo Brea</i>	127
Por uma literatura regional de alcance universal (3º)	
<i>por António Breda Carvalho</i>	129
O grande problema do escritor (3º)	
<i>por Vasco Branco</i>	132
O artista, homem social (3º)	
<i>por Mário da Rocha</i>	136
Conclusões:	
1º (1988)	146
2º (1989)	148
3º (1990)	150

Quarenta comunicações
por 33 participantes
a três Encontros anuais
(1988-1990).

Versam nomeadamente
figuras e património
história e etnografia
e identidade cultural
da Bairrada.

bibRIA

ESTA EDIÇÃO TEM O PATROCÍNIO DO
GOVERNO CIVIL DE AVEIRO
E DA JUNTA DE TURISMO DE LUSO-BUÇACO